

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ORIGEM FILOSÓFICA E SIGNIFICADO METAPSICOLÓGICO DO CONCEITO
DE PULSÃO DE MORTE EM FREUD

MAURÍCIO HENRIQUES DAMASCENO

Belo Horizonte

2008

MAURÍCIO HENRIQUES DAMASCENO

ORIGEM FILOSÓFICA E SIGNIFICADO METAPSICOLÓGICO DO CONCEITO
DE PULSÃO DE MORTE EM FREUD

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Lógica e Filosofia da Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, com quem dividi, noutra nível, boa parte das inquietações expressas nesta pesquisa. Obrigado pelo carinho e respeito!

À minha querida Mariana, como quem dividi as apreensões por causa de um texto que não saía, as dificuldades da vida prática que se acumulavam e, finalmente, o alívio do final. Estas linhas são pequenas para caber a imensa gratidão.

Ao professor Carlos Roberto Drawin, pelas contribuições pontuais, pelas cobranças necessárias e sempre cordiais, pela tranquilidade com que me ajudou a conduzir este processo e principalmente pela honra que me concedeu. Muito obrigado!

À FAPEMIG – Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Minas Gerais, pelo apoio indispensável. Sem este, certamente, esse trabalho não seria possível.

Aos professores do programa de Pós Graduação em Filosofia pelos momentos de discussão e estudo que contribuíram, direta ou indiretamente, com desenvolvimento desta pesquisa.

À melhor secretária que um programa de Pós Graduação pode ter. Muitíssimo obrigado Andréa!

Para Mariana e Clara,
vida que faz sentido é essa nossa
nossos risos, nossos choros,
cumplicidade de homem e mulher,
estética do ato de ser pai,
Hoje eu estou humanamente em paz.

Was man nicht erfliegen kann, muss man erhinken.

Die Schrift sagt, es ist keine sünde zu hinken
Rückert (*Maqâmât* de al Hariri) citado por Freud em
Além do Princípio do Prazer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	07
CAPÍTULO I: GÊNESE E MODELOS DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA.	18
I.I - O modelo de Brücke: da anatomia à tópica.	26
I.II - Da tópica a dinâmica o modelo de Herbart.	34
I.III - Da dinâmica à economia – o modelo fechneriano.	36
CAPÍTULO II: A PROBLEMÁTICA PULSIONAL	47
II.I – Os dois componentes semânticos principais do termo “instinto”	52
II.II – Ficção Metapsicológica: o aparelho psíquico e o imaginário tópico.	61
II.III – Primeira teoria das pulsões.	67
II.III – Segunda teoria das pulsões.	78
CAPÍTULO III: O SENTIDO METASPSICOLÓGICO DA PULSÃO DE MORTE	83
III.I – Da noção ao conceito.	84
III.II – Filosofia e biologia em <i>além do princípio do prazer</i> .	92
III.III – A distinção entre tendência e função e o caráter extra psíquico da Pulsão de Morte.	
VI: CONCLUSÃO.	118
V: REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS.	
V.I: OBRAS DE FREUD.	124
V.II: OUTROS AUTORES.	125

1- INTRODUÇÃO

Recentemente analistas e filósofos, que há algum tempo se dedicam a pensar a racionalidade própria à Psicanálise, qualificaram de epistemológico o gênero de pesquisa que tem por objeto tanto o modo de conceituação própria à disciplina freudiana quanto à contribuição da psicanálise para uma teoria geral do conhecimento. Este tipo de problema comportaria a investigação de dois diferentes problemas, a saber, a maneira pela qual os psicanalistas tentam pensar o objeto de sua prática e em que a sua maneira de inventar conceitos é diferente da racionalidade geralmente admitida em ciência ou em filosofia.

Esse segundo ponto, sobretudo, é o que mais nos interessa. Sob quais condições um conceito psicanalítico é erigido? Deve responder às exigências de exatidão dos conceitos próprios às ciências mais formalizadas ou, por outro lado, deve ser rigoroso, porém mais próximo da categoria filosófica?

Em primeiro lugar, a exatidão é algo que de saída não interessa ao psicanalista - seu objeto não lhe oferece a possibilidade desta pretensão - e, em segundo lugar, a virtualidade de um tipo de criação conceitual, que poderia aproximar-se ao que ocorre na filosofia, deve encontrar na pesquisa psicanalítica um esforço objetivante que se efetiva na clínica, pois esta é o espaço privilegiado do trabalho analítico.

Entretanto, em sua primeira tarefa - prescindir da exigência de exatidão em função das características de seu objeto - o psicanalista deve ficar atento a algo tão sutil quanto importante: a distinção entre ciência exata e ciência rigorosa. Se o objeto próprio da psicanálise não pode ser submetido a medições e verificações empíricas tradicionais, ele deve, por sua vez, estar sujeito a um rigoroso trabalho que tem pelo menos duas etapas inter-relacionadas: a escrupulosa atenção ao fenômeno clínico e a consistência da

teorização. Por outro lado, em sua segunda tarefa – objetivar a virtualidade do trabalho especulativo em um esforço clínico - o psicanalista deve evitar, a qualquer preço, a sedução racionalizante ou qualquer tipo de diletantismo ou cultivo do hermetismo. Em outras palavras, deve tentar estabelecer critérios de demarcação para sua investigação que possam garantir a seriedade de seu trabalho. Em Psicanálise esse esforço recebeu o nome de Metapsicologia que compreende necessariamente três aspectos: tópico, dinâmico e econômico.

Essa parte da ciência psicanalítica é responsável por sua identidade epistêmica. Considerando que é nesse conjunto de trabalhos especulativos que se encontram os seus principais conceitos. Historicamente, e em sentido estrito¹, esse período se inicia com a introdução da noção de narcisismo – apresentado em 1909 e sistematizado em 1914 – e com a publicação de textos que compõem uma obra jamais publicada e que estão atualmente reunidos sob o título de “Artigos Metapsicológicos”, e que constituem a segunda síntese teórica da psicanálise² que encontra seu termo na introdução do novo dualismo pulsional e da Pulsão de Morte em *Além do Princípio do Prazer* (1920) iniciando um processo teórico denominado segunda tópica.

É exatamente este período do trabalho freudiano que nos interessa especificamente no que diz respeito ao conceito de Pulsão de Morte. Sobre este último é comum encontrar afirmações de que sua introdução em 1920 não faz absolutamente nenhum sentido, e mais, significa na verdade um desvio de Freud do caminho sério e prudente da ciência. Antes mesmo de tentar dizer o que é a pulsão de morte, trata-se de pensar seus antecedentes históricos e epistemológicos remontando a um período que antecede inclusive o interesse direto de Freud pelo tema.

¹ Essa é uma leitura clássica do movimento do pensamento freudiano. Um objetivo periférico deste trabalho é analisar em que medida essa “abordagem clássica” se justifica.

² Faremos mais adiante uma referência à primeira tópica.

A hipótese de apoio é de que o ‘elemento essencial’ do dualismo pulsional da segunda tópica, especificamente da pulsão de morte já estava posto bem antes de 1920. Os remanejamentos teóricos que este dualismo obrigou não são conseqüências exclusivas do seu surgimento e sim resultado de um processo de ‘evolução’ do trabalho teórico de Freud. Trabalho este que começa muito antes do surgimento da Psicanálise e remonta ao período de formação de Freud como pesquisador nos laboratórios de anatomo-fisiologia.

É bem verdade que tais pontos já foram exaustivamente revisados por vários estudiosos da teoria psicanalítica. É o que faz, por exemplo, Jean Laplanche em *Vida e Morte em Psicanálise*, e o que faz Paul Laurent Assoun em *Epistemologia freudiana e Freud a Filosofia e os Filósofos*, e o que fazem outros autores como Ernest Gellner e Luiz Roberto Monzani ao analisarem o movimento do pensamento freudiano. Entretanto, não há dentre essas revisões, uma que encerre o debate, o que faz com que a retomada desta problemática se justifique.

Nossa proposta é de reconstruir as referências utilizadas por Freud para a formulação de sua última síntese metapsicológica na qual a noção de Pulsão de Morte ocupa um lugar central. Entretanto, é preciso considerar que qualquer interpretação sobre algum conceito psicanalítico que ocorra em Freud, só se justifica, tal como indica Laplanche³, na medida em que for capaz de prestar contas de suas opções em uma tríplice perspectiva: **histórica** – capaz de remontar ao *Zeitgeist* que precede e sustenta o trabalho freudiano – **problemática** – percorrendo os textos que abordam a questão direta ou indiretamente até o ponto em que é definitivamente colocada, como é o caso da pulsão de morte em 1920 – e **crítica** – numa tentativa de pensar os remanejamentos teóricos forçados pelo surgimento do novo conceito, como no caso da nova dualidade

³ LAPLANCHE. J. *A Pulsão de Morte na Teoria da Pulsão Sexual* in, Cadernos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro: semana Jean Laplanche, n 1, agosto de 1993, p. 36.

pulsional. Dito isto, tomaremos o esquema proposto por Laplanche como indicação metodológica e dividiremos nossa apresentação em três pontos.

O primeiro ponto (histórico) remete aos fundamentos históricos da metapsicologia freudiana. Aqui são evocados nomes que constituem uma influência geral sobre os trabalhos de Freud: Brücke, Herbart e Fechner. A referência bibliográfica central é o brilhante esquema montado por Paul Laurent Assoun em *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Contudo, embora brilhante, esta obra de Paul Laurent não inclui um filósofo importante cuja contribuição geral para os trabalhos de Freud foi decisiva. Trata-se de Schopenhauer e de as teses apresentadas em *O Mundo como Vontade e representação* com as quais Freud teve contato ainda quando era aluno de Franz Brentano. Se Assoun não coloca Schopenhauer como uma referência geral é porque ele o faz como referência específica em outra obra que nos serve de parâmetro *Freud A Filosofia e os filósofos*. Nesta última Schopenhauer é colocado juntamente com Kant e Platão como referências centrais do texto que serve de base para esta pesquisa: *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Eis, portanto o quadro geral do nosso trabalho delineado: 1º montagem das referências gerais, ou melhor, dos fundamentos históricos da metapsicologia freudiana com o propósito de determinar a gênese da problemática pulsional; 2º montagem das condições desta problemática: seu aparecimento em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), sua definição em *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915)⁴ e finalmente, seus problemas como a introdução da noção de *Narcisismo*; 3º o segundo dualismo pulsional (segunda

⁴ A tradução utilizada aqui é a Edição Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Neste conjunto dos textos de Freud editados por James Strachey, o termo inglês *instint* representa o alemão *trieb*. Inicialmente, tentamos comparar o uso feito por Freud no original em alemão e na a tradução brasileira com o objetivo de determinar se toda vez que o termo *instint* aparece é para designar aquilo que Freud chamou de pulsão (*trieb*). Porém, este trabalho se mostrou longo e dispendioso e, sobretudo, muito além da nossa capacidade. Ficou estabelecido como base de nossas referências apenas a Edição Brasileira, de maneira que toda citação de Freud refere-se a esta edição: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *Standard* brasileira; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

tópica) nos leva diretamente ao texto de 1920 e suas dificuldades. Neste texto dois discursos servem de auxílio a Freud para ratificar a tese central de uma tendência do organismo vivo em retornar ao estado inanimado (chamemos de referências específicas ou fundamentos epistemológicos do conceito de pulsão de morte): a) a biologia e a filosofia. Feito isso, restará uma leitura de *Além do Princípio do Prazer* remontando, passo a passo, a série que o levou a concluir ao final de sete capítulos por um novo dualismo pulsional (vida e morte) e principalmente pela prevalência da pulsão de morte sobre a de vida.

Uma retomada histórica do contexto subjacente ao surgimento da psicanálise tem como objetivo principal analisar em que medida o movimento da filosofia alemã na segunda metade do século XIX influenciou o trabalho teórico de Freud. Conforme nos mostra Zeferino Rocha em seu texto *Freud e a filosofia alemã na segunda metade do século XIX*⁵, tal análise pode ser trabalhada – de modo bastante resumido – considerando quatro etapas de desenvolvimento: 1) o domínio do *idealismo alemão pós-kantiano* forneceu uma configuração específica ao cenário filosófico nas duas primeiras décadas do século XIX. As bases ideológicas fundamentais para a reestruturação do sistema universitário alemão eram estabelecidas por pensadores como Fichte, Schelling e Hegel, numa época em que “a metafísica idealista vivia seu apogeu”⁶; 2) ao mesmo tempo, o movimento romântico inspirava desde a literatura até a *Naturphilosophie*. Na literatura Goethe era considerado principal expoente e era tomado como um “modelo idealizado” pelos filósofos da natureza. Outro aspecto importante era o surgimento de um ramo da Filosofia da Natureza: a medicina romântica, na qual despontou a figura de Carl Gustav Carus, médico que, a partir de seus estudos sobre a *psyché*, irá contribuir – resta saber até que ponto – para o desenvolvimento do trabalho metapsicológico de

⁵ Artigo publicado na revista Síntese – Rer. de Filosofia v. 31 n. 99 (2004): 45-64.

⁶ Idem. p 47

Freud; 3) a fundação da *Sociedade dos Cientistas Médicos Alemães* em 1822 contribuiu para que a *Metafísica idealista pós-kantiana* desse lugar a um outro modelo, inspirado em outro tipo de “retorno a Kant”, pois de 1830 a 1870 as *Ciências Experimentais* redefiniram os padrões da cultura alemã alterando de forma sólida sua fisionomia; 4) nas três últimas décadas do século XIX – período de formação e início dos trabalhos de Freud – a Filosofia alemã ressurgiu marcada por um desdobramento de perspectivas distintas que seria, futuramente, responsável pela ambivalência epistemológica presente na metapsicologia freudiana. Por um lado, marcado pelo esforço positivista das Ciências naturais, o trabalho filosófico acabou por consistir na tentativa de articular especulação filosófica e observação empírica. Por outro, no campo propriamente filosófico, começa a se firmar um movimento de retomada do pensamento de Kant (neo-kantismo) numa orientação mais epistemológica e/ou naturalista. É nesse ponto que se situa o pensamento de Schopenhauer que de forma tão decisiva influenciará, em momentos distintos de sua execução, o trabalho de Freud.

Temos, portanto, um esquema histórico que parte do idealismo alemão pós-kantiano, passando pela *demarchè* romântica e pela primazia das Ciências experimentais, até o período caracterizado pela dupla modalidade da filosofia alemã. Desse percurso interessa especificamente o último por coincidir com o período de formação de Freud – bem como o início de seu trabalho - e, sobretudo, pelo seu caráter conflitivo: de um lado a exigência de um trabalho orientado pela filosofia científica com bases verificáveis, de outro um recurso *ad hoc* à especulação filosófica que indica a inclinação freudiana por certas “aventuras intelectuais”.

Essa “dupla cidadania” é responsável pelo próprio ato fundacional da Psicanálise. Ela (a Psicanálise) não é nem método positivista, nem um “amontoado” de especulações filosóficas, mas o resultado do encontro de *exigências díspares*, como a

epistemológica e metafísica, das quais Freud não poderia abrir mão sem enfrentar problemas. Entretanto, se prescindir de uma ou outra implicaria em esbarrar em problemas complexos, assumi-las ao mesmo tempo não foi uma tarefa fácil e nem careceu de ambigüidade.

Eis aí a necessidade de trabalhar os textos de Freud numa segunda perspectiva: a problemática. Fazer isso significa levar em conta uma característica singular do pensamento freudiano. Existem pelo menos duas formas de abordar seus textos:

- A primeira consiste em pensar que o trabalho de Freud não está sujeito a uma simples cronologia em que as descobertas, sejam elas clínicas ou especulativas, acrescentar-se-iam umas às outras, como na perspectiva de uma simples linearidade

- A segunda consiste em trabalhar os textos freudianos numa perspectiva de ruptura dividindo-os em quatro grandes sínteses teóricas, a saber: antes de 1896 – data emblemática, pois consiste no momento em que Freud por motivo da morte de seu pai coloca-se em trabalho exclusivamente analítico abandonando resquícios de sua antiga orientação científica, embora isso jamais ocorra definitivamente. Foi o período caracterizado pelos estudos médicos de Freud, sob a orientação de Brücke e Meynert, mas que também, se deslocando para a clínica ele conheceu Josef Breuer que lhe revelou o valor do sintoma histérico e o princípio do método catártico através da hipnose. Foi também a época em que ele viajou a Paris para trabalhar com Charcot e que, depois de exaustivo trabalho clínico, publicou com Breuer os *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Outro fator decisivo para o desenvolvimento da Psicanálise é a relação entre Freud e Fliess que compreende o período que vai de 1887 a 1902 e marca propriamente o nascimento da Psicanálise. Freud abandona os trabalhos com a hipnose e passa explorar uma nova técnica, a associação livre que se tornará a fonte por excelência do saber analítico. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]),

constitui o primeiro ensaio de modelização da explicação psicanalítica, embora ainda partindo de um modo de pensar neurológico. O período que compreende os anos de 1897 a 1905 é considerado como o momento de fixação dos fundamentos. Em busca de uma “teoria geral das neuroses”, Freud identifica o papel determinante desempenhado pela sedução precoce de um adulto na gênese das neuroses. Essa “cena primitiva” da qual não se pode ter “indícios de realidade” é considerada efeito de um desejo que Freud denominará como sendo “inconsciente”. A Psicanálise encontra, portanto seu objeto próprio, explorado por Freud em dois sentidos determinantes: 1) estabelecimento de uma “gramática do inconsciente” na qual o sonho desempenha papel privilegiado; 2) formulação de uma teoria da sexualidade infantil e da pulsão sexual. De 1905 a 1914 há uma crise dos princípios básicos de sua teorização. A introdução da noção de “narcisismo” juntamente com os primeiros escritos metapsicológicos, constituem a “segunda síntese teórica” da Psicanálise. O último período – 1915 a 1938 – é marcado principalmente pela ruptura com o período anterior. É introduzida a noção de Pulsão de morte, em *Além do Princípio do Prazer* (1920). A desestabilização do dualismo pulsional fundamental (fome/amor), provocada pela introdução do narcisismo, exige um remanejamento teórico por parte de Freud que no lugar do dualismo pulsões sexuais/pulsões de autoconservação, introduzirá o dualismo pulsão de vida – agrupa, dentre outras coisas, pulsão do Ego e pulsão de autoconservação – e pulsão de morte.

Entretanto, como avaliar a significação e relevância dos textos e quais textos adotar e, ou, excluir quando ao pesquisador interessar, por exemplo, o tema da Pulsão de Morte? Seria necessário um retorno ao texto *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895 – considerado pelos defensores da idéia de ruptura como uma peça de museu – ou o interesse deve recair exclusivamente no texto de 1920, *Além do Princípio do*

Prazer, no qual o dualismo pulsional é formalmente apresentado? Essas são algumas questões que poderiam derivar da adoção de uma abordagem tripartida.

Diante desse impasse metodológico torna-se necessário tomar uma posição. Na perspectiva que adotamos o estudo dos textos freudianos deve considerar os efeitos da *Nachträglichkeit*, isto é, os efeitos produzidos pelo contínuo esforço de criação conceitual de Freud nas aquisições teóricas anteriores. Feito isso, as possibilidades interpretativas seguirão um curso natural. Aqueles que enfatizam as rupturas no conjunto do percurso teórico freudiano dirão que o texto de 1920 representa, sem dúvida nenhuma, a maior delas. Numa avaliação negativa Marthe Robert⁷ dirá, por exemplo, que as considerações clínicas exploradas no texto, de alcance limitado, resultam rapidamente em especulação e que Freud, ao abandonar a retidão do trabalho científico, mergulhou de forma lamentável num oceano especulativo. Ou como mostra Luiz Roberto Monzani⁸, a sua teorização *passou a ser imediatamente sinônimo de filosofia, filosofia cosmológica, metafísica e conceitos congêneres todos lidos à luz de uma censura positivista*. Essa ruptura, avaliada negativamente, provocada pela introdução de um novo dualismo pulsional e da noção de Pulsão de Morte teria um efeito duplo: o primeiro metapsicológico – os fundamentos da teoria psicanalítica teriam sido revisados radicalmente – o segundo epistemológico – o estatuto teórico da Psicanálise não seria mais o mesmo: de ciência ela passaria a ser metafísica.

Entretanto, se o ponto de partida for uma perspectiva de continuidade que desconsidera sem desconsiderar as mudanças, mas tomando-as como momentos de reconfiguração no movimento de pensamento freudiano, a idéia de ruptura deve ao menos prestar conta a duas questões: 1) a noção de pulsão de morte realmente representa uma ruptura metapsicológica drástica no desenvolvimento do pensamento

⁷ M. ROBERT. *A Revolução Psicanalítica* 1968, p 339.

⁸ R. MONZANI. *Freud: O movimento de um Pensamento*, 1989, p 149.

freudiano? 2) o modo especulativo de trabalho, indubitavelmente marcante em 1920, seria uma característica apenas específica deste texto?

Dito isso, só podemos tomar posição por um método que considere no texto freudiano a necessidade de encadeamento dos temas numa série. Daí a necessidade de retomar Freud num percurso amplo, capaz de pensar dificuldades clínicas e contradições teóricas como características intrínsecas de um pensamento que se pretende fiel à apreensão da “coisa mesma”, isto é, desse objeto “inapreensível” que é a pulsão de morte tema desta pesquisa. Em Freud, as contradições e dificuldades não podem ser evitadas, pois estão ligadas as dificuldades do próprio objeto. Elas revelam o caráter singular de uma nova proposta epistemológica. Portanto, levar as contradições e dificuldades ao extremo tem como objetivo encontrar, em outro nível, uma formulação que modifique a posição do problema.

Eis aí o tripé metodológico montado. É com o objetivo de fazer “circular” os aspectos históricos e os problemas da teorização que se estabelece a necessidade de uma crítica. Crítica significa antes um esforço criterioso de sistematização do pensamento analisado do que uma atitude polemista diante dos impasses que a teoria apresenta. Se dissemos acima que o pensamento de Freud é marcado por idas e vindas, por contradições e dificuldades e reedições de vários elementos teóricos, polemizar apenas é a última coisa que nos fará avançar no trabalho destes textos. Sobretudo se o texto em questão for aquele comumente chamado de o mais “obscuro” dentre os trabalhos de Freud: *Além do Princípio do Prazer*.

Texto que rompe a seqüência dos trabalhos de Freud ou texto que nos obriga retornar em trabalhos não mais tão explícitos nesta seqüência? Novamente o se apresenta é a questão de saber: ruptura ou continuidade?

Para alguns, a temática tratada em *Além do Princípio do Prazer*, embora represente um “retorno”, marca o rompimento de um trabalho regido pela retidão do catecismo científico em benefício da sedução especulativa, o que se revelaria na irrelevância terapêutica da noção de Pulsão de Morte que, como reconheceria o próprio Freud, teria uma incidência mínima no trabalho do analista, considerando que, para este último, o que interessa são os conceitos de agressão e auto-agressão. Para outros, o texto recoloca questões que sempre estiveram presente nos diversos escritos de Freud e, portanto, caracterizaria o resultado de longo período de amadurecimento do modelo argumentativo e do surgimento de uma forma própria de produzir conceitos.

De saída podemos afirmar que a Metapsicologia freudiana é o “lugar” onde os conceitos psicanalíticos adquirem “substância” e ao mesmo tempo identidade epistêmica. Contudo, embora isso seja muito, não é o suficiente para resolver a questão que se coloca acima – ruptura ou continuidade. Sendo assim, nosso esforço consistirá em retirar do conjunto metapsicológico um *grundbegriff*, identificar suas bases históricas metodológicas, problematizá-lo e por último produzir uma crítica que possa nos situar diante da dicotomia em questão. Ruptura ou continuidade? É uma das posições que pretendemos tomar ao final de uma análise histórica, problemática e crítica do conceito de Pulsão de Morte.

CAPÍTULO I – GÊNESE E MODELOS DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Na mesma época em que a psicanálise estava em vias de se constituir como um novo campo do saber desencadeava-se, sobretudo no mundo acadêmico alemão, uma intensa disputa epistemológica. Essa polêmica epistemológica cristalizou-se notadamente numa oposição que polarizou diferentes opções teóricas e metodológicas. Essa polêmica que ficou conhecida como “querela dos métodos” encontrou a sua expressão típica na oposição entre “explicar” (erklären) e compreender (verstehen). De um lado havia um imaginário positivista cujo representante mais ilustre poderia ser representado por Auguste Comte e do outro emergia uma nova concepção que tinha no filósofo alemão Wilhelm Dilthey o seu mais importante representante. Este se esforçava por constituir num campo específico de pesquisa, um novo método que, por sua vez, implicava numa postura epistemológica que se opunha ao que estava estabelecido no âmbito das Ciências da Natureza. Se contrapondo ao modelo positivista ele propõe o modelo hermenêutico que deveria prevalecer no campo de saber denominado Ciências do Espírito, ou ainda, Ciências Morais.

Com pretensões de ser um campo inédito, as *Ciências do Espírito* provocam uma reforma no quadro epistemológico obrigando um reposicionamento da comunidade científica que agora se via dividida entre duas propostas metodológicas radicalmente diferentes. Diferença esta que aparentemente não afeta a Psicanálise que estava surgindo naquela mesma época. Freud afirma objetivamente que seu trabalho se constitui no seio das *Naturwissenschaften* (Ciência Natural). Isso é facilmente corroborado quando se examina os precedentes históricos e epistemológicos dos textos freudianos.

O objetivo deste primeiro capítulo é determinar alguns destes precedentes, isto é, a forma como alguns autores e idéias foram absorvidos por Freud no estabelecimento da

teoria psicanalítica e, em especial, em sua formulação sobre o conceito de Pulsão de Morte. Eis aí um longo itinerário, para alguns é bem improvável, e que liga os primeiros trabalhos freudianos ao último esforço metapsicológico com o qual é introduzido o conceito de pulsão de morte.

A estratégia utilizada por Paul-Laurent Assoun em *Introdução à Epistemologia Freudiana*⁹ nos parece bem apropriada por ater-se aos fundamentos históricos da metapsicologia freudiana, remontando a todo um quadro de referências que se inicia com Brücke, passa por Herbart e se encerra em Fechner. Obviamente, a montagem de um cenário que pretenda resgatar o momento do surgimento da psicanálise remete a um período bem anterior ao que o texto de Assoun pretende recobrir, contudo, por questões práticas nos limitaremos ao enquadre por ele proposto que por sua pertinência compensa o longo período negligenciado.

Na segunda parte de seu livro Paul-Laurent Assoun sugere uma abordagem dos fundamentos históricos da metapsicologia freudiana pela seguinte via: em primeiro lugar procura mostrar a passagem da prática anatômica ao ponto de vista tópico – tomando como referência o modelo brückiano – em seguida apresenta o momento de filiação de Freud à psicologia de Herbart, filiação esta que resulta num desdobramento fundamental do pensamento freudiano: do método das relações ao que ele designa como explosão do sujeito e, finalmente, remete ao modelo fechneriano que caracteriza o surgimento de uma exigência quantitativa nos trabalhos de Freud assinalando a passagem da dinâmica à teoria do econômico.

Outra maneira de abordar os antecedentes históricos da metapsicologia freudiana seria por meio de uma retomada histórica cronologicamente mais ampla do contexto subjacente ao surgimento da psicanálise. É o que faz, por exemplo, Zeferino Rocha em

⁹ ASSOUN, P.L. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Imago, Rio de Janeiro. 1983.

seu artigo *Freud e a filosofia alemã na segunda metade do século XIX*¹⁰. Sua análise considera quatro etapas de desenvolvimento: 1) O domínio do *idealismo alemão pós-kantiano* que forneceu uma configuração específica ao cenário filosófico nas duas primeiras décadas do século XIX. Ele mostra como as referências filosóficas e as bases ideológicas fundamentais para a reestruturação do sistema universitário alemão foram estabelecidas por pensadores como Fichte, Schelling e Hegel, numa época em que “a metafísica idealista vivia seu apogeu”¹¹; 2) O movimento romântico que, a partir do *Sturm und Drang*) inspirou um amplo espectro cultural que se estendeu desde a literatura e as artes em geral até a medicina e a filosofia da natureza (*Naturphilosophie*). Na literatura Goethe foi considerado como um de seus principais expoentes e tomado como um “modelo idealizado” pelos filósofos da natureza. Um aspecto importante que se deve ressaltar foi o surgimento de um ramo da Filosofia da Natureza: a medicina romântica, na qual despontou a figura de Carl Gustav Carus, médico, filósofo e pintor que, a partir de seus estudos sobre a *psyché*, iria contribuir para o desenvolvimento da idéia de inconsciente e a dinâmica dos sonhos e influenciou Freud que, no entanto, não faz nenhuma referência à sua obra;¹² 3) A fundação da *Sociedade dos Cientistas Médicos Alemães* em 1822 contribuiu, em meio à grande transformação da filosofia alemã, para que a *Metafísica idealista pós-kantiana* desse lugar a outro modelo, inspirado em outro tipo de “retorno a Kant”, pois de 1830 a 1870 as *Ciências Experimentais* redefiniram os padrões da cultura alemã alterando de forma sólida sua fisionomia; 4) Nas três últimas décadas do século XIX – período de formação e início dos trabalhos de Freud – a Filosofia alemã ressurgiu marcada por um desdobramento de

¹⁰ Artigo publicado em: Síntese. v. 31 n. 99 (2004): 45-64.

¹¹ Idem. p 47

¹² Duas obras de Carus são relevantes: “Psiquê – sobre o desenvolvimento da alma humana” de 1846 e “A simbólica da forma humana” de 1853. Ver ANDRADE, Ricardo sobral de. A face noturna do pensamento freudiano. Freud e o romantismo alemão. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2001. p. 105-157.

perspectivas distintas que seria, de algum modo, parcialmente responsável pela ambivalência epistemológica presente na metapsicologia freudiana. Por um lado, marcado pelo esforço positivista das Ciências naturais, o trabalho filosófico acabou por consistir na tentativa de articular especulação filosófica e observação empírica. Por outro, no campo propriamente filosófico, começa a se firmar um movimento de retomada do pensamento de Kant (neokantismo) numa orientação mais epistemológica e de inclinação naturalista. É nesse ponto que se situa o pensamento de Schopenhauer cuja obra maior foi publicada muito antes mas que encontrou intensa difusão apenas na segunda metade do século XIX e que influencia, de modo significativo, vários momentos do trabalho freudiano e que deve, por isso, ser considerado como uma referência filosófica fundamental do pensamento freudiano.

Temos, portanto, um esquema histórico que parte do idealismo alemão pós-kantiano, passando pela *démarche* romântica e pela primazia das ciências experimentais, até desaguar no período caracterizado pela dupla modalidade da filosofia alemã. E muito embora não seja este o curso que tomamos em nossa exposição, é preciso dele reter a importância que tem para a formação de Freud os diversos movimentos que caracterizaram não só as correntes do século XVIII, mas, sobretudo, a passagem para o século XIX. Dito isso, ressaltamos que irá nos interessar, sobretudo, os terceiro e quarto momentos da periodização proposta por Zeferino Rocha. Lembrando, entretanto, que o período do final do século XVII ao início do século XIX vê nascer não apenas o que podemos chamar de positivismo científico alemão como também o vitalismo como importante corrente filosófica e que ambos tiveram considerável impacto nos meios científicos e médicos. Impacto que determinou não apenas o sentido da relação entre Freud e Schopenhauer, mas, também entre Freud e a própria Filosofia em geral.

Após a morte de Schopenhauer, em 1860, a difusão de sua filosofia, sob liderança de Julius Frauenstädt, levou à formação de um verdadeiro culto em torno de suas idéias. Entretanto, às margem da orientação doutrinária encabeçada por Frauenstädt, surgem discípulos livres como Nietzsche, que leu o *Mundo como Vontade e Representação* em 1865, e Edouard von Hartmann que publicou em 1869 sua *Filosofia do Inconsciente*. Esta última obra contribuiu, por sua vez, com a polêmica sobre o sentido da relação entre ciência e filosofia. Aspecto nada secundário se considerarmos que Freud acabaria por instaurar um campo teórico para o qual essa problemática de fronteira não seria, de modo algum, irrelevante.

Surgindo depois do deserto metafísico que se seguira á morte de Hegel, Hartmann ousa retomar esse discurso metafísico tão radicalmente proscrito com a invasão das ciências da natureza. Ele alimenta o projeto de superar a antinomia da especulação filosófica e do saber científico que se havia cristalizado com a negação do hegelianismo na Alemanha.

O esforço de Hartmann, que consistia na tentativa de superar o divórcio entre a ciência e a especulação, estabelece duas atitudes opostas: a dos metafísicos, sejam eles hegelianos ou schopenhaurianos, que denunciam a inconsistência filosófica e o ecletismo doutrinário, o que implica na reconciliação de dois inimigos – o que ira custar a excomunhão de Hartmann da igreja schopenhauriana; e a dos fisiologistas positivistas e materialistas que recusam enfaticamente a base pseudocientífica do sistema filosófico e o emprego ilícito de fatos para alimentar o delírio especulativo. Apesar do mal-estar suscitado por seu esforço de mediação crítica também se criou uma corrente paralela para sustentar as idéias de Hartmann.

Mais importante, no entanto, do que precisar qual corrente sai vitoriosa deste inventário de posições, é indicar quais delas irão influenciar os trabalhos de Freud. È ai

que surge uma espécie de movimento de base científicista que pretende, à luz da tentativa hartmaniana, manter a recusa à especulação metafísica em geral mantendo, porém, um interesse particular pela metafísica de Schopenhauer¹³.

A filosofia de Schopenhauer, apesar de sua pretensão e alcance metafísico, debruçava-se sobre o desenvolvimento da fisiologia, da patologia, da anatomia, e, mesmo, da astronomia física e do magnetismo animal e implicava, portanto, como procedimento metodológico, a observação direta. A sua originalidade consistia na pretensão de que a sua construção não pressupunha a aceitação de um sistema metafísico prévio, mas apenas a exigência de que qualquer um que estivesse livre de preconceitos poderia, por meio do trabalho objetivo, chegar ao cerne de sua própria proposta metafísica. Em linhas gerais o que o filósofo parece afirmar é que a ciência da natureza chega, seguindo seus próprios meios, a um ponto extremo onde suas explicações param, daí em diante passa-se ao domínio da metafísica.

Em Freud, essa especulação metafísica recebe outro nome – o de Metapsicologia – preservando a principal indicação metodológica de procedência schopenhauriana: quando a investigação empírica encontra seu termo passa-se ao plano da especulação teórica.

Ao utilizar o modelo epistêmico de Schopenhauer, Freud – tomando como referência as idéias que se difundiam a partir do científicismo, do naturalismo e do positivismo – podia postular não só um conjunto de conceitos fundamentais, mas também, dentre eles, um conceito que ultrapassaria o próprio domínio da representação, a saber, o conceito de pulsão¹⁴. Eis aí o sentido da relação entre os dois pensadores, bem como o seu resultado, a postulação de um conceito forjado no limite entre o somático e o psíquico.

¹³ ASSOUN, P.L. *Freud a Filosofia e os Filósofos*. RJ: F. Alves, 1978. p. 200.

¹⁴ *Idem*. p.212.

Em seu modo peculiar de organização a metapsicologia freudiana se estabelece sobre um tripé conceptual que estrutura a sua identidade epistêmica. Esse tripé é constituído por três pontos de vista que são os planos tópico, econômico e dinâmico. A partir deles Freud organizará seu empreendimento que consiste, sobretudo, na delimitação de um “espaço” psíquico marcado pela circulação incessante de quantidades de energia que são ora livres, ora vinculadas.

Este tripé constitui o meio conceptual próprio de investigação da psicanálise e a relação entre eles constitui o objetivo epistemológico mais fundamental da obra freudiana porque todos os principais conceitos psicanalíticos – ressaltando o de pulsão – só podem ser pensados a partir da relação destas três dimensões.

Após ter produzido uma abordagem metapsicológica do inconsciente e ter desenvolvido a elaboração tópica e dinâmica do recalque Freud operou uma decisiva reformulação em seu esquema teórico: *Observamos como, pouco a pouco, na apresentação dos fenômenos psíquicos, conseguimos fazer prevalecer, além dos pontos de vista dinâmico e tópico, o ponto de vista econômico*¹⁵. A identidade epistêmica da Psicanálise, a sua identidade conceptual, passa a ser definida por uma articulação de três níveis e a partir daí o termo metapsicologia passa a significar a tentativa de descrever e compreender o processo psíquico recorrendo à tópica, à dinâmica e ao econômico.

Trata-se, portanto de estabelecer as inter-relações, ou seja, a abordagem de um mesmo objeto – o processo psíquico – através desses diferentes pontos de vista. Mas esta é uma tarefa difícil se considerarmos que a característica essencial desta montagem metapsicológica é a necessidade de que as partes sejam tomadas como um conjunto dotado de alguma consistência.

¹⁵ Citamos as obras de Freud de acordo com a “Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas” utilizando a seguinte convenção: ESB, volume em algarismos romanos e página em arábicos. Cf.: ESB XIV, 280.

Se não há um primado de um plano em relação a outro deve haver, não obstante, um sentido na construção teórico, sentido que pode ser atribuído à necessidade de certa ordenação lógica: os pontos de vista que são isolados, quando tomados abstratamente, atingem, com a junção do terceiro, o estatuto de um conjunto mais ou menos sistemático que, por sua vez, constituirá o “acabamento (*Vollendung*) da pesquisa psicanalítica”.

A metapsicologia é, portanto este conjunto em torno do qual orbitam primeiro duas dimensões – as dimensões tópica e dinâmica formam um conjunto separado – e, depois, outra cuja distinção das anteriores já exige uma interpretação. A ordem do discurso freudiano indica num primeiro momento uma teoria dos lugares e num segundo uma teoria sobre a circulação das energias, num terceiro momento se impõe uma teoria das forças, a ordem da pulsão, que indica outro percurso que se inicia em 1895 data do texto que poderia ser denominado como um verdadeiro “Tratado das quantidades psíquicas”.

Ou o *Projeto de 1895* exprime a prevalência cronológica do ponto de vista econômico – apesar da ordem de exposição sugerida por Freud seguir noutra direção –, ou podemos considerar que a ordem sugerida por Freud reproduz a “progressiva” mudança de estratégia discursiva que se inicia com a pesquisa anatômica e culmina na pesquisa “psicológica” propriamente dita. A questão que se impõe é a seguinte, tomando o texto de 1895 como “primeiro”, a tese sobre a prevalência de uma teoria do econômico ganha força, por outro lado, se o texto for inserido numa série que se inicia anos antes no laboratório de Brücke, o *Projeto* pode ser pensado como término de um período em que várias referências se justapõem, tal como num “mosaico”, para resultar num projeto original denominado Psicanálise.

Neste sentido, não haveria prevalência da teoria do econômico, mas do conjunto que esta última ajuda a compor. Noutras palavras, o que prevalece é o conjunto cuja função mais básica é servir de fundação para o edifício metapsicológico. É claro que em momentos distintos da teorização freudiana, veremos a ênfase recair sobre um ou outro aspecto metapsicológico. A teorização sobre o inconsciente exigiu uma ênfase do ponto de vista tópico, a teoria dos sonhos do dinâmico e finalmente, a teoria das pulsões do econômico. Entretanto, bastará suprimir um dos aspectos para perceber sua relevância.

Seja como for, importa para efeito desta pesquisa examinar os modelos que forneceram subsídios para a *démarche* freudiana, nesse sentido, por tratar-se de uma abordagem essencialmente histórica, o problema do ordenamento dos planos conceptuais não representa grande dificuldade. Entretanto fica a indicação para uma problematização futura que reconstrua o ordenamento levando em consideração o *Projeto* de 1895 e, em função disto, a prevalência ou não, de uma determinada dimensão teórica em detrimento das outras. Vamos, no restante desse capítulo, seguirmos basicamente a proposta de Paul-Laurent Assoun de reconstruir a gênese e a estrutura da epistemologia freudiana a partir de três modelos fundamentais.

I. I. O MODELO DE BRÜCKE: DA ANATOMIA À TÓPICA.

Segundo Assoun, quando Freud confere à sua *démarche* essa ordem em três planos – o tópico, o dinâmico e o econômico – ele postula uma prioridade do “ponto de vista tópico”, como se dele devesse partir a investigação metapsicológica: *primeiramente, determinar o lugar: os processos virão depois – mesmo que constituam o essencial.*¹⁶

¹⁶ ASSOUN, P.L. *Introdução a Epistemologia Freudiana*. RJ: Imago, 1983. p 113.

Se considerarmos que foi sob o patrocínio da anatomia que Freud deu seus primeiros passos, concluiremos que não haveria como partir de outro lugar que não o próprio corpo. Embora a Psicanálise, ou melhor, dizendo, a pesquisa psicanalítica não se restrinja obviamente ao corpo ela parte dele para dele se desdobrar numa outra dimensão. Uma linhagem nova de ciência que explora certos desdobramentos complexos da matéria orgânica. Aqui as razões de uma Psicanálise que se pretenda como uma Ciência da Natureza são amplamente justificadas. Uma Ciência da Natureza cujo ponto de partida é o mesmo das ciências biológicas, mas delas se distingue quanto ao objeto formal e, em consequência, também em relação ao método a ser utilizado.

A extensão da idéia de ‘matéria’ produz na Psicanálise um novo senso de propósito, embora seja necessário dizer que o dispositivo epistêmico que investe o campo dos fenômenos psicanalíticos não brota totalmente constituído deste campo: ele herda mesmo contraditoriamente, modalidades posicionais de objetos que Freud explorou antes. Dito de outra forma, a “matéria” que se sujeita à dissecação – orgânica- da lugar aos “materiais patogênicos” que por sua vez estabelecem uma exigência de trabalho operada num outro nível: o psíquico.

Isso não significa minimizar a diferença do objeto analítico, e sim constatar que sua descontinuidade em relação ao campo que o precede só é medida por meio de instrumentos que Freud já dispunha. A pergunta que se impõe é que instrumentos são estes?

Para responder a essa questão é preciso retornar a 1876, época em que Freud desenvolve um trabalho sobre zoologia marinha, investigando a estrutura gonática das enguias, sob a orientação de Carl Claus diretor do Instituto de Anatomia Comparada. Logo depois Freud parte para o trabalho que o influenciaria de maneira decisiva e onde

os cânones do procedimento científico se fixarão como um hábito, como uma conduta metódica: o trabalho no laboratório de seu novo tutor Ernest Brücke.

É bem possível que a relação de Freud com preceitos do programa fisicalista se dê, sobretudo, por meio de sua relação com Brücke. Este último tinha a fisiologia como uma extensão da física. Para ele o fisiólogo é um físico dos organismos e aquilo que unifica estes dois campos é o princípio de conservação da energia, em virtude do qual a soma das forças permanece constante em todo sistema isolado. Imediatamente Freud adere a este quadro de pensamento e se insere numa filiação facilmente identificável.

Entretanto, essa clara identificação produz um problema que envolve o surgimento da Psicanálise: seria ela um saber científico autônomo com um conjunto de teorias e conceitos consistente, dotado de um método e de uma terminologia próprios e, portanto, portador de uma clara identidade epistêmica? Ou seria antes uma espécie de “meta-biologia”, algo como uma continuação mais ou menos dissimulada da pesquisa biológica orientada pelo modelo físico?

Conforme dirá Assoun, esse problema gira em torno de um duplo diagnóstico feito por Ernest Jones. Para ele a transferência de Freud com o pensamento científico se dá por duas vertentes¹⁷:

a) Freud reteve de sua relação com Brücke um notável senso de rigor que o acompanha até o final de seu trabalho;

b) Esse senso de rigor se expressa por meio de uma concepção fisicalista e é, portanto, desta combinação que Jones concluirá que Freud teria utilizado esse quadro de referência para justificar suas descobertas. A psicanálise seria o resultado da aplicação, ou melhor, do desdobramento do modelo fisicalista que teria como superestrutura o pensamento psicológico.

¹⁷ Idem, p. 118.

Tomando como verdadeira ou ao menos como legítima essa afirmação, teríamos que concluir com Jones que a Psicanálise não possui princípios epistemológicos próprios e que todo o sentido da intervenção freudiana teria consistido em aplicar tais princípios a fenômenos recém descobertos. Contudo, para entendermos se a leitura de Ernest Jones procede, teremos de entender o tipo de pesquisa que Freud praticava e onde, nesta pesquisa, recaía seu interesse.

A tarefa que é atribuída a Freud é a observação microscópica da estrutura histológica da célula nervosa. A partir daí seu trabalho passa a centrar, conforme relata Assoun, *num domínio privilegiado e quase exclusivo: a anatomia*¹⁸. Não obstante isso, Freud aprimora seu método de verificação introduzindo novas técnicas de exame dos tecidos nervosos (utilizou cloreto de ouro para colorir os tecidos nervosos e facilitar a observação).

Paul Laurent Assoun retém três aspectos importantes desta prática científica:

*Em primeiro lugar a anatomia é o terreno essencial de sua démarche; em seguida, esse trabalho de observação é relacionado com a verificação da teoria genética do sistema nervoso; enfim, o aspecto tecnológico é central: o aprimoramento do procedimento de investigação é determinante.*¹⁹

A partir daí torna-se possível pensar que, para o jovem Freud, *a pesquisa científica é essencialmente uma técnica*. Esta técnica era basicamente a observação: para ele fisiologia significa histologia e não experimentação. É, portanto, a observação do órgão que define a *démarche* de investigação freudiana, ou, em outras palavras, é a observação da estrutura que fornece chave para a inteligibilidade da funcionalidade: se há um lugar onde o fisiológico pode ser lido é na própria anatomia. Aqui a tese da ausência de identidade epistêmica perde força. Não são os princípios que Freud importa da antiga episteme, mas a técnica. Esta por sua vez, exigirá todo um trabalho teórico

¹⁸ Idem. p, 119.

¹⁹ Idem. p, 120.

capaz de lhe fornecer sustentação; Freud retém dos procedimentos anatômo-fisiológicos o recurso técnico, o insere-os em um conjunto teórico específico reposicionando desta forma a relação com os objetos: anatomia ----- psiquismo.

A preferência de Freud pelo “olhar em detrimento da experimentação” não é gratuita. Para Assoun – a partir da leitura que faz de Ernest Jones – sempre que Freud tentou valer-se deste método não logrou êxito. O que nos leva a crer que os sucessivos fracassos experimentais forçam Freud a buscar uma alternativa que tornasse possível a aplicação de seu esforço científico. Essa alternativa é a abordagem anatômica – podemos dizer tópica – em detrimento de uma abordagem mais convencional, a da fisiopatologia experimental. Nesta última, o que é dado a conhecer ou é a função, ou as relações entre as funções, ou ainda, a relação da função com seu substrato anatômico (órgão ou aparelho). O essencial é *que sejam evidenciados efeitos cujo substrato é indeterminado: a anatomia serve apenas como referência para um jogo de interações, por natureza invisível.*²⁰ Por outro lado, na abordagem anatômica, o substrato é dado: *trata-se de orientar-se num espaço já constituído, de torná-lo visível e de explorá-lo geograficamente. O elemento qualitativo introduzido pela interação funcional transforma-se, pois, no realismo topológico.*²¹

Se para Freud, conforme mostra Assoun²² a pesquisa científica é um esforço técnico (uma lógica do procedimento) onde se situa então a teoria? “*A teoria constitui-se como desafio da técnica e sua verificação pretende, dentre outras coisas, revelar materialmente o vestígio na estrutura que a confirma*”. Entretanto, se o caminho para tal se dá claramente pela via científica, não se pode afirmar com tanta certeza que seja pela ciência médica.

²⁰ Idem. p, 122

²¹ Idem. Ibidem.

²² Idem. p. 123.

O rigor metodológico de Freud estava vinculado à sua atividade científica, à sua vocação para a pesquisa pura que, na verdade, o distanciava da medicina. Suas resistências em relação à carreira médica são conhecidas: *nem em minha juventude, nem mais tarde, senti predileção particular pela situação e pelas ocupações do médico*²³. Resistência que acabou cedendo diante dos obstáculos que lhe dificultavam o ingresso na vida acadêmica e diante da necessidade de assegurar algum meio estável de sobrevivência. Assim, a prática clínica, não sendo o resultado de sua vocação, torna-se um campo privilegiado deste trabalho intenso e ainda impreciso em sua montagem teórica, mas extremamente audaz em sua pretensão epistêmica. De modo que o rigor apreendido na pesquisa pura reaparece na clínica na forma desta pretensão em construir um novo saber científico²⁴.

A análise das relações funcionais a partir da estrutura anatômica não só exigiu que se forjasse novos procedimentos técnicos, mas levou a uma concepção de ciência e uma metodologia que a audácia freudiana transpôs a um outro campo muito diferente daquele no qual tinham se originado. Seja como for, pertencendo a um conjunto bem estabelecido de conceitos, o método e a técnica tem funções bem determinadas: visam garantir a relação – positiva ou não – dos conceitos com a experiência, sendo o método a forma de procurar e a técnica a maneira pela qual se chega ao que se procura. O problema de Freud é: o que esta sendo procurado?

É em Paris, sob a orientação de Charcot, que a resposta a esse questionamento começa a ser pouco a pouco delineada. Ao final do ano de 1885 se deu o verdadeiro contato com a clínica, embora o contato com o trabalho clínico já tenha se iniciado desde 1882 quando ele começa a sua prática médica no Hospital Geral de Viena e que pode ser tomada como uma data simbólica, pois foi no ano em que Breuer apresentou a

²³ FREUD. XIV, p 34

²⁴ ASSOUN. 1983. p.127.

Freud o caso Anna O²⁵. A transição dependeu diretamente do encontro com Charcot, pois é a partir daí que o trabalho clínico vai se tornando uma categoria *sui generis*. Freud realiza a conversão definitiva, abandona os estudos por meio do microscópio e passa efetivamente ao puro trabalho clínico. Este encontro com psiquiatria francesa foi decisivo para o surgimento da Psicanálise. Decisiva pois Freud terá de se haver com duas influências determinantes: *por um lado a psicopatologia de orientação fisiológica e neuroanatômica herdada da psiquiatria alemã e, por outro, o fascínio da fenomenologia clínica, herança da psiquiatria francesa.*²⁶

Conforme sugere Paul Laurent, essas duas referências não devem ser entendidas como um processo de continuidade ainda que tenha sido esta a posição de Freud quando diz ter passado da histologia do sistema nervoso à neuropatologia e, em seguida, sob novas influências, ao estudo das neuroses²⁷.

Embora o itinerário corresponda de certa forma à realidade, ele dissimula, sob um encadeamento natural, um trajeto bem mais complexo no qual surge a Psicanálise ou, em sua forma embrionária, a teoria geral das neuroses: cruzamento da neuropatologia com a psicopatologia clínica.

É por meio deste projeto novo que se exprime a originalidade freudiana. Não que o fato de se ocupar das neuroses constituísse uma novidade para a época, o novo é forjar uma teoria geral da função neurótica no psiquismo, algo que estava completamente fora do circuito clínico quando os estudiosos da psicopatologia estavam antes interessados na fenomenologia dos tipos de neurose e em sua organização nosográfica e a idéia de uma lógica da anomalia neurobiológica lhes era estranha.

²⁵ Idem. p. 132.

²⁶ Idem. Ibidem.

²⁷ Idem. p. 133.

Não é apenas através da descoberta do inconsciente ou da existência da sexualidade infantil que a identidade do projeto freudiano será instaurada, mas ela também provém da exigência epistêmica de uma teoria das neuroses:

Do ponto de vista clínico, a neurose era objeto de uma prática; do ponto de vista neuropatológico, a neurose era uma condição do trabalho teórico. Com Freud, instruído por Charcot na primeira, mas decifrando os problemas na linguagem do segundo emerge um projeto novo. É como conseqüências inevitáveis e próximas dessa exigência que aparece o papel da sexualidade e do inconsciente²⁸.

Outro desdobramento importante desta “invenção” freudiana é o surgimento de uma nova psicologia científica, que pudesse abrigar os questionamentos particulares que surgiam à medida que sua teoria das neuroses e sua prática avançavam. Freud escolhe como trabalho científico algo que já lhe próprio. Contudo, a linguagem que regula os operadores teóricos e clínicos ainda era uma linguagem familiar, própria de sua prática científica e sem ter se tornado ainda uma linguagem conceitual específica e adequada ao novo campo que estava sendo desbravado.

Paul-Laurent comenta que não se sabe ao certo se *Freud trabalha em sua Psicologia além de seus outros trabalhos, ou apesar de seus outros trabalhos, ou ao mesmo tempo que eles²⁹*. O certo é que embora a linguagem antiga esteja preservada, já se torna possível nela verificar certa *atopia*.

Ocorre que num curto espaço de tempo uma nova linguagem vai se estabelecendo e Freud precisava de um interlocutor com quem pudesse praticar essa “nova língua” o que ele acabou encontrando em Wilhelm Fliess. A intensa correspondência com Fliess constituiu um campo provisório que abrigou um discurso

²⁸ Idem. p, 137.

²⁹ Idem. Ibidem.

novo quando a antiga linguagem começou a ruir. Era necessário, em decorrência da originalidade das novas descobertas, encontrar uma palavra que pudesse designar esse domínio teórico que Freud desbravava progressivamente, e foi nesse contexto que surgiu o termo *Metapsicologia*. Nas palavras de Assoun, a Metapsicologia constitui o esforço de originalidade, ou, *prática epistêmica de Freud nomeando-se e buscando a sua identidade a partir do entrecruzamento complexo da clínica das neuroses, da psicopatologia e da neuroanatomia*³⁰.

I. II - DA TÓPICA À DINÂMICA: O MODELO DE HERBART

Se o modelo tópico da Metapsicologia freudiana é fornecido pela referência anatômica, a dinâmica é uma herança tão direta quanto possível da psicologia de Herbart.

A dinâmica freudiana alimentou-se, em última instância, de um modelo que foi constituído numa bem estabelecida tradição da psicologia alemã e que remonta até o início do século XIX com Johann Friedrich Herbart (1776-1841). A concepção de Herbart surpreende de imediato pela recusa em se filiar à tradicional psicologia das faculdades: o psiquismo é investigado cientificamente por meio de uma noção que Herbart chamou de representação (*Vorstellung*). O que faz da psicologia de Herbart uma teoria dinâmica é que essas representações não são meras impressões, registro passivo de excitações externas, mas são ativas, são dotadas de força e, por isso, podem ser medidas. Para ele, a primeira intuição do psiquismo consiste na idéia de algo dinâmico cujas relações são qualificáveis, ou seja, constituem um campo de forças e oscilações suscetíveis mensuração e discriminação dos seus níveis de energia. As contribuições de Herbart sobre a teoria da dinâmica das representações, bem como sua influência na

³⁰ Idem. p. 140.

formação da metapsicologia freudiana, vão muito além deste nosso pequeno esboço. Nossa intenção não é comparação dos dois modelos de psiquismo visando precisar até onde vão as suas semelhanças e diferenças – uma vez que é isto o que faz Paul-Laurent Assoun no segundo capítulo da segunda parte de sua *Introdução a Epistemologia Freudiana* – mas quisemos apenas assinalar uma referência histórica fundamental que em sua concorrência e interpenetração com outros referenciais contribuiu na edificação da identidade epistêmica da psicanálise.

Ao colocar sua teoria das representações (*Vorstellung*) no centro da atividade psíquica, Freud recupera o esquema da psicologia herbartiana importando a sua mesma conotação dinâmica. A distinção fica por conta de outro elemento considerado por Freud como componente da atividade psíquica além das representações: o afeto.³¹

Estes são para Freud, ou melhor, passam a ser, a tradução da quantidade de energia pulsional. Ou seja, o afeto não é um fato ou um processo psíquico que se coloque no mesmo plano da representação. A quantidade de afeto é certamente um elemento integrante e até mesmo determinante do processo psíquico, mas enquanto intensidade circulante ele nasce de uma relação de forças inter-representacional.

Essa relação de forças impõe a idéia de um “*quantum* de representação” cuja dinâmica, ao dosar o equilíbrio, confere-lhe uma medida. O afeto é, portanto o resultado dessa confluência de forças representacionais que, em princípio, poderia ser medida por sua intensidade. Freud desenvolverá amplamente a inter-relação desses dois conceitos, mostrando todos os seus desdobramentos de modo a compreender toda a vida psíquica a partir da linguagem das representações e dos afetos.³²

As contribuições de Herbart são decisivas para a constituição da Metapsicologia. Por meio dessa psicologia dinâmica e quantitativa Freud forja um elo determinante entre

³¹ Idem. p. 160.

³² Idem. p. 161.

os dois pontos de vista o tópico, calcado no modelo anatômico e o econômico, que se originou do modelo energético e fisicalista de Helmholtz. A psicologia herbartiana foi essencial para introduzir na constituição do objeto metapsicológico a dimensão propriamente psicológica através da mediação dinamizada da teoria central do conflito. Contudo, em nenhum momento, a dinâmica rompe seu elo com o substrato tópico embora a articulação desses dois registros – que poderíamos designar como o da estrutura projetada no espaço (um topos) e o da dinâmica que implica um fluxo no tempo – não se dê sem dificuldades. A dimensão psicológica permanece mais próxima da experiência, do processo psíquico em sua expressão fenomênica, de modo que a sua articulação com o modelo tópico, necessariamente mais abstrato, porque foi descolado de sua origem anatômica, exige um elemento de mediação. Esse elemento mediador da conexão entre a dinâmica e a tópica, mas, ao mesmo tempo, registro fundante do conjunto da construção metapsicológica pode ser encontrado na dimensão econômica.

I. III - DA DINÂMICA À ECONOMIA: O MODELO FECHNERIANO E HELMHOLTZIANO

A exigência de um modelo econômico que pudesse traduzir a variação das quantidades psíquicas é o ponto de partida para uma psicologia que, no século XIX, se pretendesse científica. O ideal da quantificação que se configurava como um traço essencial da episteme do período moderno deve se correlacionar com algum substrato que poderíamos designar como material, de modo que a matemática pudesse se converter numa efetiva física-matemática. Ou seja, a quantidade, que expressa o rigor da matemática, não pode se circunscrever ao domínio da idealidade, mas deve poder ser aplicada ao mundo físico, material. Essas duas exigências tornam-se coordenadas imprescindíveis de uma *Mathesis universalis*, isto é, tornam-se o meio pelo qual todas as formas de ciências se organizam. De modo que a universalização da ordem e da

medida estendia-se a todos os domínios: do universo físico ao mundo moral, social e político e, qualquer forma de racionalidade com pretensões verdadeiramente científicas visava, de um modo ou de outro, responder a essas exigências. É justamente no esforço em responder a essa exigência de quantificação que a psicologia pretendia mostrar a sua capacidade de tornar-se uma ciência rigorosa e de encontrar um sólido suporte epistemológico.

Ao criar seu laboratório de psicologia em 1879, Wundt introduziu em seu programa de trabalho a idéia de quantificação dos processos psicológicos. Isso daria à psicologia, pelo menos em tese, o estatuto de ciência da natureza e promover a passagem da psicologia introspectiva filosófica, baseada numa investigação puramente reflexiva – tradição que encontrou a sua expressão exemplar na célebre máxima agustiniana *noli foras ire, in te ispsum redi, in interiori homine habitat veritas* – para uma psicologia que, mesmo recorrendo á introspecção, pudesse se submeter ao controle intersubjetivo e alcançar o estatuto de um saber explicativo, o que supõe a adição do modelo experimental e, por consequência, a necessidade de medição. Medir e pesar, eis os meios pelos qual esse modelo de pesquisa se estabelece. A propriedade de medir identifica na natureza sua constância, as relações estáveis que regem os fenômenos e que, por isso, são chamadas de leis ou princípios.

Essa “necessidade de medida” tem um valor fundamental, pois era por meio deste recurso que se tornava possível a superação de algumas objeções e, dentre elas, a objeção fundamental de Kant contra a cientificidade da psicologia. Ora, o fato de não poder apoiar-se na matemática visto que os fenômenos com que se ocupa, os fenômenos psíquicos, embora desenrolem no tempo, não possuem extensão espacial, fornece a Kant os elementos para a recusa da psicologia como ciência explicativa. Por outro lado, a essa objeção Wundt responderá que sensações, representações e sentimentos são

grandezas intensivas que se sucedem no tempo, mas que podem ser exteriorizadas em relatos submetidos a controle de modo que o tempo interno da vivência pode ser, de certa forma, espacializado.³³

À sua maneira Freud tomará o argumento de Wundt de maneira imperativa; coloca no cerne de todos os fenômenos psicológicos a dimensão econômica: ou a ciência psicologia será quantificadora, ou não será considerada uma ciência. É este requisito epistemológico muito geral que situará a teoria da libido na base do edifício metapsicológico. Entretanto, esse ‘edifício’ não fora constituído sem problemas. Desde sua fundação, antes mesmo de ser tomado como referência por Freud, esse imperativo da medida é portador de uma polêmica que pode ser resumida na seguinte questão: quais são as condições e os procedimentos que possibilitariam a mensuração dos fatos psíquicos ou, ainda, o que seria a quantidade na esfera do psíquico?³⁴

A objeção à possibilidade de medida repousa na idéia de que as circunstâncias em que são medidos os fatos psíquicos são contraditórias. Ora, não se trata de uma medida exata, mas rigorosa. A importância da medida “*não recai sobre a quantidade física e sim sobre a intensidade (qualidade) dos processos psíquicos*” e, como estes são sempre relativamente avaliáveis, todo o procedimento de medida tem como ponto de partida essa característica. Dito de outra forma: toda medida é indireta. As medidas não se aplicam nem às causas dos fenômenos, nem às forças produtora dos movimentos, as funções psíquicas são medidas pelos efeitos que causam, pelas impressões sensoriais, pelos movimentos do corpo humano. Destes eventos, que podem ser observados e rigorosamente descritos, deduz-se toda a legitimidade das leis de funcionamento psíquico.³⁵

³³ WUNDT. W. *Fundamentos da Psicologia Fisiológica*. Apud P.L. Assoun. 1983. p. 167.

³⁴ ASSOUN. 1983. p. 167.

³⁵ Idem. p. 168.

Gustav Theodor Fechner é um dos principais defensores da aplicação da medida aos processos psíquicos e o problema que mais o interessava era, sobretudo, como estender de forma rigorosa a medida aos processos psíquicos. Desse modo, em *A interpretação dos Sonhos* (1900), Freud reconhece o “velho Fechner” como o primeiro a notar que a cena do sonho não é a mesma cena em que se desenrolam nossas representações diurnas. Não obstante isso há desde o *Projeto*, um retorno à energética fechneriana que foi um elemento decisivo para a constituição de uma energética freudiana na forma de um Princípio de Inércia Neuronal, segundo o qual os neurônios tendem a se desembaraçar das quantidades. Se não há oposição, a energia contida nas unidades nervosas tende a descarregar-se. Ao mesmo tempo, Freud postula também uma “Lei de Constância” na qual se expressa a tendência em manter tão baixa quanto possível a quantidade de excitação contida no aparelho psíquico. O ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana caracteriza-se, portanto pela oposição destes dois princípios. O ideal de constância é uma espécie de realização desviada da tendência originária para a descarga integral, um ponto mínimo que impede a continuação da descarga, enquanto a inércia representa uma tendência a zero.

Essa concepção econômica está relacionada em Freud à reflexão sobre o prazer e o desprazer;³⁶ em linhas gerais uma variação da intensidade que sofre, por meio do princípio de constância, uma espécie de equilibração. Ora, essa concepção econômica é formulada por Fechner alguns anos antes, mais precisamente em 1873, num trabalho intitulado “Algumas idéias acerca da história da criação e do desenvolvimento dos organismos” (*Einige Ideen zur Schöpfungs und Entwicklungsgeschichte der Organismen*). Influência que persistiu por todo o itinerário freudiano e, assim, ainda em 1920 pode-se ler o reconhecimento desta filiação por parte de Freud:

³⁶ Ver LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 2001. p. 355.

*não podemos, entretanto, permanecer indiferentes à descoberta de um investigador de tanta penetração como G.T. Fechner, que sustenta uma concepção sobre o tema do prazer e desprazer que coincide em todos os seus aspectos essenciais com aquela a que fomos levados pelo trabalho psicanalítico*³⁷.

Em o *Problema econômico do masoquismo* (1924), Freud apresenta o princípio que domina todos os processos psíquicos como um caso particular daquilo que Fechner chama de tendência à estabilidade. Não há outra razão de ser deste princípio senão reduzir a zero a soma de excitação que circula no aparelho psíquico ou, pelo menos, mantê-la tão baixa quanto possível. Perceber o papel fundamental que este princípio desempenha na teoria do masoquismo e como expressão econômica da pulsão de morte significa identificar a materialização da continuidade entre as teorias do econômico de Fechner e de Freud.³⁸

Outro referente importante para o trabalho de Freud sobre as “quantidades psíquicas” é a teoria da *Conservação de energia* formulada por Mayer e Joule em 1842-43 e apropriada e desenvolvida por Helmholtz. Seu duplo interesse pela física e pela fisiologia o levou a formular uma distinção, que se tornou muito cara a Freud, entre ‘forças vivas’ e ‘forças de tensão’. A tese é de que não há um substrato imponderável subjacente às manifestações físicas – para Mayer, cujas teses se contrapunham às teses de Helmholtz., a noção de força estaria submetida à noção de matéria, como a de um acidente estaria referido à sua substância e, desse modo, haveria correlativamente, uma certa separação entre a ordem material e a ordem dinâmica.

Conforme indica Assoun, para Helmholtz a lógica é um pouco diferente. Essas ‘forças’, colocadas lado a lado, permitem a unificação dos fenômenos físicos nos quais se impõe o princípio de conservação ora em sua forma *força-tensão* – que tende a

³⁷ FREUD. XVIII, p. 18.

³⁸ ASSOUN. 1983. p.176.

colocar em movimento um ponto sem, no entanto, produzir movimento – ora em *força-viva*, quando a força produz movimento.³⁹

Ao invés de forças, Freud recoloca o problema na forma de processos agindo no psiquismo e caracterizados como energéticos. E por isso, onde Breuer fala de energia livre e ligada, Freud falará de processos primários e secundários. É exatamente essa distinção que nos coloca num terreno propriamente freudiano: se por um lado, Breuer não confere nenhuma prioridade à energia cinética – o estado quiescente da energia nervosa é o fundamental – por outro, em Freud, vemos prevalecer o segundo princípio da termodinâmica e por isso, a energia em sua forma livre.

Em relação à Breuer, Freud aparece como decididamente energetista, opção que o leva a conceber a noção de trabalho. Em 1895, mesmo antes de designar um processo de elaboração – trabalho do sonho, trabalho de luto –, Freud designa o *algo mais* que o sistema psíquico é obrigado a produzir sob o efeito da necessidade urgente de vida. É essa noção de exigência de trabalho que servirá, a partir de 1905, para caracterizar o fator quantitativo da pulsão como carga.

Nesse sentido, energia designa em Freud muito menos um princípio ativo de produção que vai além da passividade mecânica, do que um efeito determinado do processo considerado – neste caso específico o psíquico. A definição de energia que parece prevalecer é a de Ernest Mach: *algo indestrutível que caracteriza a distinção de dois estados físicos, e cuja medida é o trabalho mecânico fornecido por ocasião da passagem de um estado a outro*⁴⁰. Neste caso, energia e trabalho mecânico constituem, ao invés de níveis qualitativos distintos, dois aspectos da mesma realidade processual: o

³⁹ Idem. p. 184.

⁴⁰ La pensée d'Ernest Mach de Robert Bouvier (1923), p 45; apud : Assoun. 1983. p. 207.

*trabalho mecânico é a medida de um intervalo entre dois estados (psico) físico podendo, considerando em si mesmo, ser chamado de “energia”.*⁴¹

Se a tendência de um energetismo doutrinário era exaltar a energia como princípio ativo supramecânico e de hipostaziá-la como suporte de uma visão de mundo – na fundação de uma ontologia imaterial –, a energia na concepção freudiana serve para designar uma característica processual de tipo diferencial, cujo aspecto qualitativo constitui apenas o indício de um processo mecânico quantitativo. Trata-se do *gasto mecânico* consequência da passagem de um estado a outro e que pode desde já indicar o propósito geral de toda pulsão: tender a extinção.

Esse energetismo fornecerá à construção metapsicológica sua dimensão econômica que, juntamente com as dimensões dinâmica e tópica, converge no esforço de modelização dos processos inconscientes, ao mesmo tempo, que nos ajuda reavaliando o sentido que tem na obra freudiana a temática pulsional.

Em Freud o conceito de libido serve para definir o capital energético do psiquismo ao mesmo tempo em que designa a constante energética subjacente às transformações da pulsão sexual. Seu caráter quantitativo, dirá Assoun, é claramente acentuado por Freud quando nota que ela permite medir os processos e as transformações no domínio da excitação sexual. Esse aspecto econômico funda visivelmente sua função etiológica: *sua produção*, seu aumento e sua diminuição, sua repartição e seu deslocamento deveriam fornecer-nos os meios de explicar os fenômenos psicosexuais. Não poderia ficar mais clara a função explicativa do ponto de vista econômico em Freud: como ciência da natureza a psicanálise explica quantificando: *medir já é explicar.*⁴²

⁴¹ ASSOUN. 1983, p. 207.

⁴² ASSOUN. 1983, p. 210.

Entretanto, é necessário que recaia sobre a idéia de medida certo ceticismo, pois, a libido que parece ter uma função essencial na formação de processos patogênicos não pode ser estritamente medida mas deve ser postulada. Isso porque não se trata de uma quantidade absoluta, mas da relação entre um *quantum* ativo da libido e a quantidade de libido que o Ego pode dominar. Essa mesma idéia deve ser estendida às moções pulsionais com o objetivo de preservar sua identidade metapsicológica. Sabemos que em Freud a pulsão (*Trieb*) tem como objetivo suprimir um estado de tensão que aparece na fonte somática mediante um objeto. Convém, pois que ela seja representada como uma excitação interna independente da atividade pré-fixada filogeneticamente, ou seja, pelo instinto.

Há aqui uma edificação epistemológica que preserva a distinção do empreendimento freudiano. Enquanto a pulsão remete a uma “exigência de trabalho imposta pelo aparelho psíquico” o instinto remete a uma pura execução mecânica visando à adaptação e ao equilíbrio metabólico, ou em outras palavras, enquanto pulsão remete a noção de *gasto mecânico*, o instinto remete à noção de homeostase⁴³. A pulsão é um distúrbio econômico, uma insatisfação que surge como um déficit a ser reparado e talvez a maior prova de sua realidade psíquica seja o fato de que o empenho para reparar este déficit não é promovido pelo corpo embora este seja arrastado nessa tarefa. Os processos neuróticos em sua riqueza simbólica derivam totalmente desse turbilhão energético primário.

Eis, portanto o sentido de uma economia em Freud: demarcar um distúrbio energético mensurável que atualmente não pode ser medido. Seu caráter mitológico não passa da distância entre a exigência de medida e sua realização. Quando Freud define a pulsão como um conceito-limite entre o somático e o psíquico entenda-se aí que a

⁴³ Idem. p. 211.

pulsão é o ponto conceitualmente determinado da articulação entre esses dois registros, mais que isso, ela é a expressão de uma opção dualista fundamental em Freud: corpo e psiquismo, sexualidade e auto-conservação, vida e morte.

Essa opção dualista em Freud é colocada em dois momentos distintos, porém interligados, na forma de esquemas tópicos. O primeiro deles pode ser apreendido em sua obra maior, *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e o segundo, no momento de sua inflexão teórica, em *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Laplanche⁴⁴ chama a atenção para a aparente semelhança entre esses dois sistemas, o que permite certa confusão e até mesmo uma tentativa de superposição de modelos, ou ainda - o que é pior - o segundo como evolução do primeiro. Não se trata de tomar um pelo outro, mas, considerá-los cada qual aplicado ao momento em que foi introduzido. As semelhanças estão bem posicionadas e de certa forma explícitas: ambos contêm um *continente* com um limite, como o tanque desenhado por Freud em *A Interpretação dos sonhos, passagens* que implicam *barreiras*, as quais limitam essas passagens de um sistema ao outro e *circulação* de algo, um quantum, que circula nesses lugares e entre eles. Trata-se de modelos *tópicos-econômicos*.

Contudo, o que chama a atenção, para além das semelhanças, são as diferenças. Chamemos aqui o modelo de 1900 de modelo primordialmente tópico e o de 1920 de modelo antes de tudo econômico, mas também dinâmico. O primeiro modelo é vazio, não possui nível de energia próprio. É sob esse aspecto um sistema inerte. Em outras palavras, a energia que entra neste sistema é puramente extrínseca e o trabalho do sistema consiste em reduzir o nível energético a zero. A distinção entre interno e externo tão cara ao segundo modelo ainda não foi claramente tematizada. Se a tese fundamental do modelo mecânico é a da evacuação completa do nível de energia em sua

⁴⁴ LAPLANCHE. J. Problemáticas I – A angústia. Martins Fontes, São Paulo. 1998, p 201.

transposição tópica o problema energético permanece obscuro pois, o psiquismo é um *topos* que impõe a distinção entre um “dentro” e um “fora”. No modelo tópico-econômico, porém, a distinção entre interno e externo é fundamental, pois é ela que regula o conjunto de seu funcionamento. Eis aí a manutenção de certo “estádio energético”; nesse tubo, oco com um buraco de entrada e saída, é introduzido algo que não sai e que, ainda mais, circula ininterruptamente constituindo desta forma outro nível de funcionamento.

Esses dois modelos resultaram em arranjos teóricos específicos. O primeiro foi colocado para funcionar num conjunto teórico chamado Primeira Tópica. O segundo, mais radical, pois obrigou o remanejamento dos principais conceitos psicanalíticos, foi chamada Segunda Tópica. Se o texto maior da primeira tópica é o da *Interpretação dos Sonhos*, o da segunda é o enigmático *Além do Princípio do Prazer*. Contudo, o desdobramento destas idéias transcende em muito os limites destes textos. A primeira tópica, por exemplo, serve de pilar para o assentamento dos principais conceitos psicanalíticos e para aquilo que Freud chamou Metapsicologia. Conceitos como narcisismo, recalque e inconsciente recebem um sentido muito particular neste período de trabalho e, principalmente, dão ao trabalho clínico de Freud uma direção específica. É exatamente esta direção clínica que impulsionará o trabalho de Freud na direção da segunda tópica; a dificuldade de seguir com segurança numa direção clínica apropriada à primeira tópica – o problema das psiconeuroses de defesa – faz com que o psicanalista busque outras ferramentas teóricas para sustentar o mais intrigante período de seu trabalho. Esse período por sua vez nos leva ao tema de nossa dissertação e as razões pelas quais fizemos este percurso da forma como foi feito. Trata-se, na segunda tópica, da introdução da noção de pulsão de morte que longe de ser uma idéia nova – já circulava nas páginas do *Projeto* na forma de um princípio radical que tendia ao

completo esgotamento dos níveis de tensão – é sem dúvida, a que mais gerou controversas dentro e fora do meio psicanalítico. Antes porém de analisarmos o que Freud chamou de pulsão de morte em 1920, cabe examinar, em primeiro lugar, a teoria das pulsões e sua função na primeira tópica e em seguida os rearranjos teóricos articulados na segunda tópica para acolher a idéia de um retorno ao estado inorgânico.

CAPÍTULO II: A PROBLEMÁTICA PULSIONAL

Que distinção pode haver entre o surgimento da problemática pulsional e sua apresentação na forma de um conceito fundamental? Em que medida ela é pertinente? Ou ainda, quando, efetivamente, a questão pulsional passa a ser um assunto que interesse a teoria psicanalítica? São estas dentre outras as questões que este trabalho pretende abordar: retomar Freud no ponto em que “hipoteticamente” ele teria, pela primeira vez, tocado, ainda que levemente, na questão pulsional. Entretanto, é sobre um ponto específico da teoria das pulsões que recaí nosso interesse: a pulsão de morte. Dois aspectos, pelo menos, provocam nosso interesse por essa noção singular do pensamento freudiano; 1) a relutância de um grupo expressivo em aceita-la como tema psicanalítico e 2) a insistência do próprio Freud em mantê-la como aspecto fundamental de sua metapsicologia. Em Psicanálise recomenda-se um cuidado especial com os ideais científicos típicos da segunda metade do século XVIII e início do século dezanove. Estes quase sempre apontam para algum tipo de “fundamentalismo” teórico de ordem positivista que, por sua vez, cria um impasse quando o que esta em questão é um esforço para delinear o caráter essencialmente especulativo da problemática pulsional.

Se tomarmos a formalização do conceito – “seu batismo” – como ponto de partida, teremos certamente que abordá-lo a partir de *Os Instintos e suas Vicissitudes* – *Triebe und Triebchicksale* – (1915), onde a tese sobre as pulsões sexuais é definitivamente colocada:

Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerte, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa. Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer uma primeira distinção e uma primeira orientação. Por um lado estará cômico de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele os atribui ao mundo externo. Por outro lado, também estará cômico de estímulos contra os quais

tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais (...) chegamos assim à natureza essencial dos instintos (sic), considerando em primeiro lugar suas principais características – sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como força constante⁴⁵.

Por outro lado, se o esforço consistir em identificar uma gênese, ou seja, o momento em que a pulsão aparece como ‘tema’, a idéia de ponto de partida deve ser revisada. Revisão esta que indica um roteiro que antes de ser cronológico é lógico. A idéia sustentada aqui é que existe uma linha de trabalho teórico em psicanálise – no que diz respeito à pulsão – que liga os primeiros escritos de Freud ao texto principal deste trabalho: *Além do Princípio do Prazer* (1920). Neste último, vários problemas tratados em 1895 foram reeditados e encontraram não só uma função mais um sentido nos escritos psicanalíticos. O problema das “quantidades” – menos, redução ou abaixamento completo das excitações – recebe uma formalização e novos “Princípios” surgem para compor a teoria do econômico em Freud. A tendência do aparato anímico em reduzir a excitação a zero é problematizada e elevada ao nível de questão fundamental resultando numa formalização conhecida por segunda tópica. Eis ai o sentido de uma “horizontalização” do pensamento freudiano como forma metodológica cujo objetivo é agrupar as peças. Foi assim em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), cujo sentido depende dos textos metapsicológicos e da definição dos sistemas ψ . Eis ai também a razão de os problemas sobre as neuropsicoses de defesa só fazerem sentido num conjunto que implicava a introdução do conceito de narcisismo e, nosso ponto, o desdobramento dos problemas que este último implicou que resultaram no surgimento do dualismo vida e morte.

⁴⁵ S. FREUD. *Instinto e suas Vicissitudes*. XIV, p. 125.

Contudo, esqueçamos por hora todos os outros conceitos psicanalíticos para tomar apenas o de Pulsão – virtualmente é claro, já que de forma efetiva estes conceitos estão imbricados – numa série que vai do “problemático” *Projeto para uma Psicologia Científica* escrito em 1895 e publicado apenas em 1950, passando pela famosa carta 52 (dezembro de 1896) e seguindo pela *Interpretação dos Sonhos* (1900) especificamente o capítulo VII.

Daí em diante o que se observa é um sistemático trabalho de formalização conceitual e o tema pulsão vai ganhando estatuto de conceito. Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) Freud diz que as “*psiconeuroses baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual*” e mais adiante afirma seu caráter primitivo ao comentar que a pulsão sexual é uma força constante que atua no processo de constituição da neurose e da formação dos sintomas: *os sintomas são a atividade sexual dos doentes.*⁴⁶

São essas entre outras as questões que permeiam este trabalho relativamente simples no que diz respeito à forma como aborda o pensamento freudiano (trata-se de pensar a noção de Pulsão de Morte refazendo o percurso histórico-problemático em que o mesmo se configura), mas extremamente complexo por se tratar de um tema que não bastasse suas próprias dificuldades, foi seriamente marcado por contribuições ora excessivamente especulativas - a pulsão tratada como uma entidade (algo como “chapeuzinho vermelho“, “branca de neve” ou coisa equivalente) - ora biologizantes; a pulsão de morte tomada como uma simples equivalente de instinto.

Não bastasse a dificuldade de encontrar uma ‘linguagem’ apropriada, não há como trabalhar a problemática pulsional sem o recurso topológico, ou seja, a ‘linguagem’ e o ‘lugar’, no que diz à Pulsão (e parece, a todo esquema freudiano do aparelho psíquico) ‘sofrem’ de uma especificidade; nem cerebelo, nem glândula pineal

⁴⁶ S. FREUD. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. VII, p. 155

ou em qualquer lugar deste corpo dos biólogos. Freud é categórico: “a pulsão é o conceito limite entre o somático e o psíquico”. Aqui talvez fosse o caso de introduzir uma pequena, mas decisiva alteração: “a pulsão é o conceito do limite entre o somático e o psíquico“. Não se trata de uma entidade que possui realidade ontológica nem de uma redução ao biológico como pretendem os vários adeptos das simplificações. Freud fala de um conceito, mais precisamente de um *Grundbegriff*, ou seja, um conceito fundamental que não serve nem ao campo das especulações metafísicas, nem ao campo das ciências biológicas: remete-nos a campo próprio, a um terreno epistemológico cuja soberania implica em isolar discursos estrangeiros e manter, na medida do possível, o contorno efetivo de suas fronteiras, ou, de uma forma mais simples, a Pulsão é um “acontecimento” do corpo erógeno.

Serve dizer que Freud não mediu esforços para manter a soberania deste conceito, ao custo inclusive de cismas e desconfianças de boa parte da comunidade psicanalítica. Além de manter o estatuto de conceito fundamental, acrescentou elementos ao longo de sua teorização que tornaram ainda mais difícil a permanência de alguns colaboradores tradicionais no círculo de divulgação Psicanalítico da época. O elemento mais radical somado à teoria das pulsões sexuais foi sem dúvida o dualismo pulsão de vida/pulsão de morte, defendido por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Em *Breviário de Citações*⁴⁷, num aforismo chamado *Notícia da região dos antropófagos*, Nietzsche nos fornece a sentença: *na solidão, o solitário devora a si mesmo; na multidão, os inumeráveis o devoram. Então, escolhe*. Sentença que Freud cumpre à sua maneira e cujo resultado dá-se hoje o nome de *Metapsicologia*.

⁴⁷ FRIEDRICH NIETZSCHE. *Breviário de Citações* [Fragmentos e Aforismos] Seleção e Tradução de Duda Machado, São Paulo. Ed. Princípio. 1996. P. 31 - aforismo 348.

Voltar-nos para o trabalho metapsicológico pode significar, portanto, uma prevenção contra a sedução estéril das generalidades e até mesmo de certo “especialismo” bastante comum entre os estudiosos da obra freudiana. De certo que o ‘manuseio’ do texto freudiano requer considerável cuidado; Freud é um autor generoso, a qualidade de sua escrita é marca registrada de sua obra e por isso, num primeiro momento, pode ser tomado como simples. Contudo, se tomada de forma descuidada o texto freudiano pode ‘mascarar’ sua complexidade. O resultado às vezes é a “fetichização” de alguns pontos criando uma dificuldade que vai além do próprio texto.

Portanto, nem muito simples, nem muito erudito. Apenas freudiano! Decidido assim, a metodologia esta dada por exclusão. Pretendendo ser essencialmente freudiano, não interessa fazer “história da psicanálise” a menos que essa nos ajude no posicionamento das “peças” (o que pretendemos, por exemplo, no primeiro capítulo). Interessa sim perseguir a dificuldades muitas vezes e áridas e contraditórias daquilo que Freud chamou Metapsicologia. A pretensão é tentar produzir sobre o tema proposto uma leitura satisfatória, simples e que possa ser minimamente clara.

Em *O Estranho* (1919), Freud faz longo percurso etimológico pela noção de ‘estranho’ para aproximá-lo de um uso apropriado à psicanálise, limpeza da ferramenta conceitual e, em seguida, utilização da mesma de maneira sistemática. Nada mais apropriado que proceder desta maneira com o termo pulsão; acompanhar a passagem da idéia abstrata – utilizada na língua alemã em vários campos de pesquisa – a conceito fundamental – de utilização específica em psicanálise.

III - OS DOIS COMPONENTES SEMÂNTICOS PRINCIPAIS DO TERMO INSTINTO

No uso tanto corrente quanto científico da palavra "instinto" e seus correspondentes, nas línguas latinas e também no inglês, podemos distinguir dois componentes semânticos principais. O primeiro prende-se ao sentido de *impulso*. O instinto, neste sentido, tem a ver com uma força motivadora que se opõe à razão e à reflexão. Na linguagem corrente, diz-se, por exemplo, que uma pessoa agiu "por instinto", no caso de ela ter agido impulsivamente, sem pensar.

O segundo componente semântico prende-se ao sentido de um comportamento, conhecimento ou valor afetivo inato, dado pela hereditariedade, em oposição ao que deriva da experiência individual. Neste sentido, fala-se, por exemplo, no medo *instintivo* de certos objetos ou situações ou na capacidade *instintiva* de realizar certo comportamento, independente de qualquer aprendizagem.

O primeiro destes dois componentes semânticos é o que mais se aproxima da palavra germânica *Trieb* e o que poderia justificar a opção por uma tradução equivalente: *instinct* e seus correspondentes, e como sinônimo da forma germanizada *Instinkt*.

Já o segundo componente semântico pode estar presente ou não no uso da palavra *Trieb*. No conceito freudiano de *Trieb*, ele certamente *não* está presente, o que faz que sua tradução por "instinto", embora possível, não seja recomendada.

Dito isso, em se tratando do termo *Trieb* os problemas começam na tradução. Há mesmo um consenso entre os leitores de Freud de que a utilização do termo *Trieb* compõe um quadro problemático, principalmente quando este é identificado ao termo

instinto que, por sua vez, tem seu significado vinculado principalmente às ciências biológicas – há também um emprego forte do termo no movimento romântico alemão. Figuras como Schiller e Goethe farão um uso corrente do termo que impregnará seu sentido posterior. Cabe bem a ressalva de que para os românticos pouco importava se se tratava de *Trieb* no sentido de Pulsão ou de instinto, muito embora o uso mais comum sugerisse uma utilização semelhante a que Freud usava normalmente.

Não obstante isso, o próprio termo recebe, na língua alemã, uma extensa gama de significações tanto na linguagem popular quanto em outros campos (devemos incluir aqui o uso peculiar feito por Freud), tanto em um quanto em outro se utiliza com sinônimo de *Trieb* as palavras *Instinkt* (instinto) ou *Drang* (espécie de pressão desagradável interna).

A equivalência entre esses termos não é de todo gratuita. Ela encontra um respaldo numa tradição médica. Contudo, em se tratando de teoria psicanalítica uma tradução de *Trieb* por “instinto” recobre apenas uma parte de seu sentido. Freud devia saber perfeitamente dos problemas desta herança etimológica o que o leva a dizer numa passagem de *A Questão da Análise Leiga* (1926) que o termo em questão é um daqueles que causam inveja em algumas línguas modernas⁴⁸.

O uso do termo na língua alemã é histórico, sua apropriação passa pelos discursos comercial, religioso, científico e filosófico. Essa rede de utilização recíproca carrega o termo de sentidos que por sua vez convergem para um elemento básico e mais radical: *algo que “proporciona”, “agulha”, “toca para frente”, “não deixa parar”, “empurra”, “coloca em movimento”. Trieb evoca a idéia de “força poderosa e irresistível que impele”*.⁴⁹

⁴⁸ S. FREUD. S. *A Questão da Análise Leiga*. XX, p.228

⁴⁹ HANNIS. A.L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. p. 339.

No que diz respeito a sua utilização há pelo menos quatro variações de sentido: a) *um princípio geral que rege os seres vivos*, b) *manifesta-se biologicamente como força que coloca em ação os seres de cada espécie*, c) *estímulos e sensações que se manifestam “no” corpo somático do sujeito, como se da biologia da espécie algo brotasse nele e o aguilhoasse* d) *algo que manifesta “para” o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal.*⁵⁰

Em alemão diz-se com frequência *Vieh treiben* para “tocar o gado”. Trata-se de uma utilização que fornece uma imagem bastante interessante considerando que a ação de “tocar o gado” é para aquele que é tocado uma ação indeterminada, não se sabe de onde vem, além disso, a ação vem como “ordem” (som) ou tatilmente (vara ou coisa do gênero), seja como for, é algo que antes mesmo de ser traduzido como percepção - ação cognitiva - é realizada alhures por uma ação motora. Trata-se, portanto, de algo que impele o movimento do aparelho à revelia de um sujeito que percebe. A derivação (especialização) deste aparelho consistirá, exatamente, numa atividade cognoscente, ou seja, a ação motora se transforma em ação psíquica (pensamento) por meio de uma mediação. Eis o ponto do qual poderíamos falar de uma teoria do conhecimento em Freud.

O termo também pode ser utilizado como correlato de instinto - seqüência de ações estereotipadas - mas, seu uso mais comum designa uma tendência ao impulso quando este é sentido-percebido (vividez sensorial) antes mesmo de ser tornar impulso-ação. Assim como outros termos da língua alemã (*Reiz e Drang*), o *Trieb* designa dois momentos, quais sejam: *a fonte externa no momento em que afeta o sujeito e o efeito*

⁵⁰ Idem. Ibidem.

*desse contato ao nível interno, quando a fonte externa é incorporada*⁵¹. O primeiro momento designa um processo puramente motor, o segundo momento, por sua vez, designa uma ação interna assimilada pelos órgãos de percepção de um organismo e no qual sofre sua primeira determinação - este processo depende da abertura de vias de circulação que sejam específicas. É neste sentido que o “instinto de mamar” difere do *Trieb* para mamar; o tipo de ação em questão no primeiro corresponde a uma ação direta - não há diferenciação entre o ato de mamar e o sujeito desta ação -, no segundo momento, outro tipo de ação - sensorial - antecipa a puramente motora criando um impulso em direção ao início da ação.

Além de sua inserção na língua e cultura alemã, o termo também encontra ressonância na cultura e religião judaica. A formação religiosa da família Freud é sem dúvida um aspecto importante a ser considerado quando tomamos como objeto de estudo não apenas a relação entre os elementos da teoria, mas as condições em que foram produzidos. Freud teve, durante um período de sua formação juvenil, contato com uma edição da bíblia, elaborada pelos irmãos Phillipson, contendo ricas referências à antropologia comparada, a história das religiões, as mitologias, às ciências naturais e à medicina. Em mais de um ponto do trabalho freudiano é possível encontrar remissões às temáticas e personagens bíblicos e o drama ocidental por excelência: a culpa, o abandono, o pecado ocuparam boa parte dos trabalhos freudianos.

Em seu livro *Freud leitor da bíblia* (1982), Pfrimmer comenta que:

é talvez em sua teoria das pulsões que Freud mais se aproxima da interpretação rabínica que fala com muita frequência das pulsões, distinguindo a boa e a má pulsão (...) segundo a concepção rabínica, já que Deus, como criador, não pode estar na origem do mal, as pulsões naturais, as pulsões de autoconservação e a pulsão de procriação, são neutras do ponto de vista ético. Foi somente o homem que, por mau uso, transformou a pulsão natural em pulsão má. Segundo a literatura rabínica, geralmente se admitia que a

⁵¹ Idem.p. 340.

*pulsão má era mais antiga que a boa. Enquanto a primeira já exerce seu poder no homem desde que ele é bem criança, a boa pulsão começa a ser apenas quando o israelita, ao completar 13 anos, se torna plenamente responsável pela observância da lei (...). O dever do israelita só pode ser o combate constante contra a pulsão má, que se renova a cada dia.*⁵²

Para Freud a pulsão de morte também é anterior a pulsão de vida. E se a segunda pode ser definida de forma mais objetiva, as condições de surgimento da primeira são obscuras: um pulsar silencioso cujo sentido é a aniquilação da excitação e que só por meio de representações alcança o aparelho psíquico. Diferentemente da pulsão sexual: pulsar constante que insistentemente busca efetivar-se na vida psíquica à revelia dos processos de autopreservação, a pulsão de morte quer, em última instância, a vacuidade.

Em seu sentido mais comum, o termo *Trieb* pode ser empregado de formas variadas: da natureza em geral, do Biológico nas espécies, **no** indivíduo da Espécie e **para** o Indivíduo. Desta forma, o *Trieb* pode designar um conjunto de forças que impulsionam o vivente no sentido de uma autopreservação.

Pode também ser entendido como uma manifestação biológica dessas forças nas espécies (instinto de mamar), ou ainda, para aludir à manifestação da natureza **no** indivíduo como fenômeno somato-fisiológico (estímulos, reflexos, etc.) e, por último, para dar nome a esse conjunto articulado, num nível íntimo, quando sentido **pelo** sujeito como ânsia, impulso e vontade.

Embora seja necessário reconhecer que no emprego psicanalítico essas dimensões polissêmicas dificilmente podem ser mantidas separadas. Ainda que Freud tenha reformulado várias vezes sua teoria pulsional, ele movimentou-se várias vezes por entre essa “cascata” de possibilidades semânticas embora o caráter indeterminado da pulsão e sua insistência tenha sido mantidos ao longo de toda sua obra.

⁵² PFRIMMER, Théo. *Freud leitor da Bíblia*, 1982 apud: HANNS. A.L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, p. 341.

Em *Sobre o narcisismo: Uma introdução*.⁵³ Freud comenta:

O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir às suas próprias finalidades e outra como um elo de uma corrente, que ele serve contra a sua vontade ou pelo menos involuntariamente (...) A separação dos instintos⁵⁴ sexuais (Sexualtrieb) dos instintos do ego (Ichtrieben) simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo.

Em 1920 no texto *Além do Princípio do Prazer*, o caráter inapreensível do *Trieb* é somado a uma teoria das variações das quantidades:

o instinto reprimido nunca deixa de esforça-se em busca de uma satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é 'exigida' e a que é realmente 'conseguida' é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas,⁵⁵ mas, nas palavras do poeta 'ungebändigt immer vorwärts dringt' (pressiona sempre para frente, indomado).⁵⁶

⁵³ S. FREUD. *Sobre o Narcisismo : Uma Introdução*. XIV, pgs. 85-6

⁵⁴ Manteremos a tradução da ESB por entender que nem sempre instinto na Obra de Freud significa *Triebe*. Um dos propósitos que se perdeu ao longo deste trabalho era comparar as traduções com o original. Isso foi feito com algumas passagens de *Além do Princípio do Prazer* e frequentemente, instinto corresponde a *Triebe* e não a *Instinkt*. Contudo, nos primeiros textos em que a temática pulsional aparece, há uma dupla utilização: *instinkt* registro da necessidade e *Triebe* registro do desejo.

⁵⁵ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*. XVIII, p. 60.

⁵⁶ Freud encontra em Goethe uma referência importante. Para ele muitas das questões trabalhadas de forma exaustiva pelos cientistas já foram exploradas com facilidade pelos poetas. Na passagem descrita acima ele retoma Mefistófeles, personagem de *Fausto*, para designar o caráter incessante da pulsão. *Do gênio da mentira pelas artes; sedutoras e vãs deixa iludir-te!; És meu sem condição, dessa maneira. Um ânimo insofrido deu-lhe a sorte; que avante, indomável, o impele a cujo anseio sôfrego não bastam; as terrenas delícias. Pela vida agitada o arrasto, pela chata e torpe insipidez...* J.W. GOETHE. *Fausto*.p. 87

Em *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise*, Freud comenta:

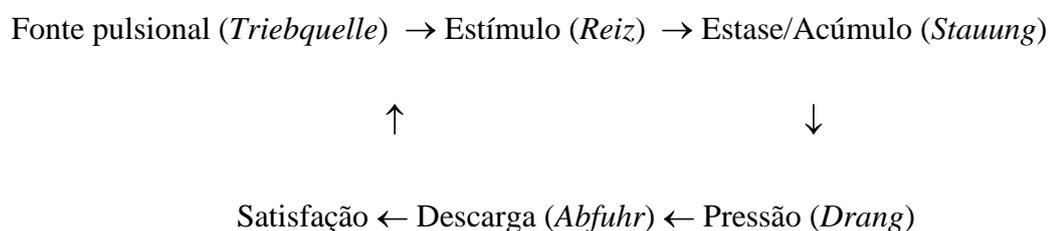
A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão (...) Dissemos a nós mesmos que provavelmente não perderíamos o rumo, se começássemos por separar dois principais instintos, ou duas classes de instintos, ou dois grupos de instintos, em consonância com as duas grandes necessidades - fome e amor. (...) aqui se nos impõe o fato biológico inamovível de que o organismo individual vivo está sob o domínio de duas intenções, a autopreservação e a preservação da espécie, que parecem ser independentes uma da outra, que, até onde por hora sabemos, não tem origem comum, e cujos interesses muitas vezes estão em conflito na vida animal. Realmente, aquilo a cujo respeito estamos falando agora é sobre uma psicologia biológica; estamos estudando os concomitantes psíquicos dos processos biológicos. Foi representando esse aspecto que os 'instintos do ego' e os 'instintos sexuais' foram introduzidos na psicanálise.⁵⁷

Portanto, quando Freud emprega o termo *Trieb*, ele pretende designar um processo que brota **no indivíduo** como fenômeno somático-energético, sendo descrito como processo fisiológico e como processo energético-econômico e aparecerá **para** o indivíduo como fenômeno psíquico que irá impeli-lo a realizar certas ações: idéias, medo, dor, vontade e sensações. Surge, portanto **no** corpo como excitação interna – nesse estado não exige nenhuma condição especial além da necessidade de descarga fisiológica - e “força” sua entrada no aparelho psíquico como afeto e representação. Essa mudança de estado da excitação – somático-energético para afeto-representação – sugere uma especialização do corpo que possa dar conta do “material” derivado. Essa é a condição do aparelho psíquico; funcionar como um duplo do corpo capaz de distinguir da quantidade de excitação a qualidade dos conteúdos afetivos. Se outrora um tubo com uma entrada e uma saída, agora um ‘corpo’ atravessado por exigências externas que estabelecem necessidades que vão além das fisiológicas.

Podemos, através de um esquema simples, tentar demonstrar a maneira como o *Trieb* opera na esfera individual, o *circuito de circulação pulsional* que brota no

⁵⁷ S. FREUD. Conferencia XXXII, pág. 98.

somático como “energia-estímulo nervoso” e atinge o sistema nervoso central na forma de sensação e imagens:



Serve dizer que *Trieb* será empregado por Freud tanto para designar todo o circuito acima, quanto para designar cada parte isolada deste circuito. Exemplo deste uso isolado ocorre em *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915), quando Freud define o *Trieb* como uma espécie de estímulo. Tornando mais clara a equivalência, significa dizer que há estímulos pulsionais e estímulos não pulsionais, os últimos se diferenciam dos primeiros quanto à origem, finalidade e frequência. Enquanto os não pulsionais são ocasionais, os pulsionais, por outro lado, são frequentes e provêm de uma fonte orgânica interna que produz estimulação constante criando uma exigência de trabalho psíquico, ou seja, de transformação de uma “pressão endógena” em uma “imagem psíquica” (representações) carregadas de qualidades afetivas.

Na “linguagem” de Freud o termo instinto passa a designar puramente *um comportamento pré-formado, cujo esquema esta hereditariamente fixado e que se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a certo tipo de objeto*⁵⁸. Há, portanto, um tratamento diferenciado dado cada termo: a pulsão é resultado de um processo de derivação (especialização) que implicará na constituição de um aparelho cuja função é organizar conteúdos psíquicos: fome/amor.

Por outro lado, os comportamentos instintivos permanecerão como ‘modalidades relativamente adaptadas a certo tipo de objeto’. Dito isso, não há razões que justifiquem

⁵⁸ LAPLANCHE, J. *Vida e Morte em Psicanálise*. p. 18.

uma equivalência entre os termos na obra freudiana, tanto pelos motivos que foram expostos acima, como pelo fato de na língua alemã haver o termo *Instinkt* cujo significado recobre perfeitamente à idéia de um comportamento que pertence exclusivamente ao corpo: instinto como comportamento pré-formado fixado hereditariamente - comportamento do corpo com “relativa” (ou total) autonomia em relação aos processos psíquicos - e *Trieb* utilizado para designar um comportamento derivado desta fixação; aqui, a determinação natural dos processos vitais (necessidade) é atravessada por uma determinação *des naturada* que estabelece outro domínio específico de atividade.

Freud dirá que este outro domínio é o psíquico e que só pode ser representado por meio de uma esquematização topológica (o recurso a uma representação topológica indica que o objeto da Psicanálise vai além das interações neuronais; para o corpo biológico, bastaria uma “teoria dos lugares” cuja função seria uma apresentação da fisiologia do sistema nervoso) o que indica de saída que se trata de um esquema representacional da funcionalidade psíquica, da circulação de energia; metáforas bioenergéticas que não necessitam de uma origem material.

Entretanto, à medida que a pesquisa progride, não era mais possível recorrer **apenas** às metáforas fisicalistas. Para pensar os “lugares psíquicos” e seu *modus operandi* de uma maneira particular era necessário desenvolver uma “linguagem própria” capaz de fornecer sentido a um conjunto de especulações que por mais rigorosas que fossem não constituíam um conjunto teórico organizado.

II.II - FICÇÃO METAPSICOLÓGICA: O APARELHO PSÍQUICO E O IMAGINÁRIO TÓPICO.

A constatação de que há uma forma particular de o psicanalista trabalhar seus conceitos não é nova nem desconhecida. Na verdade se tivesse que definir precisamente qual o feito mais original de Freud, diria sem sombra de dúvidas que foi a invenção de uma ficção. Não uma ficção qualquer, mais do que uma ilustração dos processos psíquicos inconscientes, uma descrição cuja pretensão é produzir uma materialidade discursiva capaz de fazer justiça a estes fenômenos. Nas palavras de Paul Laurent Assoun: *Nada pode ser mais distintivo do empreendimento freudiano que essa determinação em restituir a seqüência dos fenômenos psicosssexuais em sua "realidade"*⁵⁹.

Essa "materialidade" é a condição pela qual esse projeto de ciência forjada por Freud se torna possível. Tendo como objeto o Inconsciente ela se afasta, ao mesmo tempo, de uma teoria psicológica corrente e de uma concepção filosófica tradicional sob o risco de ver sua legitimidade ameaçada. Freud desloca do discurso metafísico a noção de não consciente, ao mesmo tempo, dá a esse deslocamento um lugar de destaque na sua metapsicologia transformando-o em um conceito fundamental em sua teoria sobre o funcionamento mental e, a despeito de uma descrição dos processos neuronais, faz se impor um dispositivo que comporta uma transgressão secreta em relação às formas recenseadas de racionalidade. Mas esse dispositivo é também, e, sobretudo, uma recusa em abandonar o Inconsciente à irracionalidade: *trata-se de lhe fazer justiça, construindo-o como trans-objetividade (meta-psicológica), bem designada pelo termo "pulsão"*⁶⁰.

⁵⁹ P.L. ASSOUN. *Metapsicologia Freudiana*: Uma Introdução. 1996, p.25.

⁶⁰ Idem. p. 31

No início do Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud diz:

Não há possibilidade de explicar os sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar) algo significa remontar a alguma coisa já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo que nele atuam⁶¹.

É preciso “inventar” dirá Freud e esta invenção deve combinar audácia e desconfiança do arbitrário. A ficção metapsicológica é desdobramento deste esforço que tem na descrição do funcionamento psíquico seu mais nobre objetivo:

Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica (...) retrataremos o aparelho psíquico como um instrumento composto a cujos componentes daremos o nome de “instancias”, ou (em prol de uma clareza maior) “sistemas”.⁶²

O que há de determinante nesta representação tópica é a idéia de uma “orientação espacial constante”⁶³ dos sistemas.

Em Freud a origem da tópica é relativamente evidente na mesma medida que distinta da dos filósofos. Ele se interessava pela teoria das localizações cerebrais, um interesse que deriva diretamente de sua formação médica. Publica em 1891 um trabalho no qual critica a teoria das localizações cerebrais no que se refere ao problema crucial: o da afasia. Para Freud, as localizações cerebrais são inventadas para as necessidades argumentativas, sendo necessário encontrar um ponto mais funcional de trabalho. Antes

⁶¹ S. FREUD. *A Interpretação dos Sonhos*. V, p. 543

⁶² Idem. p. 567

⁶³ P.L. ASSOUN. *Metapsicologia Freudiana: Uma Introdução*. 1996, p. 59

mesmo de Freud já era possível pensar em algo que se assemelhasse a uma tópica. Uma *clivagem* entre níveis de consciência já era defendida por Janet, os chamados estados de “dupla consciência alterada” nos levava a pensar que num primeiro plano situa ora um lugar do sujeito, ora o outro. Entretanto, os trabalhos de Freud e Janet se distinguem no que diz respeito à simetria da alteração de consciência. Para Janet, quando uma histérica é o lugar desse fenômeno de dupla consciência, nenhuma das duas é privilegiada em relação à outra (qualquer uma pode estar em primeiro plano e tornar-se a parte consciente) sendo a outra o inconsciente da primeira. Mas de um modo inteiramente simétrico, pode haver uma inversão: o inconsciente da primeira volta a ser o consciente e vice-versa. Não há entre elas diferença qualitativa nem funcional; não há “processos” diferentes são simplesmente duas consciências que podem alternar entre si.

Em Freud, a pesquisa assume uma complexidade decisiva para o desenvolvimento do trabalho psicanalítico. A clínica da histeria conduz a um “fenômeno” muito diferente, caracterizado pela duração do tratamento, pela dificuldade de acesso a esse inconsciente, pela obstinada resistência que o inconsciente oferece à investigação analítica. Uma resistência que encontra sua justificação na organização estratificada do psiquismo.

As vias de acesso entre os níveis são reguladas por uma natureza peculiar ao funcionamento psiquismo de maneira que só se pode avançar no entendimento do funcionamento destes estratos se os modos desta natureza forem obedecidos. A menos que se force completamente o conjunto do mecanismo tal como na hipnose ou em alterações de consciência produzidas pela utilização de substâncias químicas. Em seu curso normal, ou melhor, naturalmente, esse conjunto de mecanismos não responde a intervenções que desconsideram a peculiaridade de seu funcionamento.

Em *Estudos sobre a Histeria* (1893-95), num capítulo intitulado “a Psicoterapia da histeria”, Freud chama de “materiais patogênicos” o conteúdo do estrato inconsciente organizado em camadas concêntricas em torno de um núcleo duro, lugar máximo da resistência: *é inteiramente inútil tentar penetrar direto no núcleo do material patogênico. Ainda que nós mesmos pudéssemos adivinhá-lo, o paciente não saberia o que fazer com a explicação a ele oferecida e não seria psicologicamente modificado por ela.* ⁶⁴

O conteúdo existente neste núcleo é menos importante do que o trabalho despendido no ‘ultrapassamento’ de camadas que se dispõem segundo um ‘gradiente’ cada vez maior de resistência à medida que se aproxima do núcleo. Esse esquema tópico é semelhante a uma cebola no que diz respeito à sua imagem (as camadas estão sobrepostas envolvendo no final um pequeno nódulo). No que diz respeito ao desenvolvimento deste esquema tópico, quanto mais próximo do núcleo maior a dificuldade de retirar ou ultrapassar as camadas, o que nos leva a crer que ao contrário do que ocorre na maioria dos organismos encontrados: sua organização inicia-se no núcleo e se estende a partir dele, o “organismo” descrito por Freud tem uma montagem inversa, suas camadas ficam mais ‘grossas’ à medida que se aproxima do centro. Tomemos como exemplo um evento bastante curioso: o suicídio celular.

Durante o desenvolvimento embrionário do feto humano, um conjunto de células sem função para o organismo maduro ‘suicidam’. É o caso, por exemplo, das células interdigitais. Nas primeiras oito semanas de vida, os embriões humanos passam por um crescimento celular quase ininterrupto. Este é o período em que se estabelece o plano para todo o corpo, inclusive para todos os principais sistemas de órgãos internos. No final da oitava semana, o embrião humano é claramente identificado como humano e

⁶⁴ FREUD, S, BREUER, J. *Estudos sobre a Histeria*. II, p. 304.

chega ao estágio fetal. Os membros de um feto humano – os futuros braços e pernas, com suas mãos e pés anexados – aparecem durante o período de crescimento embrionário, no final da quarta semana de vida. Eles começam como pequenas saliências na margem da estrutura corporal em evolução, lançando-se para fora rapidamente nas semanas seguintes para chegar a sua forma final. Os futuros braços sempre estão um pouco mais desenvolvidos do que as futuras pernas – muito provavelmente porque as pernas são aquisições tardias. Tudo indica que, do ponto de vista biológico, os ganhos filogenéticos se organizam numa sucessão cronológica que conduz do mais primitivo ao mais atual. Isso indica o vetor para compreender qualquer organismo vivo.

No final da sexta semana de desenvolvimento, os três principais segmentos do braço são claramente visíveis: o antebraço, o braço e a mão. Nesta fase, a mão parece mais uma raquete de pingue-pongue do que uma ferramenta que um dia segurará uma caneta ou um arco de violino. Vestígios dos futuros ossos dos dedos são discerníveis como linhas tênues de cartilagem condensada conectadas por teias de tecido. Esta fase é característica de todos os vertebrados e um exemplo do princípio embriológico estabelecido pelo biólogo Ernest Haeckel no século passado: *a ontogênese recapitula a filogênese* (a história do feto do indivíduo no útero recapitula a história biológica dos ancestrais daquele feto). Todos os embriões de vertebrados, por exemplo, passam por uma fase em que têm estruturas de guelras na região do pescoço. Os peixes mantêm esta estrutura de guelras para ajudá-los a respirar debaixo da água quando adultos. Os embriões de seres humanos e de outros vertebrados superiores passam pelo mesmo processo, usando o tecido remanescente da guelra para modelar estruturas mais úteis, como o timo e a tireóide. Da mesma forma, todos os embriões de vertebrados passam por uma fase em que os dígitos da mão e dos pés são palmados. Os peixes e algumas

aves mantêm estas membranas por toda a vida, reforçando-as e usando-as na construção de nadadeiras, asas ou pés palmados. Nos embriões humanos, entre o 46º e o 52º dia no útero, a membrana interdigital da mão desaparece de repente, deixando para trás cinco dedos.

O grupo de células que compõe o tecido interdigital não desaparece fortuitamente nem são incorporados por nenhuma outra parte do corpo. Esse grupo morre “à sua maneira”. Mais precisamente, essas células suicidam obedecendo a um roteiro impresso em seu modo de funcionamento e do qual não podem livrar-se.

Toda essa descrição nos conduz novamente ao ponto que interessa: a montagem tópica das camadas psíquicas e seus meios de defesa. No domínio biológico fica claro que a defesa é uma exigência adaptativa, um processo de acomodação do organismo às variáveis internas e externas, neste caso, o que a observação direta pode mostrar é que no decorrer do seu desenvolvimento, os tecidos vão se tornando mais densos até formarem o maior órgão de defesa do corpo humano: a epiderme.

No sistema descrito por Freud, os meios de defesa ocorrem por meio de impressões externas, seu material tem uma “substancia” diferente do organismo, mas que a partir deste momento, funcionará ‘dentro’ dele com relativa autonomia, este novo elemento constituirá um “dentro” que resultará na inauguração de uma ‘vida’ paralela cujas funções se apóiam.

No que diz respeito a organizações das camadas a diferença é curiosa. Freud mostra que à medida que, num processo analítico nos aproximamos do ‘núcleo’ as resistências aumentam, ou seja, as camadas ficam mais densas: quanto mais próximo do núcleo mais denso; a defesa se constitui de fora para dentro. No esquema biológico há uma diferença, para não dizer uma inversão: quanto mais externas, e, portanto, distantes do núcleo mais densos vão ficando os órgãos de defesa e o resultado final é a camada

mais “resistente” do sistema a epiderme. Talvez isso possa sugerir que o núcleo dos “materiais patogênicos” é originalmente exterior ao organismo, de outra ordem, e que fora engendrado no organismo num momento em que o mesmo não dispunha de mecanismo de defesa ou não havia razões para se defender. Se esses materiais aos quais se refere Freud emergissem do organismo – do coração, pulmão ou qualquer outro órgão físico, sua cura seria um problema da fisiologia. Contudo, o que Freud percebe é que esses “materiais patogênicos” emergem no organismo, ou seja, há um modo de funcionamento que se apóia numa estrutura que embora se apóie nela, tem certa autonomia em relação a processos cuja ordem é a necessidade. Esse ‘algo’ que funciona no corpo e, façamos justiça, a partir dele, é responsável por outro universo de relações que vai além da fisiologia. Ora, se o funcionamento em questão não é fisiológico, então o que ele é então?

Psíquico! Todo o conjunto teórico da Psicanálise tem como propósito determinar 1º - a distinção entre funcionamento fisiológico e psíquico e, 2º- as condições de funcionamento deste último e 3º - qual o limite entre a ação psíquica e a fisiológica.

II.III - A PRIMEIRA TEORIA DAS PULSÕES

O trabalho que liga Freud mais do que qualquer outro a uma perspectiva materialista, ou, a uma convicção da anterioridade do corpo em detrimento dos processos psíquicos é sem dúvida nenhuma o *Projeto de uma Psicologia Científica* escrito em 1985, mas publicado somente em 1950. Nele, ao contrário do que sugere Laplanche e Pontalis – de que a primeira utilização do termo pulsão teria ocorrido nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexual*⁶⁵ -, Freud propõe a idéia de que o sistema ψ esta exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (estímulos endógenos) e das quais ele não pode livra-se e por isso, essa quantidade de excitação

⁶⁵ J. LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 2001. p 507

acaba se tornando a “mola pulsional” (*triebfeder*) que por sua vez é representada por aquilo que na tradição alemã denominou-se vontade (*wille*)⁶⁶.

Não há absolutamente nenhuma surpresa na opção argumentativa que Freud utiliza para a montagem deste texto. Ele fala de neurônio, de quantidade de excitação, de quantidade de influxo nervoso termos que remontam sua própria formação intelectual. Freud foi aluno de Theodor Meynert, professor de neuropsiquiatria da Universidade de Viena e seu orientador durante boa parte de sua formação médica. Este último, por sua vez, vincula-se a uma tradição que remonta, através de Fechner, a Herbart.

Herbart representa uma corrente de oposição a Kant que pretende uma abordagem matemática da psicologia. Para ele a psicologia deve ser baseada exclusivamente na experiência e numa abordagem quantitativa dos meios de funcionamento psicológico, este recurso à teoria das quantidades somada a uma concepção dinâmica do psiquismo, especialmente do inconsciente, aproximam Freud de Herbart a ponto de em 1895, ele tomar como ponto de partida suas teses.

Entretanto, se no que diz respeito à forma particular como os conceitos foram articulados pode-se dizer que houve um descolamento por parte de Freud em relação a Herbart, por exemplo, no que diz respeito ao “projeto epistemológico” – se assim o podemos chamar – houve uma continuidade. Continuidade destacada no nome dado ao trabalho de 1895 e na proposta que o manteve: uma psicologia que fosse uma Ciência da Natureza.

No *Projeto*, o psiquismo é concebido como um “aparelho” capaz de transmitir e transformar uma determinada energia. Seu funcionamento é explicado por meio de duas hipóteses: 1º existe uma quantidade (Q) que distingue a atividade de repouso das

⁶⁶ S. FREUD. *Projeto para uma Psicologia Científica*. ([1895]/1975), parte I, item 10, pp. 324-325.

partículas materiais; 2º essas partículas materiais são os neurônios. Essas duas hipóteses irão supor um mecanismo de regulação do aparelho denominado por Freud como *Princípio de Inércia Neuronal*, segundo o qual os neurônios tendem a descarga completa da quantidade de excitação que recebem por meio do sistema arco reflexo que por sua vez indica o percurso da excitação: entrando via neurônios sensitivos e sendo inteiramente descarregada nas extremidades motoras. Essa é a função mais primordial do aparelho psíquico para Freud e, a essa função soma-se outra: a de conservar as vias de escoamento que mantêm o aparelho afastado das fontes de excitação. Em outras palavras, além da função de descarga há a função de fuga do estímulo.

Outra característica do Princípio de Inércia Neuronal é que ele não atua sozinho, mas em conjunto com outro princípio: o de Constância, que por sua vez visa evitar o livre escoamento da energia. O sistema nervoso é “bombardeado” por estímulos internos (do próprio corpo) e externos. Se por um lado, os estímulos externos podem ser evitados, por outro, os internos não oferecem possibilidade de fuga. São eles que estabelecem as grandes necessidades como respiração e sexualidade que só sofrem variações de intensidade após a realização de uma ação específica sem, no entanto, jamais desaparecerem.

Os neurônios tendem a descarregar o nível de energia por meio de uma ação específica, mas se assim o fizessem completamente não haveria quantidade de energia suficiente para realizar essas ações destinadas a satisfazer a estimulações interna. Desta forma, o neurônio é obrigado a tolerar um acúmulo de energia para esta finalidade. Uma crítica freqüente a essas formulações é que o princípio de inércia opõe-se ao princípio de constância. Esta oposição, no entanto representa não um problema, mas a solução de um impasse energético: como a tendência a livrar-se de energia se opõe á tendência de acúmulo, o aparelho psíquico resolve o problema servindo a Deus e o Diabo ao mesmo

tempo. Mantém num nível mais baixo possível ao mesmo tempo em que procura se proteger do aumento da mesma, ou seja, mantém o nível de energia constante.

Muito embora a idéia de uma lei de constância seja fundamental no modelo econômico freudiano, ela aparece no *Projeto* como uma lei secundária e só recebe o estatuto de “Princípio” independente em 1920 no não menos complexo *Além do Princípio do Prazer*. Seja como for, sua presença ainda que de forma secundária demonstra dois aspectos importantes: 1) a disposição de Freud em mantê-lo como ponto importante da teoria do econômico; 2) sua importância para entender o que significa na metapsicologia economia psíquica.

Do ponto de vista biológico estas regras de funcionamento são observáveis sem muitas dificuldades. Um dos exemplos mais evidentes é o modo de funcionamento do sistema digestivo. O metabolismo é o conjunto de mecanismos químicos necessários para o funcionamento do organismo. Funcionamento este que responde de maneira “econômica” conforme o intervalo das refeições. Se os intervalos das alimentações são menores o metabolismo fica acelerado resultado da exigência de trabalho provocada pela necessidade de transformar os alimentos ingeridos em energia. Por outro lado, o organismo entende intervalos maiores como eminência de privação, as reservas de energia estão se esgotando, sendo assim ele entra em um “modo econômico” e desacelera o metabolismo. Em linhas mais gerais, esses grandes intervalos provocam uma adaptação metabólica de economia de energia. Esse processo bem como vários outros – pois essa parece ser uma regra geral do funcionamento fisiológico – não era estranha a Freud. A questão do texto de 1895 era se esse modo de funcionamento se aplicava também ao sistema psíquico. Porque não?

A necessidade da tópica em Freud responde à dificuldade em lidar com esse corpo num nível puramente físico. O *Projeto* não é um trabalho baseado em

observações diretas e experimentos, mas um trabalho estritamente especulativo que se serve de metáforas neurológicas. Em se tratando do problema quantitativo não parece haver outro modelo mais eficaz do que o do *bios* para pensar o que acontece com os processos psíquicos, até porque se pensarmos que o aparelho mental é a representação psíquica do corpo entenderemos facilmente porque processos orgânicos podem servir de modelos para pensar processos psíquicos: fome-corpo / amor-psiquismo.

Eis aqui um ponto que nos leva a um conceito, que embora pouco usual em Psicanálise, é extremamente útil para entendermos a lógica da derivação necessidade/pulsional. Trata-se da Vivência de Satisfação. Pensada desde o *Projeto para uma Psicologia Científica*, e várias vezes citada no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, a vivência de satisfação está diretamente ligada ao que Freud chamou “estado de desamparo”. Quando o organismo não consegue produzir uma ação específica capaz de suprimir a tensão resultante do afluxo das excitações internas, um outro externo vêm em auxílio oferecendo algo que, a partir daí, faça com que o organismo suprima a tensão. O exemplo clássico é o da fome: fome = excitação externa, a intervenção externa é representada pelo oferecimento de alimento por um outro. A partir daí a satisfação se liga à imagem do objeto que proporcionou a satisfação. Quando a tensão aparece novamente a imagem do objeto é reativada na forma de uma alucinação. Essa operação “protege” o sujeito de uma série de frustrações já que, nesse momento do desenvolvimento, as “alucinações”, ou, percepções análogas do objeto, são dotadas do mesmo realismo. Eis aí a origem do desejo. Diante da impossibilidade de viver a satisfação num nível real, o sujeito a vive de forma alucinatória.

É este refinamento da experiência: o desejo, ou a satisfação obtida por meio de uma ação “inespecífica”, que situarão a Psicanálise num campo que não será simplesmente o da Biologia. Freud é bastante claro quanto a suas pretensões. Logo no

início do *Projeto* ele propõe uma concepção quantitativa dos processos psíquicos, e as noções de “soma de excitação”, “quantidade de excitação”, “cota de afeto” e “somação” constituem-se como elementos básicos desta proposta. No entanto, se ele é claro quanto ao conteúdo, no que diz respeito à forma aparecem algumas imprecisões. Ao apresentar o modo de funcionamento do aparelho psíquico Freud afirma que “*a quantidade em ϕ se expressa por complicação em ψ* , no entanto, o termo **complicação** sugere muito mais uma idéia de conjunto, união, do que de dificuldade. Razão pela qual discurso biológico e metapsicológico sempre estiveram tão próximos.

Em *Introdução à Metapsicologia freudiana*, na análise que faz do *Projeto* de 1895, Luiz Alfredo Garcia-Roza demonstra que o problema talvez passe muito mais pela “boa vontade” em relação à leitura do *Projeto* do que propriamente uma dificuldade teórica de peso. Garcia-Roza toma dois termos (cota de afeto e soma de excitação) utilizados por Freud no texto *As neuropsicoses de defesa* em 1894:

*nas funções psíquicas cabe distinguir algo que em todas as propriedades de uma quantidade – embora não tenhamos meios de medi-la –; algo que é passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelas marcas mnêmicas das representações como o faria uma descarga elétrica pela superfície dos corpos.*⁶⁷

Retém dessa passagem alguns elementos; a aparente identificação dos dois elementos “cota de afeto” e “soma de excitação” no que diz respeito a sua propriedade: enquanto “soma de excitação” aponta para origem da quantidade, “cota de afeto” sugere um componente intensivo capaz de se destacar da representação e encontrar destinos independentes. Ambos apontam para o que na quantidade representa intensidade, ou seja, não se trata apenas de aumento e diminuição, mas da intensidade desta variação. Quando Freud diz que são passíveis de aumento e diminuição, ele não está apontando

⁶⁷ S. FREUD. *As Neuropsicoses de Defesa*. III, p. 66.

um problema de ordem técnica – o da medida desta quantidade – mas um problema metapsicológico, o da distinção entre quantidade e intensidade. Na hipótese quantitativa proposta por Freud, o princípio de constância aponta para uma tendência a manter constante não a quantidade de energia (quantidade), mas seu nível de intensidade (qualidade). Trata-se, portanto de uma hipótese sobre a regulação da quantidade e não uma hipótese sobre a conservação da mesma. Dito isso, a contradição entre os dois princípios de funcionamento psíquico (inércia e constância) é fundadora de um problema que só pode ser resolvido, ou pelo menos, trabalhado, de um ponto de vista específico: o metapsicológico.

Conforme nos mostra Laplanche e Pontalis⁶⁸, é na descrição da sexualidade humana que se esboça a noção freudiana de pulsão. Na mesma linha de pensamento do *Projeto*, – a suposição de que surge do corpo (zonas erógenas) um tipo específico de excitação, a sexual – é retomada em *Três Ensaios sobre da Teoria Sexualidade*.

Quando Freud introduz o termo *Trieb*, o faz para designar um processo polimorfo, contingente e dependente de um contexto, ou seja, a história de um determinado sujeito. Esse elemento, a pulsão, tem **objeto** variado, **metas** múltiplas e estão estreitamente relacionadas com suas **fontes** somáticas que não fogem à regra são também múltiplas *e suscetíveis de assumirem para o sujeito uma função predominante (zonas erógenas), pois que as pulsões parciais só se subordinam à zona genital e só se integram na realização do coito ao termo de uma evolução complexa que a maturidade biológica não é suficiente para garantir.*⁶⁹

Até aqui, três conceitos auxiliares servem para caracterizar o primeiro conceito freudiano de pulsão: O *alvo* (também traduzido como finalidade, fim, objetivo ou meta)

⁶⁸ J. LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 2001.p. .395.

⁶⁹ Idem, *ibidem*.

é a suspensão da estimulação na fonte, mas também são alvos as etapas intermediárias que possam levar à finalidade da pulsão: obter satisfação por meio de uma excitação específica. Por *fonte*, Freud compreende a excitação de zonas erógenas por diversos estímulos e as fontes “indiretas” tais como, “excitação mecânica”, “processos afetivos” e “trabalho intelectual” sobre esse segundo tipo de fonte Freud dirá que embora não estejam na origem de uma pulsão parcial determinada, contribuem de forma considerável para aumentar a “excitação sexual” de um modo geral. O *objeto* da pulsão é "aquilo junto a que, ou através de que, a pulsão pode atingir seu alvo". É variável, e não está originalmente ligado à pulsão. O objeto *é coordenado à pulsão em consequência de sua aptidão a tornar possível a satisfação*⁷⁰. Ele é, portanto, *contingente*, mas esta contingência não significa indeterminação, pois o objeto será determinado, exatamente, por "sua aptidão" (e poderíamos acrescentar aqui: real ou fantasiosa) "a tornar possível a satisfação". O quarto conceito auxiliar é acrescentado à teoria das pulsões em *Pulsões e suas Vicissitudes* (1915), trata-se da *pressão* ou força, de caráter essencialmente quantitativo é a pressão que torna possível “medir” a exigência de trabalho a qual é submetido o aparelho psíquico por meio do acúmulo de excitação.

Entretanto, muito mais do que um quarto conceito auxiliar, Freud introduz em 1915 uma condição para pensar sua teoria. Uma pulsão é sempre uma pulsão em relação à outra, isso implica dizer que não existe *a* pulsão, mas sim *as* pulsões, que ele reunirá, num primeiro momento, em dois grupos: as pulsões de autoconservação (ou pulsões do eu) e as pulsões sexuais.

Das pulsões sexuais ele diz que são numerosas, surgem de diversas fontes orgânicas e atuam, a princípio, independentemente umas das outras. Seu alvo é o prazer

⁷⁰ S. FREUD, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. VII, p. 86

do órgão. Inicialmente elas se apóiam nas pulsões de autoconservação – e de certo modo nunca o deixaram de fazer – para, em seguida, determinar ‘objetos’ e o curso que as conduzirá até eles – os destinos das pulsões são determinados pela quantidade de excitação e pela descarga desta – essas ‘vias estabelecidas’ passam a ser vias ‘preferências’ de descarga. Vale lembrar que Freud nunca falou de apoio de uma pulsão sobre um instinto. O que ele fala é de apoio⁷¹ de uma pulsão sexual sobre uma pulsão de autoconservação.

Embora, conforme afirma Freud, parte das pulsões sexuais permanece ligada às pulsões de autoconservação, fornecendo componentes libidinais, podemos (devemos) distingui-las conceitualmente: a pulsão alimentar (de autoconservação), cujo alvo é a ingestão de alimento, e a pulsão oral (sexual), cujo alvo é o prazer da zona erógena oral – clinicamente esta ligação de uma à outra encontra respaldo naquilo que frequentemente tem sido chamado de transtornos alimentares: bulimia e anorexia.

Freud manteve durante toda sua obra a tese de que as forças que visam à autoconservação são *pulsões*. Ele fala em *pulsões* de autoconservação, nunca em *instintos* de autoconservação. Para ele, a fome e a sede são pulsões. Sobre elas, sua abordagem é, digamos, rápida sem muita profundidade, e nunca foi muito específico em relação a quais pulsões deveriam ser incluídas neste grupo. Entretanto, ele nunca deixa de considerá-las, até o final de sua obra, as pulsões de autoconservação figuram ao lado das pulsões sexuais dentro do grupo das pulsões de vida.

Considerar tanto a sexualidade quanto a busca da autoconservação como pulsões não significa uniformizá-las ou torná-las iguais. Freud as diferencia, assinalando que a

⁷¹ Segundo Laplanche e Pontalis, o termo *apoio* foi introduzido para designar a relação primitiva entre os dois grupos de pulsões citados acima. As pulsões sexuais que secundariamente se tornam independentes, se apóiam nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. p. 30.

ligação das pulsões de autoconservação aos objetos externos é muito mais forte – em função do forte componente de realidade – ficando as pulsões sexuais, devido ao seu longo e complexo desenvolvimento, muito mais sujeitas ao puro princípio do prazer e ao registro imaginário.

Freud também chama as pulsões de autoconservação de pulsões do eu (ou pulsões do ego). Este uso da palavra "eu" deve ser diferenciado do conceito de "eu" como instância do aparelho psíquico, assim como do "eu" num uso mais corrente. Note-se que, em certo ponto, Freud⁷² usa a expressão “pulsões de conservação do eu” como equivalente das expressões habituais "pulsões de autoconservação" e "pulsões do eu”.

Pulsões do eu, portanto, são pulsões que visam à conservação de si mesmo, e não à reprodução. Já as pulsões sexuais, embora nem sempre estejam diretamente atreladas à reprodução, visam, *em última análise*, à conservação da espécie. É a oposição entre os interesses do indivíduo e os interesses da espécie, portanto, que se reflete na oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais.

Assim, deve-se observar a distinção entre pulsões do eu e investimento libidinal do eu. Este último refere-se ao investimento, pelas pulsões sexuais, da representação do próprio indivíduo ou de uma parte de seu próprio corpo. Já as pulsões do eu, além de não se confundirem com as pulsões sexuais, levam em geral ao investimento de um objeto, e não da representação do indivíduo ou de parte do próprio corpo.

Nesse quadro em que se configura o primeiro dualismo pulsional, alguma coisa deve ser dita sobre as pulsões agressivas, embora haja certa indefinição no uso dos termos "pulsão sádica" e "pulsão de domínio”.

⁷² S. FREUD. *Instintos e suas Vicissitudes*. XIV, p. 101

Em *Instintos e suas Vicissitudes*, Freud afirma que os alvos originais da pulsão sádica são os de dominar e humilhar, não incluindo o de infligir dor⁷³. Neste estágio, ela seria mais propriamente pulsão de domínio. Só a partir da inclusão do masoquismo, presente no sadismo através da identificação ao objeto, é que o alvo de infligir dor surge também. Não fica claro se a pulsão de domínio (pura, sem o alvo sádico de infligir dor) deveria ser considerada como sexual ou não. Numa frase de 1905, nos *Três Ensaio*s, modificada na edição de 1915, Freud⁷⁴ chega a dizer que suas fontes seriam de fato independentes da sexualidade.

Novamente em *Pulsões e suas Vicissitudes*, falando do ódio, Freud escreve: *De fato, pode-se afirmar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio derivam não da vida sexual, mas da luta do eu por sua conservação..*⁷⁵. Afirma ainda: *se o objeto for fonte de sentimentos de desprazer, haverá uma tendência a aumentar a distância entre ele e o eu (...). Sentimos a repulsa do objeto e o odiamos.*⁷⁶

Freud está falando aqui de uma força que é o oposto do desejo, derivada da *contrapartida da vivência primária de satisfação*, como ele diz no capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos*⁷⁷, e busca o afastamento do objeto, o desinvestimento de um objeto pelo fato deste ser hostil. A antítese entre amor e ódio corresponderia então à antítese entre pulsões sexuais e pulsões do eu: *O ódio, (...) como expressão da reação de desprazer provocada pelos objetos, permanece em íntima relação com as pulsões de conservação do eu*⁷⁸.

⁷³ Idem. p. 91.

⁷⁴ S. FREUD, *Três Ensaio*s sobre a Teoria da Sexualidade. VII, p. 193, nota

⁷⁵ S. FREUD. *Instintos e suas Vicissitudes*. XIV, p. 100

⁷⁶ Idem p. 99

⁷⁷ S. FREUD. *A Interpretação dos Sonhos*. V, p. 569

⁷⁸ S. FREUD. *Instintos e suas Vicissitudes*. XIV, p. 101

Nesta colocação, que aproxima a repulsa das pulsões de autoconservação, podemos discernir o uso do termo pulsão num sentido mais amplo, pois, em sentido estrito, a pulsão (dentro da primeira teoria) só pode gerar desejo, e não repulsa. Lembremos: a pulsão tem como fonte uma excitação proveniente do corpo, manifesta-se no aparelho psíquico como uma pressão que busca descarga, o que leva a buscar investir a representação de um objeto e a buscar percebê-lo, para poder realizar, junto a este objeto, o alvo que proporcionará uma satisfação. A repulsa, ao contrário, não deriva de uma vivência de satisfação, mas de uma vivência de dor ou de susto.

Assim, se tomarmos a agressividade como expressão de uma pulsão, neste sentido estrito, tendo como fonte uma excitação proveniente do aparelho muscular, ela buscará investir a representação do objeto e aproximá-lo do eu, para a realização, real ou na fantasia, do alvo agressivo ou de domínio. Já a repulsa corresponde à busca do desinvestimento de um objeto, o que torna difícil vê-la como manifestação de uma pulsão, no sentido da primeira teoria das pulsões.

II.IV– A SEGUNDA TEORIA DAS PULSÕES

A partir de "Além do Princípio do Prazer", de 1920, surge não só uma nova teoria das pulsões, mas um novo conceito de pulsão. As pulsões (pulsão de vida e pulsão de morte) passam a ser princípios gerais que regem o funcionamento, não só da vida psíquica, mas de toda a vida orgânica, presentes nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares. A pulsão de vida é concebida como a tendência à formação de unidades maiores, à aproximação e à unificação entre as partes dos seres vivos. A pulsão de morte, ao contrário, é vista como a tendência à separação, à destruição e, em última análise, à volta ao estado inorgânico.

O conceito de pulsão, aqui, é, portanto muito mais amplo. Ao invés de uma exigência de trabalho feita pelo ‘soma’ ao aparelho psíquico, temos duas tendências gerais que se aplica a toda a matéria viva. Freud chega a supor que as pulsões de vida e de morte nada mais sejam que o reflexo, no reino do orgânico, das forças de atração e repulsão presentes no mundo inorgânico. As pulsões que se manifestam na vida psíquica passam a ser vistas como resultado da ação confluyente ou antagônica destas duas tendências, que emanam do nível do biológico.

Qual a fonte da pulsão de morte? A pergunta, aparentemente legítima, revela o equívoco de aplicar o primeiro conceito à segunda teoria. O conceito de fonte da pulsão faz parte do primeiro conceito de pulsão (como exigência de trabalho feita ao aparelho psíquico pelos estímulos provenientes do interior do corpo) e não se aplica à pulsão de morte (uma tendência geral da vida orgânica) nem, estritamente falando, à pulsão de vida (como tendência à unificação).

Aparentemente, tal como foi redigido, *Além do Princípio do Prazer* 1920 se presta a todo tipo de mal-entendidos. Nele, Freud apresenta toda uma seqüência de raciocínio, com argumentos e contra-argumentos, mudando de opinião várias vezes ao longo da exposição.

Partindo da idéia de uma compulsão de repetição, Freud propõe a concepção de que toda pulsão seria uma tendência ao restabelecimento de um estado anterior. Como o estado anterior à própria vida é o estado inorgânico, as pulsões buscariam, em última análise, a volta a este estado. O alvo da vida seria então a morte, e as próprias pulsões de autoconservação, que parecem se opor à morte, seriam, na verdade, pulsões parciais para assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte. Caminho este que teria

sido escrito pelas influências externas que atuaram sobre o curso da vida dos organismos mais antigos, e cuja repetição seria buscada pelas pulsões conservadoras.

Em outro momento, Freud afirma que as pulsões sexuais não se adequam a esta concepção da pulsão. Propõe, conseqüentemente, uma dualidade que opõe as pulsões sexuais, que buscam a vida, e as outras pulsões, que tenderiam à morte. Neste ponto, as pulsões de autoconservação ficam ainda do lado da pulsão de morte.

Depois disso, muda novamente sua posição, incluindo também as pulsões de autoconservação no grupo das pulsões de vida (Eros). Diz ainda que a pulsão de morte é silenciosa, que não se mostra à percepção interna. Teríamos uma manifestação dela, se bem que deslocada, na pulsão destrutiva. (A destruição do outro seria buscada no lugar da própria morte.)

O surgimento da segunda teoria das pulsões, que, como vimos, baseia-se num novo conceito de pulsão, não implica, no entanto, numa rejeição ou abandono da teoria anterior. Em alguns pontos, sem dúvida, especialmente em relação às pulsões agressivas, esta é significativamente transformada. Mas o quadro geral da *pulsão sexual* como uma *exigência de trabalho* feita ao aparelho psíquico, a partir da estimulação proveniente de *fontes* somáticas, provocando uma *pressão* que busca descarga, envolvendo *objetos*, em sua busca de atingir o *alvo* da *satisfação*, e dando origem, portanto, ao *desejo*, todo esse quadro se mantém após a introdução da nova teoria.

No terceiro capítulo do *Esboço da Psicanálise*, de 1938, por exemplo, Freud retoma a análise do desenvolvimento da função sexual em linhas bem semelhantes às dos *Três Ensaio*s (1905) e de *Pulsões e suas Vicissitudes* (1915).

*Neste Isso operam as pulsões orgânicas, elas mesmas compostas de misturas das duas forças originárias (Eros e destruição), em proporções variadas, e diferenciadas entre si por suas relações com órgãos ou sistemas de órgãos. A única aspiração dessas pulsões é pela satisfação, que é esperada de alterações específicas nos órgãos, com a ajuda de objetos do mundo externo*⁷⁹.

Vemos, aqui, como Freud articula a primeira teoria à segunda. É interessante assinalar, ainda, que para fazer esta articulação, Freud reserva o termo pulsão, nesta passagem, para o conceito da primeira teoria e usa a expressão "forças originárias" para as pulsões da segunda teoria.

Ambas as teorias da pulsão propostas por Freud são dualistas, no sentido de que ele sempre opõe dois grupos de pulsões e tenta ver o conflito psíquico como resultante dessa oposição. Na primeira teoria, a oposição central é entre pulsões sexuais e do eu, e na segunda, entre pulsões de vida (englobando essas duas categorias) e pulsão de morte.

Quanto à relação com o biológico, ambas vêm as pulsões como fortemente alicerçadas no nível orgânico da vida. Na primeira teoria, a fonte somática e o alvo último da satisfação mostram as pulsões, tanto de autoconservação quanto sexuais, como profundamente dependentes de fenômenos biológicos. Na segunda, as pulsões são tendências gerais da própria matéria orgânica, que se refletem na vida psíquica.

Ao se aprofundar no estudo das pulsões, a teoria freudiana coloca-se na fronteira de outros campos do conhecimento. Freud, aliás, expressou mais de uma vez a esperança de que uma contribuição maior para o conhecimento das pulsões pudesse vir de outras áreas do conhecimento, e especificamente, das ciências biológicas

Isto não implica, entretanto, na redução da teoria das pulsões ao domínio da Biologia. Pois o que vai ocorrer com estas forças na vida psíquica dependerá do que se

⁷⁹ S. FREUD, *Esboço de Psicanálise*. XXIII, p. 128.

passa no aparelho e da forma como organizará suas experiências, e em especial, do trabalho realizado ao nível dos desejos e das fantasias inconscientes. É exatamente esse esforço – afastar posições reducionistas – que faz da teoria da(s) pulsão (ões), o objeto por excelência da expansão da disciplina psicanalítica.

III - TERCEIRO CAPÍTULO: O SENTIDO METASPSICOLÓGICO DA PULSÃO DE MORTE

Além do Princípio do Prazer (1920) é reconhecidamente incluído entre as obras mais especulativas de Freud. A esse caráter especulativo acrescenta-se outro ponto não menos problemático que são as condições de vida em que Freud produziu este trabalho. Sob as privações dos anos de pós guerra Freud começou a sentir o peso do tempo, peso este que é aumentado com a morte de duas pessoas queridas: sua filha Sofhie e seu amigo e mecenas Anton Von Freund.

Essas contingências bastaram para que alguns autores interessados no pensamento freudiano interpretassem o texto de 1920 como um trabalho atravessado por um ‘pessimismo’ oriundo do estado de luto. Esta é, por exemplo, a hipótese defendida por Fritz Wittels em sua biografia publicada em 1924. A esta, Freud respondeu⁸⁰ com uma lista de correções dentre elas a de que teria escrito *Além do Princípio do Prazer* em 1919⁸¹. A data de publicação confirma a recusa freudiana em admitir uma sobreposição de dados biográficos à compreensão do texto em questão quando sua filha ainda estava “saudável e vivaz”. Sofhie faleceu em 1920.

A primeira retificação é, portanto, feita pelo próprio Freud: não se trata de um trabalho sobre a morte de Sofhie – esta ainda estava viva e com saúde – trata-se de uma investigação sobre o trauma causado pela eminência da morte assim como o peso desse trauma na constituição da neurose. Daí em diante cabe ao leitor dos textos freudianos atribuir ou não à variável biográfica um papel determinante. Os anos 20 foram tensos para uma gama enorme de pessoas e pouquíssimos produziram algum trabalho tão denso e enigmático. Freud pessimista? Claro!

⁸⁰ Esta biografia foi lida por Freud em 1923

⁸¹ Não é possível precisar, com os elementos que temos, se este trabalho é um rascunho – estágios prévios diretos das versões publicadas – ou um manuscrito – primeiras versões – recusadas pelo menos em parte pelo autor.

Sobre este aspecto específico – o pessimismo em Freud – nossa inclinação é de ir muito além dos nossos propósitos. A acusação de que o tema da morte decorre de um pessimismo que emerge de ocorrências biográficas é superficial e poderia ser rechaçada com relativa tranquilidade. Se há um pessimismo em Freud, ele está intimamente relacionado a prevalência de uma tendência destrutiva. Esta por sua vez, não é uma questão pontual, mas uma constante no pensamento freudiano formalizada conceitualmente em 1920 na celebre oposição vida e morte. Desta forma, determinar a presença de um “pessimismo” em Freud nos faria percorrer um trajeto que vai de uma ponta a outra de seus escritos.

Dito isso, ler *Além do Princípio do Prazer* sob efeito desta abordagem biográfica é uma opção simplista e pouco generosa com os desdobramentos que antecedem a publicação do texto. E, exatamente, por esse motivo que deixaremos de lado as motivações pessoais do autor para dedicar-nos às várias influências, sejam elas otimistas ou pessimistas, que deram o tom ao texto.

III. I – DA NOÇÃO AO CONCEITO

Conforme nos mostra Ilse Grubrich-Simitis⁸² é por meio de dois eminentes colaboradores que Freud encontra referências que vão além das fronteiras da Psicanálise: Ferenczi e Rank dois interlocutores decisivos para a montagem das estratégias discursivas que estruturam o trabalho especulativo de 1920. Um fornece os elementos biológicos da discussão, o outro o filosófico. A ‘metodologia’ é explicitada de saída: *ir até onde essas idéias puderem nos levar.*

⁸² GRUBRICH-SIMITIS, I. *De volta aos textos de Freud*. Rio de Janeiro, ed. Imago. s/d, p.191.

De um lado são evocados nomes como o de Weissman, Woodruff e Hering, do outro – na seqüência do texto – Kant, Platão e Schopenhauer. Nomes evocados com o propósito de pensar a problemática do surgimento da **vida** em geral, depois sobre uma vida específica (psíquica) e suas condições, e por último, a exposição de um elemento que entrelace os dois pontos. Desta dupla especulação (filosófica e biológica) sobre a vida, desta sobreposição de discursos estrangeiros surge um elemento que pertence ao campo específico da psicanálise: a pulsão.

Quando Freud afirma ter escrito *Além do Princípio do Prazer* em 1919 é, provavelmente, a uma primeira versão que se refere. Já nesta, estão contidas as tentativas do autor de confrontar suas idéias e conceitos psicanalíticos com as noções e princípios da biologia, a ciência básica que se preocupa com o substrato somático mortal. É como se Freud pudesse antecipar a imensa expansão de conhecimentos no âmbito desta disciplina, ocorrida em função do avanço no campo molecular das células, nos anos que se seguiram à sua morte. Num estilo “filológico”, Freud começa a perguntar pela origem da vida por meio de especulações que, conforme a inclinação ideológica do leitor pode ser nomeada de: místicas, poéticas, filosóficas, etc.⁸³

Entretanto, poucos são os que apontam no texto seu caráter poético, místico ou filosófico; acrescentaria a esta lista a ‘biologia fantástica’ encontrada especificamente no sexto capítulo. Ler *Além do Princípio do Prazer* significa, portanto, apontar os recursos e sua utilização ao longo do texto. Deixaremos as acusações de místicas e poéticas para os mais interessados, e nos deteremos às críticas que sejam de fato importantes como, por exemplo, a de que haveria em *Além do Princípio do Prazer* um cruzamento de discursos díspares, porém, com um propósito único: determinar o início da vida.

⁸³ Idem p. 191.

Com Ferenczi, a quem Freud considerava o mais competente biólogo dentre seus colaboradores, ele tem uma abundante troca de idéias⁸⁴. Os temas biológicos e publicações especializadas são provavelmente o centro das discussões, não só para a fundamentação das especulações de *Além...*, como também para esclarecimentos adicionais sobre as idéias “metabiológicas” ou devemos dizer, “paleobiológicas” do jovem de Budapeste. Das mãos de Otto Rank, Freud recebe uma valiosa contribuição filosófica que o levará a afirmar que em algum momento foram despertadas as particularidades da vida na matéria inerte graças a uma força totalmente inimaginável (vontade) e que a tensão produzida nessa matéria antes sem vida aspira a um ajuste; eis aí talvez a primeira condição instintiva de retorno ao inanimado⁸⁵.

Daí em diante, movido por sucessivas contradições⁸⁶, Freud ‘passeia’, influenciado pelas longas e freqüentes trocas com Ferenczi e Rank, por um conjunto de especulações que vão muito além do costumaz trabalho freudiano.

Este talvez seja um dos motivos pelos quais muitos leitores de Freud têm *Além do Princípio do Prazer* como um texto obscuro, no entanto, ele também pode ser considerado como um texto de retorno às origens, ou melhor, dizendo: um texto sobre o retorno às origens, um retorno que por sua vez pode indicar o motivo de sua obscuridade. O que Freud parece remontar nas primeiras linhas do texto são teses antigas consideradas pré-psicanalíticas e encontradas fundamentalmente no *Projeto para uma Psicologia Científica* escrito em 1895, mas publicado em 1950 (onze anos após sua morte). Isso deve indicar que Freud adota como recurso um conjunto de referências “antigas” cujo sentido é dar conta do problema que se configura a partir da

⁸⁴ GRUBRICH-SIMITIS, I. *De volta aos textos de Freud*. Rio de Janeiro, ed. Imago. s/d, p.191.

⁸⁵ FREUD, Sigmund *Além do Princípio do Prazer*. XVIII. p. 248

⁸⁶ Em Freud as contradições e dificuldades não podem ser evitadas, pois estão ligadas as dificuldades do próprio objeto. Elas revelam o caráter singular de uma nova proposta epistemológica. Portanto, levar as contradições e dificuldades ao extremo tem como objetivo encontrar em outro nível uma formulação que modifique a posição do problema e dificuldades de construir um edifício ‘lógico’ para seu novo dualismo.

introdução do conceito de pulsão de morte e de sua ‘expressão psíquica a compulsão à repetição. *Além do Princípio do Prazer* é um texto que remonta teses antigas para tratar do retorno fundamental a um estado inanimado.

Quando Freud retoma as idéias de 1895 ele o faz com um objetivo específico: demonstrar que há um modo de funcionamento psíquico que antecede ao domínio do princípio do prazer. Este estado de tensão *ex terno* que reaparece em 1920 na forma de um tendência radical de o aparelho psíquico zerar o afluxo de excitações é rapidamente tomado como correlato de morte num sentido mais comum. Morte e Pulsão de Morte são associadas e as razões para a hipótese do “pessimismo” parece se justificar. Além disso, o próprio “retorno” foi recebido com extremo desconforto por um número significativo de estudiosos da Psicanálise que estranham o fato de Freud ‘retornar’ a antigos nomes para tentar articular as dificuldades que se apresentavam por conta do surgimento da segunda tópica. Eis o que diz M. Robert,

É curioso salientar que, ao descrever o combate das duas ‘potências celestes’, Freud ilustra a sua teoria do ‘eterno retorno do mesmo’ através de um regresso ao seu próprio passado e às origens da sua investigação. Com efeito, Além do Princípio do Prazer traz à baila nomes que não apareciam a muito anos nos seus escritos: o de Fechner, cujos trabalhos conhecia graças a Breuer, em quem vai buscar a distinção entre os conceitos de energia livre e de energia ligada: o de Fliess, cujas idéias sobre a periodicidade obrigatória de todos os fenômenos vivos inspiram, sem possibilidade de engano, sua lei demoníaca das repetições.⁸⁷

Parece (e que pese a relevância deste autor) que o engano aqui é acreditar que esses velhos nomes foram abandonados ao longo do trabalho de Freud. A especulação metapsicológica edificada sobre três pontos – tópico, dinâmico, econômico – é o que liga como vimos no primeiro capítulo, os principais conceitos psicanalíticos a seus

⁸⁷ M. Robert, *A Revolução Psicanalítica*, 1968, p. 343.

antecedentes epistemológicos e o que coloca sob suspeita o estatuto deste “retorno”: para que algo retorne é preciso que num ponto anterior este algo tenha se distanciado.

O que se impõe aqui como (*pseudo*) dificuldade é a problemática da ruptura. Para alguns, a temática tratada em *Além do Princípio do Prazer*, embora represente um “retorno”, marca o rompimento de um trabalho regido pela retidão do “catecismo” científico em benefício da sedução especulativa. O que se expressa por meio da irrelevância prática do conceito de pulsão de morte no trabalho do analista, considerando que, para este último, o que interessa na verdade são os conceitos de agressão e auto-agressão. Para outros, o texto recoloca questões que sempre estiveram presente nos diversos escritos de Freud e, portanto, caracterizaria o resultado de longo período de amadurecimento do modelo argumentativo dotado de características próprias: o metapsicológico.

Seja como for, *Além do Princípio do Prazer* é um texto metapsicológico que revela uma forma própria de argumentação psicanalítica em que idéias abstratas e observações clínicas se sobrepõem num esforço para produzirem hipóteses de trabalho. Tal como em *Introdução ao Narcisismo* (1914), só depois de considerar os fatos sob vários aspectos é que Freud se sente justificado a colocá-los. Antes, porém, ele considera toda uma série de fenômenos e questionamentos encadeados e os coloca, a partir do capítulo segundo, da seguinte forma: neurose traumática⁸⁸ e os sonhos traumáticos; certas características dos jogos infantis⁸⁹; até que, ao final do capítulo terceiro de forma enigmática e surpreendente – pois o percurso estabelecido não justifica a conclusão – Freud conclui por uma característica própria do neurótico frente

⁸⁸ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII, pp. 23-25

⁸⁹ Idem, pp. 25-29

a análise: compulsão à repetição⁹⁰ e que essa, por sua vez, não parece estar submetida ao princípio mais fundamental de sua teoria até então.

Entretanto, Freud chama atenção para o fato de que esses pontos isolados, nada provam:

Se levarmos em consideração observações como essas baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar⁹¹.

É no ordenamento de uma série que “essa outra coisa”, pôde ser lançada como hipótese que se justifica por indicação da própria série. Em *Além...* o sentido do ordenamento é determinar, depois de um percurso, aquilo que se situa além do princípio do prazer. Algo que para Freud só foi possível ‘retornando’ a ‘antigas’ teses, ‘antigos’ nomes e, principalmente, recorrendo a outros saberes que fazem ‘fronteira’ com a questão presente no texto de 1920: a necessidade fundamental de todo ser vivo de “morrer” à sua maneira.

Entretanto, o que Freud alcança num primeiro momento não é o próprio resíduo que escapa aos domínios do princípio do prazer, mas seus efeitos. A compulsão à repetição não é um estado, mas um efeito provocado pela ação da energia psíquica que circula livremente no psiquismo e, além dos mecanismos de deslocamento e condensação, a *repetição*, deve ser pensada como uma maneira de o inconsciente trabalhar seus conteúdos.

A hipótese de uma compulsão à repetição por si só não garante a viabilidade de uma tendência de retorno a um estado zero de tensões, anterior à própria constituição do

⁹⁰ Idem, pp. 31-35

⁹¹ Idem, p. 36

aparelho psíquico. Conforme diz Paul Laurent Assoun⁹², seria necessária uma experiência mais radical.

Diante da dificuldade teórica imposta pela noção de pulsão de morte, Freud realiza, no início do sexto capítulo, uma verdadeira “aventura intelectual”: 1) deduz uma experiência de imortalidade celular; 2) depois sugere uma prioridade, na evolução do universo, de um estado de morte em relação a um estado de altas diferenças de potencial; 3) recorre a um esquema mecanicista do orgânico como um aparelho reflexo tendendo à evacuação total da energia, para, finalmente, 4) encerrar a “cascata de referências” com um recurso a filosofia de Schopenhauer.

Obviamente que essa “aventura” produziu algumas questões sobre os desdobramentos desta noção. Por exemplo: De que maneira ela se representa? Qual a sua fonte?

Antes mesmo de ousar responder essas questões, a tarefa que se impõe é analisar as ‘ambigüidades’ existentes na teoria pulsional, exclusivamente na segunda tópica e sobre um ponto específico: pulsão de morte. Isso feito fica estabelecido o compromisso importante com a pesquisa psicanalítica, qual seja: levar as contradições e dificuldades do texto freudiano ao extremo para tentar encontrar, em outro nível, uma formulação que modifique a posição do problema.

Em seu livro *Freud: O Movimento de um Pensamento*⁹³, Roberto Monzani estabelece um ‘bom’ critério para lidar com a “reviravolta dos anos 20”. Bom critério, pois não recusa a dificuldade de *Além do Princípio do Prazer*, pelo contrario, parte dela para extrair material necessário para discutir o significado da introdução deste conceito na teoria psicanalítica.

⁹² ASSOUN, P.L. *Freud a Filosofia e os Filósofos*, 1978, p.187.

⁹³ MONZANI, L.R. *Freud: O Movimento de um Pensamento*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1989.

Levar às últimas conseqüências o texto de 1920 significa admitir a tese dualista que Freud sustenta claramente desde 1911 no artigo sobre as perturbações da visão:

Descobrimos que cada pulsão procura torna-se efetiva por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estas pulsões nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as varias pulsões. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução do prazer sexual e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do ego.⁹⁴

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do ego têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição (...). A boca tanto serve para beijar como para comer e falar; os olhos percebem não só as alterações do mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos (...). Quanto mais estreitas a relação em que um órgão, uma função dupla dessa espécie entra com uma das principais pulsões, tanto mais ele se retrai da outra.⁹⁵

Quando Freud introduz o conceito de narcisismo⁹⁶, introduz ao mesmo tempo uma dificuldade em manter este dualismo: a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do ego ficou insustentável a partir da constatação de que o ego sofre também um investimento libidinal que implica pensar daí em diante em termos de libido do ego e libido objetal. Como “grande reservatório da libido” o ego recebe investimentos tais como os objetos e, desta forma, redimensiona o conflito o colocando no campo das pulsões sexuais.

Freud chega a um ponto ‘perigoso’ – o monismo junguiano – cuja saída mais coerente seria admitir que não havia *oposição* entre as pulsões do ego e as pulsões

⁹⁴ S. FREUD. *A concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*. XI, p. 199.

⁹⁵ Idem. p. 201.

⁹⁶ S. FREUD, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. XIV, 89

sexuais. Ao contrário disso, Freud rearticula o dualismo tornando-o ainda muito mais ruidoso que o primeiro.

As reações ao *Além do Princípio do Prazer* (1920) foram diversas, porém, a maior parte delas tem um mesmo tom negativo em relação à proposta freudiana. Primeiramente quanto a utilidade clínica e conseqüentemente teórica do novo dualismo, em segundo lugar pelos recursos epistemológicos utilizados: a filosofia e a biologia. Muito embora pudesse admitir uma originalidade na nova suposição teórica freudiana, no geral ela representava uma opinião “filosófica” com pretensões mais sérias que, se bem conduzida poderia resultar numa metafísica e sua validade foge a qualquer aplicação biológica sendo, sobretudo, insustentável em termos de interpretação do fenômeno neurótico.

III.II - FILOSOFIA E BIOLOGIA EM *ALÉM DO PRINCIPIO DO PRAZER*.

No capítulo IV marcado pelo exercício especulativo franco e declarado, Freud utiliza a tese kantiana das formas *a priori* da sensibilidade (especialmente a categoria de tempo) para justificar o caráter ‘atemporal’ do inconsciente. Antes, porém, Freud define a consciência como um dos sistemas que compõem a tópica psíquica. No que se refere à categoria de temporalidade, *Além do Princípio do Prazer* revela os meandros de uma reflexão baseada na crítica que Freud tece a respeito da tese de Kant, segundo a qual tempo e espaço são formas necessárias de pensamento, ou, como dissemos acima, formas *a priori* da sensibilidade. O que se deduz destas considerações não é uma recusa da temporalidade linear e cronológica, mas a ênfase na atemporalidade dos processos psíquicos inconscientes, que não se ordenam cronologicamente são inalteráveis com o passar do tempo e dotados de uma temporalidade própria que se expressa na repetição.

Muito embora Freud neste texto destaque a atemporalidade dos processos inconscientes, é possível detectar inúmeras contradições e um modo de abordar determinados enunciados que vão alterando sucessivamente as teorizações anteriores. Cada proposição considerada isoladamente pode parecer em si justificável, mas quando estas proposições se encontram juntas, não somente se excluem entre si, como chegam inclusive a excluir a representação do objeto de partida.

Entretanto, a legitimidade do uso feito das considerações kantianas é para nós menos importante que o resultado desta *démarche*. Esta implicou em uma diminuição da importância da consciência no escopo da teoria psicanalítica. Contudo, o fato de a consciência em Freud não ter a conotação ingênua que tem para certa tradição filosófica (consciencialista) não a torna menos importante para a psicanálise do que o sistema inconsciente. O que Freud faz é situar a consciência na ‘entrada’ do aparelho perceptual; ela deve ser diretamente relacionada com o regime das excitações exteriores que por sua insistência teria criado a necessidade de uma barreira de proteção destinada a amortecer e selecionar as excitações.

Contudo, em certo grupo de animais, esse sistema se especializa e ‘evolui’ para “órgãos dos sentidos” como funções ajustadas para receber excitações específicas. É neste ponto que Freud encontra um mecanismo de “proteção redobrada”, cuja função é seriar o afluxo de excitações “de uma intensidade desmensurada” – processos primários - e cujo trabalho versa sobre “pequenas quantidades”, amostras de excitações. Parece que uma das funções da consciência é fazer com que o nariz sinta cheiro na mesma medida que a boca gosto ou, de uma maneira menos prosaica, assistimos a cristalização genética do sistema consciente numa receptividade sensitiva.

É aí que se situa o encontro de Freud com Kant. É o surgimento da sensibilidade como tema que justifica (aos olhos de Freud) o encontro com a *Estética Transcendental*:

Nesse ponto, aventurar-me-ei a aflorar por um momento um assunto que mereceria tratamento mais exaustivo. Em consequência de certas descobertas psicanalíticas, encontramos-nos hoje em posição de empenhar-nos num estudo do teorema kantiano segundo o qual o tempo e o espaço são 'formas necessárias' de pensamento.⁹⁷

Kant é evocado como o autor da teoria segundo a qual o tempo e o espaço regem universalmente a sensibilidade. Freud não se refere à teoria da subjetividade do tempo e do espaço (a que diz respeito à *natureza* do espaço e do tempo), mas a tese mais elementar segundo a qual esses dois elementos seriam condições necessárias do pensamento. Desta forma, o que Freud recusa é o caráter necessário e universal do espaço e do tempo e não contra o fato de serem formas de nosso pensamento.

Esse recurso abrupto à filosofia kantiana, como dissemos acima, tem como propósito justificar a atemporalidade dos processos inconscientes. E, na mesma medida, por conta da experiência clínica, de que todo fenômeno da sensibilidade humana está submetido às formas espaço-temporais. O que Freud parece fazer é estabelecer um limite para a disposição.

Outra referência à filosofia que compõe o centro das especulações em *Além do Princípio do Prazer* é o *Banquete* de Platão, especificamente o discurso de Aristófanes. Freud faz alusão a teoria de que a separação dos sexos seria posterior a uma unidade primitiva e o faz quando sua análise esbarra no problema relativo a origem da sexualidade. Este problema só pode ser levado à diante se houver uma flexibilidade do discurso científico: *o que a ciência nos ensina, relativamente ao nascimento da*

⁹⁷ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*. XVIII, p 39

*sexualidade, representa tão pouca coisa, que podemos comparar esse problema a trevas que nenhuma hipótese conseguiu penetrar com seu raio de luz.*⁹⁸

Se prosseguir dizendo algo sobre essa questão fundamental da origem implicava nesta ‘manobra’ discursiva, então que fosse ainda que essa flexibilidade significasse uma oscilação deliberada do elemento científico ao elemento mítico. É neste domínio completamente diferente que Freud encontra uma hipótese que o faça ir a diante não sem ressalvas: *Mas ela (esta hipótese) é de um caráter de tal forma fantasista, mais um mito do que uma explicação científica, que não ousaria citá-la aqui, caso não preenchesse precisamente uma condição a que procuramos satisfazer*⁹⁹

Eis ai uma característica comum da *démarche* freudiana: tendo esgotado o estoque propriamente científico das hipóteses susceptível de encerrar a hipótese procurada (com a condição de ter começado por ai), uma passagem ao extremo é reivindicada como necessária, portanto, legítima, embora perigosa.

Entretanto este salto torna-se ‘obrigatório’ quando a questão é tentar determinar a origem da sexualidade.

Freud começa sua análise a partir da afirmação de que num tempo remoto a natureza não era como é hoje. No relato mítico que serve aos propósitos freudianos de dizer algo sobre a origem da sexualidade, a humanidade se dividia em três espécies de homens. Com os sexos machos e fêmeas, havia um terceiro que participava dos dois e era denominado Andrógino. Este terceiro termo revela, no relato mítico, o modelo da estrutura original, não bipolar – macho/fêmea – como se costuma acreditar, mas uma estrutura ‘tripolar’ – macho/fêmea/andrógeno – que constitui a matriz genética se sua chave secreta. A androgenia, terceiro termo que encarna a diferença entre as duas

⁹⁸ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*. XVIII, p 62

⁹⁹ Idem .ibidem

estruturas constitui a distância entre o passado mítico e o presente real onde se atesta a origem procurada.

Em seguida, vem uma descrição dessa realidade andrógina; o corpo de cada um desses andróginos era de aparência arredondada. Possuíam em círculo o dorso e os lados; possuíam quatro mãos, pernas em número igual ao das mãos, duas fisionomias perfeitamente semelhantes. Entretanto, essa estrutura anatômica dual, converge para uma duplicidade que constitui sua condensação e seu fundamento: a duplicidade genital. Eis aí o sentido da utilização mitológica em *Além do Princípio do Prazer*: localizar uma origem da sexualidade, mas, sobretudo uma origem dual:

Devemos segundo a advertência do filósofo poeta, ousar emitir a hipótese segundo a qual a substância viva seria, animando-se, dividida numa multidão de pequenas partículas que, depois, aspiram à uma reunificação, sob o impulso de tendências sexuais.¹⁰⁰

Podemos observar que o tema dessa hipótese é a substância viva anônima e não especificamente as individualidades sexuadas. Trata-se de uma hipótese sobre o princípio da vida e não sobre os organismos individuais. Freud se situa, decididamente, no nível elementar da matéria viva e, mesmo que analogicamente, nos confins da matéria inanimada. Em linhas gerais, o que Freud extrai da “poesia” platônica é a idéia de uma estruturação da sexualidade concomitantemente monista (androgínico) e dualista (unissexuado), ou, de forma mais clara, que o modo de estruturação monista – a figura do andrógeno contendo os dois sexos em uma só estrutura –, embora dominante, admite simultaneamente o modo dualista.

Outro referente importante – certamente o mais decisivo – é o filósofo Arthur Schopenhauer que aparece com grade freqüência nos textos de Freud. Em 1920 o solitário de Frankfurt aparece como o grande pensador da morte. A utilização da

¹⁰⁰ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 69.

filosofia de Schopenhauer por parte de Freud não pode ser entendida como um mero empréstimo técnico – o que pode ser pensando dada a maneira súbita como Freud lança este recurso nas linhas do sexto capítulo: *voltamos agora inadvertidamente para a baía da filosofia de Schopenhauer*¹⁰¹ - ou de um tema circunscrito. Como diz Assoun, *com o 'instinto' de morte, o que esta em jogo é uma opção global*¹⁰²

É especificamente no capítulo seis, certamente o mais especulativo de todos, que encontramos o recurso à Schopenhauer na forma de uma digressão: a narrativa biológica encontra seu termo na especulação filosófica.

Uma vez postulada a oposição entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais – as primeiras tendendo para a morte e as segundas para o prolongamento da vida – é sobre a questão da “morte natural” que o debate se estabelece. Para justificar a hipótese de que os organismos vivos devem morrer em razões de causas internas, Freud circula livremente por uma cascata de referências ora poéticas, ora científicas e ora metafísicas. O ponto de partida é a “grandiosa concepção” de Fliess de que a morte, bem como todos os fenômenos orgânicos, está ligada a certas aspirações pelas quais se exprimem a dependência das duas substâncias vivas – macho e fêmea – ao ano solar. Em seguida, Freud se volta para a distinção *gérmen e soma* formulada por Weissman com o propósito de comparar-las ao novo dualismo: o gérmen seria equivalente à pulsão de morte e, portanto, bem com esta última, não sofreria alterações; “eterno”. O soma como elemento derivado fica submetido à morte natural. Entretanto, a distinção weissmaniana só se aplicava aos organismos pluricelulares, o que torna a morte uma “aquisição tardia” dos seres vivos perdendo desta forma seu caráter de “propriedade original da substância viva”. Essa divergência obriga um recurso a resultados divergentes; é o que leva Freud ao encontro das experiências de Woodruff sobre a degenerescência dos protozoários para

¹⁰¹ Idem. p. 60

¹⁰² P.L. ASSOUN, *Freud a Filosofia e os Filósofos*. 1978, p.185.

fundar sobre elas a idéia da morte natural como conclusão do processo vital. Isso permite a aproximação dos dois tipos diferentes com dois tipos de processos pensados por Hering para distinguir a substancia viva: assimilação e desassimilação.

É ao final dessa sobreposição de hipóteses biológicas que a filosofia de Schopenhauer é lançada como hipótese para por fim às reiteradas oscilações dos recursos anteriores, em outras palavras: a palavra metafísica encerra a navegação fornecendo à hipótese metapsicológica uma materialidade.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920) o discurso biológico adquire uma singular especificidade em relação às teorizações anteriores as quais Freud recorria à biologia. Caracterizado pela especulação sobre a gênese da vida, sobre a relação de oposição entre soma e germe, e sobre a evolução dos seres vivos, este discurso (meta) biológico apresenta-se como “pano de fundo” para uma reformulação da teoria das pulsões. Primeiramente concebida como fator que se esforça no sentido da mudança e do desenvolvimento, a pulsão passa a ser entendida como expressão da natureza conservadora da substância viva¹⁰³.

É a partir destas especulações que se depreende uma linha de força que, mesmo esboçada na primeira edição dos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), iria revelar-se em *Além do Princípio do Prazer* (1920) com toda a sua amplitude e complexidade, a saber, as variantes evolucionistas, filogenéticas e instituais. Neste trabalho, mais do que delinear o vínculo entre pulsão e filogênese, é possível vislumbrar nas variantes evolucionistas-filogenéticas-instintuais toda uma tentativa por parte de Freud de fundamentar uma teorização psicanalítica, especialmente na introdução do dualismo entre pulsões de vida e pulsão de morte, com hipóteses tomadas da biologia,

¹⁰³ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 47

de modo a oferecer certa relação de equivalência entre as leis que regulam a matéria orgânica e as leis que regulam o aparelho psíquico.

Referindo-se à falta da proteção anti-estímulo das excitações que provêm do interior do corpo e que podem chegar a perturbações similares às das neuroses traumáticas, Freud introduz o conceito de Pulsão para referir-se às fontes de energia mais eficazes e incessantes que emanam do interior do corpo e se transferem ao aparato psíquico, desde logo o elemento mais importante e obscuro de sua pesquisa metapsicológica. Obscuridade que, além de ser motivo de um singular e complexo desenvolvimento, é incrementada pela definição de pulsão propriamente dita que Freud oferece neste texto. Indagando-se sobre a relação entre o pulsional (não ligado) e a compulsão à repetição, Freud define a pulsão como um impulso inerente ao organismo, que tende a restaurar um estado de coisas precedente¹⁰⁴.

Para postular este condicionamento histórico das pulsões, Freud recorre a determinados fenômenos da vida animal, tais como a migração dos peixes e das aves ao seu ambiente de origem. Segundo Jones (1997), este é o único caso em que Freud recorre às formas de conduta instintiva no campo das ciências naturais. Outro recurso utilizado por Freud para justificar o condicionamento histórico das pulsões são os fenômenos da hereditariedade delineados no darwinismo e a lei bioenergética fundamental de Haeckel, segundo a qual a filogênese determina a ontogênese. Freud assinala que o germe de um animal vivo, em lugar de lograr pelo caminho mais curto a sua forma final, está obrigado a repetir (recapitular filogeneticamente) as estruturas de todas as formas das quais se originou e se desenvolveu. Nesse sentido, as características originárias do passado, incluindo as modificações posteriores produzidas pelo encontro do organismo com o ambiente, são transmitidas hereditariamente.¹⁰⁵

¹⁰⁴ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 47

¹⁰⁵ Idem. *Ibidem*.

O biológico atravessa, assim, a essência propriamente dita da pulsão não como metáfora ou analogia, mas como seu suposto fundamento. O poder conservador da vida se revelaria na repetição filogenética do adquirido e do constitutivo; recapitulação na qual está implícito o movimento mediante o qual se logra alcançar a finalidade da evolução dos organismos. Freud assinala que, desde o princípio da evolução dos organismos, as pulsões orgânicas conservadoras aceitam e preservam para ulterior repetição as modificações impostas aos mesmos, armazenando-as como marcas que cada vez mais se distanciam da finalidade última da evolução dos organismos. Daí a aparente impressão de que as pulsões trabalham no sentido da mudança e do progresso. Mediante vias longas ou curtas, a regressão, forma exterior de repetição, terminará por conduzir o organismo a um fim inscrito em um tempo anterior a sua constituição, a saber, ao estado inorgânico. É assim que se esboça o conceito de pulsão de morte. Freud assinala que, se todo o vivo morre por razões internas, o objetivo de toda vida é a morte, as coisas inanimadas existiram antes das vivas.¹⁰⁶

É dentro desta ordem de considerações, nas quais a reflexão freudiana aparece totalmente do lado de uma especulação biológica, que Freud postula a função da primeira pulsão, a de regressar ao inanimado. Como primeiro estado de tensão proveniente da passagem do estado inanimado ao animado, esta primeira pulsão surgiria como tentativa de nivelar o excesso de energia. Contudo, não explicita se a pulsão aparece como resultado do processo ou se é equivalente ao estado de tensão.

Pois bem, o que se depreende do assinalado anteriormente não é somente a ausência de qualquer referência ao objeto da pulsão que, desde os *Três Ensaio*s (1905), aparece como contingente, mas a ausência de bases metapsicológicas, já que não é

¹⁰⁶ Idem. p. 49

possível classificar este conceito segundo os seus termos, a saber: fonte, objeto, meta e pressão.

Para especular sobre a natureza das pulsões, Freud recorre à teoria morfológica de Weismann sobre a duração da vida e da morte dos organismos, segundo a qual a substância viva se constitui de uma parte imortal, o plasma germinal, e uma parte mortal, que é o corpo ou o soma. O plasma germinal favoreceria a copulação entre as células germinativas, dando origem a um novo soma, a um novo indivíduo. Weismann também sustentava a hipótese sobre a imortalidade dos organismos unicelulares, tema muito polêmico na passagem do século XIX ao século XX. Por sua vez, os organismos multicelulares, que produzem a diferenciação entre soma e germe, determinariam a duração limitada da vida. O experimento de Woodruff, um biólogo americano, viria a confirmar esta hipótese de Weismann, com a condição de colocar em cada geração de animáculos um fluido nutriente novo. Maupas e Calkins, ao contrário, demonstraram a nível experimental a mortalidade dos protozoários.

Contudo, a diferença de Woodruff, estes pesquisadores não colocavam fluido novo no animáculo e nos seus descendentes. O que levou Woodruff a concluir que é o próprio produto do metabolismo dos protozoários que os conduzia à morte.

Pois bem, estas especulações revelam certo paradoxo, visto que a Psicanálise não se edifica como teoria sobre a origem da vida, mas como teoria sobre o Inconsciente psíquico. Dentro desta mesma ordem de considerações, situando em um mesmo nível a origem da vida e a origem das pulsões, Freud reescreve suas hipóteses referentes às características da pulsão e altera as categorias fundamentais que sustentam a hipótese sobre a sexualidade inconsciente.

Se todos os organismos buscam assegurar o caminho até a morte, Freud estabelece uma relação de equivalência metafórica entre pulsões sexuais e células

germinais; ao se fundirem, tanto uma quanto a outra, trabalham contra a morte da substância viva. A união das células germinativas supõe a fixação de um objeto que parece adequar-se mais ao campo da necessidade do que ao campo pulsional. Eis aí a diferença entre o “universo” biológico, cuja necessidade corresponde à exigência de toda ação específica, e o “universo pulsional em que essa especificidade se perde completamente. Embora a fonte da pulsão seja o corpo, não são as exigências pura e simplesmente deste corpo que a pulsão pretende representar. É nesse sentido que podemos afirmar que a dimensão pulsional ‘transcende’ o campo da necessidade e define a Psicanálise como o campo que vai pensar uma sexualidade que não se reduz à função sexual.

Freud está convencido de que, mediante a compulsão à repetição, a Pulsão de Morte busca restabelecer um estado anterior que corresponde ao retorno à matéria inanimada. Contudo, quando se trata da Pulsão Sexual a natureza de um retorno fica extremamente problemática: a compulsão à repetição é expressão das pulsões ou apenas da Pulsão de Morte? Freud resolve o problema recorrendo ao mito do andrógino, de Platão, para postular como característica da Pulsão Sexual a necessidade de restabelecer um estado anterior – uma estrutura com dois sexos – mesmo reconhecendo sua natureza fantástica. Tal como adverte Laplanche¹⁰⁷, a idéia que se depreende é a de uma sexualidade pré-formada, e de uma busca, da parte do sujeito, por alcançar o que desde o princípio já estava presente; concepção muito diferente da natureza transformadora das pulsões assinalada antes desta mudança radical de perspectiva ocorrida a partir de 1920.

Uma reflexão mais detida sobre o estatuto do conceito de sexualidade nestes anos nos remete a dois aspectos: 1- com as mudanças ocorridas a partir da introdução

¹⁰⁷ LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. 1998. p 192.

propriamente psicanalítica do conceito de narcisismo, a sexualidade não será mais concebida como alheia aos desígnios do ego, mas como um princípio necessário para a sua constituição e desenvolvimento. Em outros termos, com a concepção de um ego investido de libido a sexualidade não será mais assimilada ao corpo estranho que atenta contra o bem estar do ego; 2- a introdução do conceito de pulsões de vida (ou Eros), totalizante, universal, que busca restaurar a unidade perdida, modifica substancialmente a natureza da sexualidade no pensamento de Freud: a noção de sexualidade é ampliada ao ultrapassar o amor sexual, o que conduz a uma concepção humanizada de sexualidade. Essa nova concepção revela um deslizamento semântico entre pulsões sexuais e pulsões de vida ou Eros. Deslizamento que levará Freud a nomear como função sexual as pulsões sexuais, que por sua vez, não devem ser confundidas com Eros dado que se trata do meio no qual é possível aceder a ele.

Assim, Freud recorre a determinadas teorias da ciência natural a fim de dar fundamento orgânico às pulsões de vida e à pulsão de morte. Ocorre que, como a concepção mecanicista, em particular a físico-fisiologista da pulsão, explica apenas parcialmente este desenvolvimento teórico. Freud introduz aí a noção histórica cujo sentido se encerra na batalha eterna entre vida e morte.

Segundo Bercherie¹⁰⁸ (1996), o registro biológico se converte no texto de 1920 em um registro único para Freud irreduzível ao campo físico-químico e caracterizado pela dimensão da história. E nada mais útil do que recorrer ao darwinismo, pois nele se conjugam história e biologia. Bercherie assinala que, ao utilizar a fundo um darwinismo, Freud termina por criar uma dimensão teórica própria, uma verdadeira teleologia pulsional. De modo que a teoria das pulsões, integrando uma especificidade

¹⁰⁸ BECHERIE.P. *Gênesis de los Conceptos freudianos*. 1996. p 411.

subjetiva, converte o conflito psíquico em um jogo de forças abismais que se entregam a um combate mítico, eterno e encarniçado.¹⁰⁹

A partir do exposto nas páginas anteriores, é possível vislumbrar a amplitude e a complexidade que apresenta o recurso de Freud às hipóteses da biologia. Recurso que termina por desembocar numa segunda modalidade discursiva, que mantém com os desenvolvimentos teóricos e clínicos da hipótese estrutural sobre a sexualidade inconsciente uma tensão que às vezes parece irresolúvel.

Sobretudo quando se confirma que o recurso à biologia na escrita de Freud está relacionado ao ponto enigmático da gênese e do desenvolvimento do aparelho psíquico em que a pulsão, ao mesmo tempo, circula e define como corpo erógeno objeto particular da psicanálise. No que se refere à dimensão biológica do conceito de pulsão no pensamento freudiano revelou-se a possibilidade de ordená-la de acordo com determinadas linhas de força, a que se designou de variantes evolucionistas-ontogenéticas-derivativas, evolucionistas filogenéticas-instintuais e evolucionistas-ontogenéticas-constitutivas.

Ordenação que possibilita focalizar o biológico da pulsão em Freud com um olhar mais preciso e menos ofuscado de pré-concepções que, ao conceber o biológico no sentido genérico do termo, terminam por obscurecer questões que ainda merecem esclarecimento e elaboração teórica.

É possível admitir que o recurso de Freud às hipóteses da biologia ocorreu em um momento inicial de desenvolvimento da sua disciplina, que requereu não somente a importação de seus termos e de modelos, mas também a fundamentação das hipóteses propriamente psicanalíticas. O que revela que a hipótese que fundamenta a psicanálise como disciplina não é uma operação acabada, mas o início de um processo de

¹⁰⁹ Idem. *Ibidem*.

reconhecimento de outra cena que para estruturar-se requer a transmutação de determinadas teorizações numa linguagem metapsicológica.

Neste sentido, o desenvolvimento da disciplina inaugurada por Freud permite trilhar outros caminhos que dariam continuidade à tarefa de reformulação conceitual iniciada por ele não no sentido de justificar suas hipóteses, mas de reconhecê-las para, seguindo a gênese de seus movimentos, vislumbrar suas características, estabelecer uma ponte com os postulados pós-freudianos e, conseqüentemente, buscar uma espécie de ressignificação dos seus enunciados.

III.III – A DISTINÇÃO ENTRE TENDÊNCIA E FUNÇÃO E O CARÁTER EXTRA PSÍQUICO DA PULSÃO DE MORTE

Em a *Introdução ao Narcisismo*, Freud analisa toda uma série de problemas (pacientes neuróticos, sobretudo homossexuais, parafrênicos, certas características da psicologia infantil normal, certas crenças dos povos primitivos) para depois utilizar com propriedade a noção. A montagem é claramente indutivista: o argumento singular é inserido num contexto que por sua vez constitui o valor de cada argumento.

Em *Além do Princípio do Prazer* essa metodologia é replicada a partir do segundo capítulo por meio da sequência: neuroses traumáticas e seus sonhos enigmáticos; certas características das atividades e dos jogos infantis; uma característica do neurótico frente ao processo de análise (repete no lugar de recordar) e, na sequência o domínio da vida normal e da sublimação. Toda essa série encontra sua justificação quando ao final do terceiro capítulo, Freud conclui que todos esses casos apontam para uma atividade que não parece visar diretamente o prazer.

Esse percurso leva a uma formalização que parece justificar os motivos da montagem sucessiva de problemas. A hipótese que dela deriva é a de que existe um domínio da vida psíquica que não está submetido ao princípio do prazer. Este domínio inexplicável é suficiente para garantir a hipótese de uma *compulsão à repetição* como algo mais primitivo e pulsional do funcionamento psíquico.

No quarto capítulo encontramos logo de saída uma descrição minuciosa da concepção psicanalítica do aparelho psíquico, uma revisão das principais teses com o objetivo de destacar a consciência do centro dos processos psíquicos e dizer que para além dela existe outro *topos* no qual os traços de excitação são registrados. A partir deste ponto, Freud recorre ao exemplo da vesícula indiferenciada que é estimulada inicialmente por fora e logo depois, também por dentro. Nesse exemplo duas coisas interessam a Freud: a) mostrar como é geneticamente possível pensar a formação e a constituição de um organismo que sobreviva e se estruture corretamente e, o mais fundamental, como essa gênese biológica, é um modelo para pensar a genealogia e a constituição do aparelho psíquico; b) mostrar que nessa estruturação o papel fundamental está relacionado com a defesa frente aos perigos externos e internos.

Essa vesícula se estrutura construindo um formidável sistema de defesas, as ‘paraexcitações’, do lado de fora, isto é, como relação à recepção externa de estímulos, para minimizar ao máximo a incidência dos mesmos. Entretanto, quando a estimulação é interna, em princípio, não há razão que justifique um escudo protetor que por sua vez constitui por necessidade. Se as primeiras defesas são fisiológicas, ou seja, defesa contra excesso de luz, de cheiro, de som... etc. a segunda, cuja função requer um ‘elemento’ interno ameaçador resolve, pelo menos do nosso ponto de vista, a suposta ambiguidade do exemplo freudiano; é da vesícula que Freud fala a princípio para depois estender os mecanismos ao funcionamento do aparelho psíquico e ao que nele obriga uma defesa.

Os motivos são relativamente simples. Como não há excesso de estimulação porque não há acúmulo, a ‘maquina’ funciona num estado regular. Quando ela é acionada, e isso ocorre sempre pelo lado de fora, o que não pode ser contido pela primeira linha de defesa (todo o aparelho perceptual) provoca o surgimento da segunda linha de defesa (aparelho psíquico), o problema é que esta segunda linha é erigida com o inimigo dentro do seu perímetro.

Conforme nos mostra Monzani, a maneira como Freud monta o problema indica claramente até onde ele pretende ir. Depois de montar a seqüência que expressa o problema, Freud isola a neurose traumática e a idéia de traumatismo como fenômenos que *põem diretamente em questão a maneira pela qual o organismo e o aparelho psíquico recebem os estímulos e, sobretudo, como procuram neutralizar seus efeitos perturbadores.*¹¹⁰ Em seguida, fica a tarefa de determinar como o traumatismo pode violar o equilíbrio e, com isso, colocar o aparelho psíquico *em estado de “pane”* bem como *fazer com que suas leis regulares e habituais sejam, por consequência, também colocadas em questão, ou melhor, entre parênteses.*¹¹¹

Foi precisamente para tentar explicar o problema do traumatismo que Freud elaborou o modelo da vesícula em *Além do Princípio do Prazer*. Muito embora a estratégia discursiva seja tipicamente fisiológica, o interesse é estritamente “psicológico”. Aqui, como em vários outros trabalhos do psicanalista, a metáfora biológica vem como recurso à falta de “linguagem” para dizer de um fenômeno que se localiza na interseção de dois corpos: corpo físico – domínio da biologia e corpo erógeno – domínio da psicanálise. Isto posto, torna-se possível seguir as considerações que parecem de fato interessar a Freud: o fenômeno da neurose traumática.

¹¹⁰ L.R. MONZANI. *Freud: O movimento de um pensamento*. 1989. p. 158

¹¹¹ Idem, p. 159.

Para Jean Laplanche¹¹² a neurose traumática tal como Freud a entende se define por duas coisas: por sua etiologia e pelo quadro clínico. A primeira caracteriza uma situação física real grave que põe em risco a vida. Contudo, a condição para que uma neurose traumática se “instale” é que não ocorra trauma físico, ou seja, a neurose traumática é uma conseqüência psíquica do não sofrimento do trauma físico. A segunda – o quadro clínico – diz respeito a uma conseqüência direta da primeira qual seja: a repetição. *Trata-se de um quadro geral próximo daquele que se pode observar na histeria*¹¹³ dirá Laplanche, especialmente nos momentos agudos:

*Sufrimento subjetivo, depressão que chega a um estado próximo da melancolia ou ainda a preocupações hipocondríacas muito intensas; (...) a inibição das diferentes atividades; sintomas patentes de fixação no trauma (é isso precisamente que interessa a Freud): são os sintomas de repetição, em especial as lembranças quase alucinatórias do acidente, a descrição repetida do acidente e, mais ainda, sua repetição em sonhos de um modo muito estereotipado: sonhos que são sempre os mesmos e que repetem sempre as circunstâncias do acidente.*¹¹⁴

Se seguirmos as indicações freudianas sobre a teoria do trauma psíquico e as contribuições de Jean Laplanche sobre o mesmo tema, temos um quadro geral que nos leva novamente à problemática do texto de 1920. A condição para que ocorra uma neurose traumática é que toda a excitação provocada em função da eminência de um perigo físico real seja vivida num nível psíquico, ou seja, a primeira linha de defesa contra a excitação externa é o corpo, se este sai ileso, a segunda linha (o aparelho psíquico) recebe um conjunto de excitações que podem provocar uma crise ansiosa ou um estupor que pode ter duração mais ou menos longa; estado de confusão. A partir daí o que se tem é o que Charcot designava como “elaboração”, após um período de

¹¹² LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. 1998.

¹¹³ Idem, p. 184.

¹¹⁴ Idem. *Ibidem*

latência aparecem sintomas que nada mais são que o excesso de excitação que não foi ‘barrado’ nas primeiras ‘trincheiras’.

Se diretamente a análise do traumatismo nada revela sobre a pulsão de morte, indiretamente ela fornece um conjunto de indicações preciosas sobre um tipo de mecanismo e trabalho psíquico que se instaura quando o princípio do prazer está momentaneamente fora de ação e cuja tarefa é exclusivamente descarga de excitação. Um dos componentes deste conjunto de indicações é o susto.

Em um acidente sem danos físicos o choque provocaria um grande susto e, simultaneamente, uma grande descarga de libido sexual; uma espécie de ‘orgasmo’ sem (necessariamente) o recurso da motilidade¹¹⁵. Como não encontra um canal adequado de liberação essa libido se “desestrutura” e se transforma em angústia, que por sua vez pode ser entendida como invasão pulsional na forma de afeto puro; registro no corpo sem imagem.

Eis aí o *inimigo interno* do qual nos fala Freud ao longo de *Além do Princípio do Prazer*, um desencadeamento pulsional que exerce um efeito traumatizante que por sua vez aparece nas formações oníricas, depois de um período de “incubação”, numa tentativa retroativa de essa excitação excedente. A partir daí Freud reposiciona algumas proposições teóricas antigas; os sonhos só são realizações de desejos a partir do momento em que o princípio do prazer passa a dominar o aparelho psíquico, antes disso, os sonhos exercem sua função original qual seja: a repetição do afeto puro num esforço constante para vinculá-lo a uma representação.

Este afeto está sujeito a uma condição originária que por sua vez está além do domínio do princípio do prazer, uma atividade de vinculação da excitação invasora que

¹¹⁵ Há variáveis a serem consideradas aqui. Já faz certo tempo um senhor de meia idade procurou tratamento por conta de uma circunstância bastante incomum: ao atropelar uma senhora ele ejaculou. Os desdobramentos vão além das possibilidades, entretanto são suficientes para colocar sob suspeita a idéia de que a motilidade ficaria suspensa. Neste caso, a excitação encontrou uma saída adequada e ainda assim produziu angústia.

é condição de possibilidade para a evitação da dor e busca do prazer, assim como é condição para a constituição do aparelho psíquico e, por conseguinte, da ligação das representações das quais o Eu será o último resultado. Eis aí a antinomia responsável pela cisão do saber filosófico clássico como o saber psicanalítico, nesta última, o sujeito do conhecimento é resultado de um processo anônimo.

Entretanto, identificar esse modo primitivo de funcionamento psíquico não nos leva à tese radical do texto de 1920 e nem ao objetivo principal deste trabalho: determinar a origem e o significado do conceito de Pulsão de Morte em Freud.

Entretanto, um elemento importante é fornecido (a *Bindung*), porém, não é ele que caracteriza a radicalidade perseguida em *Além do Princípio do Prazer* já que, como vimos, esta *Bindung* está a serviço do Princípio do Prazer e não contradiz a atividade mais primitiva.

Eis o percurso: o Princípio do Prazer sugere uma atividade psíquica reguladora que só pode exercer sua função depois que a excitação é vinculada por meio de outra ação psíquica anterior. O problema aqui é que essa ação vinculadora é a condição para o surgimento de processos psíquicos gerais e principalmente para o surgimento do aparelho psíquico. Se a Pulsão de Morte remete a um processo ainda mais primitivo, ela deve anteceder inclusive o surgimento do próprio aparelho psíquico logo, o que ela tem de radical é exatamente seu caráter extra psíquico.

O que parece original aqui é que esse processo extra psíquico só pode ser definido de forma negativa. Se o aparelho psíquico é definido por seu trabalho, por sua atividade seja ela reguladora (princípio do prazer) ou de ligação (*Bindung*), o que está *Além* desta atividade deve ser a ausência completa de qualquer atividade. Dito de outra forma é na falha da *Bindung* – da atividade cronologicamente mais antiga -, onde aparece a compulsão à repetição, que se pode identificar a Pulsão de Morte como

ausência de atividade. O que Freud detecta por meio da compulsão à repetição, especificamente no caso da neurose de transferência, (o sujeito não conhece uma “imagem” que possa “enganchar” a repetição numa situação específica e por isso ele utiliza um conjunto quase indefinido de situações nas quais a mesma matriz é reproduzida) é que a pulsão cuja função específica é repetir repete de forma constante um estado originário visando a própria extinção: o objetivo de toda vida – tomada como movimento da matéria orgânica - é a morte – ausência completa de qualquer excitação ou movimento.

Daqui em diante não basta pensar num organismo ‘lutando’ para manter a própria existência, é preciso acrescentar que a pulsão atua neste organismo conduzindo-o a uma extinção “planejada”. Não se trata de uma busca inteligente para alcançar a morte, ao contrário, trata-se de responder a uma determinação cega e interna que é própria do organismo e que se estende ao psíquico. O objetivo das pulsões de morte (e se a direção desta reflexão estiver correta toda pulsão) será atingir um nível de inexcitabilidade absoluta através de uma descarga tal que provoque um escoamento total de energia, atingindo assim a morte ou, em termos psicopatológicos, processos de morbidez psíquica como a depressão, a angústia e própria neurose traumática. Neste sentido, a Pulsão de Morte seria um conceito psicanalítico que define uma condição natural com implicações psíquicas.

As bases para o novo dualismo pulsional estão montadas: um grupo de pulsões tem como função manter a vida por meio de um pulsar frenético e introdução de novas tensões; vida é aqui relacionado claramente a um movimento que equivale á produz de desprazer¹¹⁶. Outro grupo de pulsões persegue o objetivo contrário, tenta anular as

¹¹⁶ Temos razões suficientes para entender vida em Freud como correlato de incomodo e, portanto, geradora de desprazer. Por analogia, morte seria a supressão desta condição. Contudo, não foi possível determinar as razões pelas quais do processo mais radical (a morte) pode decorrer uma derivação (vida)

tensões com a finalidade de reconduzir o organismo ao seu estágio original, o de quietude mineral. Freud aponta claramente para uma direção contrária a que frequentemente lhe é atribuída. Ao invés de perseguir o prazer, o que fazemos é esquivar do desprazer.

Deste ponto em diante uma série de novas relações são construídas e as bases teóricas da Psicanálise são revisadas. O reagrupamento das pulsões é um resultado explícito destas novas relações. Entretanto, há outras relações menos explícitas que da mesma forma tiveram um impacto decisivo no trabalho que sucede o período de 1920. Trata-se do paradoxo dos princípios do funcionamento mental.

Até 1920 o princípio do prazer tem um sentido claro na obra freudiana: todo aumento de tensão é sentido como desprazer e, a tarefa do princípio do prazer, é reduzir essa tensão a um nível que possa ser entendido como prazeroso. A questão é que, a esta atividade psíquica esta associada outra mais sutil – presente nos trabalhos de Freud desde 1895 – que pressupõe uma tendência do aparelho psíquico a manter o nível de excitação sempre num nível constante. A “saúde psíquica” depende, portanto da regulação econômica entre um princípio que faz escoar o excesso e outro que cria uma exigência de constância do nível de excitação. Neste contexto, o princípio do prazer, como já vimos, esta exclusivamente relacionado a manutenção da vida.

Em *Além do Princípio do Prazer* esse “guardião da vida” é apresentado com uma nova função que, por sua vez, é complexa e até mesmo contraditória:

O princípio do prazer, então, é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível¹¹⁷

que do ponto de vista lógico é absurda. Porque num estado de ausência de tensão esta surgiria para depois ser suprimida? Eis aí a presença de uma “ontologia discreta” em Freud?

¹¹⁷ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII, p. 83

Eis aqui o “paradoxo do princípio do prazer”; por um lado ele garante a vida na medida em que reconduz o sistema psíquico ao seu estado ideal de funcionamento. Por outro, ele está sujeito a essa tendência mais radical do escoamento total das tensões identificando prazer extremo a nível zero de tensão estado esse que só pode ser alcançado com o aniquilamento da vida – do ponto de vista biológico – e aniquilamento do desejo – do ponto de vista psíquico.

Esse “paradoxo” só pode ser compreendido quando relacionamos as teses de 1920 às teses do *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Neste último, outro princípio, o de inércia neuronal, é pensado como tendência a redução completa do nível de excitação. Ele não tem absolutamente nada a ver com a manutenção da vida, antes disso, é um princípio, como diz Monzani *de antívida e sua realização completa, plena e integral, desemboca na morte*¹¹⁸.

Entretanto, Freud nos chama a atenção para um fato importante; o organismo recebe estímulos internos que precisam ser descarregados – fome, pulsão sexual – mas que, ao contrário dos externos, não podem ser descarregados com a mesma facilidade. Nesse sentido, quem coloca impedimentos para a extinção completa do nível de tensão são os estímulos internos. Seja como for a idéia de constância esta posta e indica algo bem diferente de inércia

*É patente que a instauração da primeira (constância) significa claramente uma solução intermediária, já que, dada a impossibilidade de realização da segunda (inércia), articula-se uma situação onde o “mais baixo nível possível”, persistindo, portanto, a presença e ação do ideal de inércia. A constância, desse modo, não aparece como pura negação do princípio de inércia, mas como uma solução ou formação de compromisso*¹¹⁹.

¹¹⁸ L.R. MONZANI. *Freud: O movimento de um Pensamento*. 1989. p. 203.

¹¹⁹ *Idem*. p. 204.

Noutro aspecto, a instauração da constância (e da função secundária) implica a manutenção de certo nível de tensão, uma estocagem de energia, uma bandagem dessa última que assim passa de uma forma livre a uma forma quiescente. A fonte dessa energia armazenada provém principalmente dos estímulos endógenos que incidem diretamente no sistema psíquico, uma vez que não há nenhum escudo protetor interno que amortença e fracione esses estímulos. Essa energia armazenada passa a existir de forma interligada constituindo uma organização de nível energético superior ao que a rodeia. A característica deste campo é ser um sistema catexizado onde a energia circula livremente. A esse sistema Freud chamou de “ego”. A função básica deste complexo organizado que se mantém coeso pela vinculação de sua energia e impedir o afluxo frenético criando desta maneira processos mais ‘sofisticados’ de controle e descarga de energia.

Aqui o problema da continuidade ou da ruptura apresentado ao longo deste trabalho se desfaz, pois a função de “inibição” atribuída ao “ego” já constava nas páginas do *Projeto*. Este nos apresenta uma sucessão de detalhes que se referem ao mesmo fenômeno. Imaginemos dois vetores que se cruzam: o primeiro deles é a tendência à inércia e o segundo o impacto dos estímulos endógenos. O resultado é a necessidade de uma solução de compromisso, onde o aparelho é obrigado a conservar um nível mínimo de energia. Num segundo momento, porém, esse procedimento se torna o embrião de uma organização coerente e catexizada, estreitamente ligada e vinculada. Num terceiro momento, o desenvolvimento dessa estrutura produzirá efeitos de ligação e vinculação cada vez maiores dos processos primários pelos processos secundários.

É impossível não reconhecer as semelhanças entre a seqüência de idéias expostas no *Projeto* a partir do parágrafo 11 e as idéias contidas em *Além do Princípio*

do Prazer. Neste último, embora os fatos considerados não sejam os mesmos, o resultado no plano das teses teóricas e o encadeamento de pensamento no nível dessas mesmas teses é estreitamente similar. Para ser mais direto, tudo indica que o arcabouço das teses é praticamente o mesmo e o que difere são a linguagem utilizada e a técnica de abordagem.

A esta altura, uma constatação que se impõe é que o que Freud chama de Princípio de Nirvana em *Além do Princípio do Prazer*, pode ser diretamente relacionado com a tendência a zero expressa no *Projeto*. Se a noção de prazer for entendida como Freud propôs – o prazer diretamente ou indiretamente a serviço da regulação inercial – ficaremos livres de uma concepção positiva de prazer e poderemos relacioná-lo (como Freud o fez), sem muitos problemas teóricos, à morte.

Contudo, para avaliarmos melhor essa orientação mortífera do prazer faz-se necessária uma distinção entre o próprio prazer e o que Freud denominou princípio do prazer. O prazer como tal é, desde o *Projeto...*, a orientação do aparelho psíquico para descarregar a excitação e é esta tendência à descarga que provoca o desprazer. No capítulo VII de *Além do Princípio do Prazer*, Freud procurando estabelecer com maior clareza a relação entre a repetição e o princípio do prazer, levanta a questão de saber se os sentimentos de prazer e desprazer são também produzidos nos processos primários. A resposta é tácita: não só ambos os sentimentos tem lugar no domínio dos processos primários, como também são muito mais intensos nesse estado. Aqui, nesse domínio original, onde o aparelho não conta ainda com um princípio regulador, estamos frente a uma região tempestuosa, na qual os momentos de excitação interna e externa atingem continuamente o aparelho anímico, provocando agudas sensações de desprazer, mas onde também, por conta da não vinculação da energia, as descargas são proporcionalmente intensas e o prazer atinge seu máximo de plenitude.

É exatamente aqui, nesse máximo de prazer que podemos perceber com certa clareza que esse prazer tem essencialmente a tendência a extinguir totalmente o estado de excitação e se não o faz por completo, a razão é que outra atividade, a de ligação, funciona paralelamente.

É através desta moderação progressiva que a tendência (prazer-desprazer) adquire o estatuto de um princípio dominante e o resultado deste processo complexo é que a instauração do princípio do prazer tem como condição o abrandamento progressivo do prazer, ou melhor, dizendo, do seu caráter mortífero.

A partir desta última síntese, porem, duas leituras serão possíveis, porque duas orientações estão presentes na tentativa de decifração do significado deste princípio. Boa parte da ambigüidade presente em 1920 e ao longo das investigações metapsicológicas decorre dessa dupla orientação: a) supondo-se todo o trabalho da *Bindung* já realizado em larga escala e a instauração do domínio do princípio do prazer, a ação deste, como prazer moderado, revela sempre a tarefa de eliminar excessos de tensão e a instauração de um estado, não de evacuação completa, mas relativa, onde o princípio de constância impera inegavelmente; b) se acompanharmos esse vetor do prazer até a última instância, um significado mais profundo emerge: a de uma função mais radical, o zero, a inércia, a evacuação total.

Daí em diante duas possibilidades se apresentam: 1º tomar a ambigüidade como uma dificuldade que impede a leitura de *Além...* e a partir disto passar a fornecer adjetivos depreciativos ao texto; 2º manter essa dualidade através da distinção entre tendência e função, *colocando que o princípio do prazer é uma tendência que opera a serviço de uma função de evacuação completa ou parcial da excitação.*¹²⁰ O que importa é que em ambos os casos essa função está, sem dúvida, *relacionada com o*

¹²⁰ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 83.

*esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo orgânico.*¹²¹ E assim não resta outra saída senão reconhecer que o *princípio do prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte.*¹²²

¹²¹ Idem. Ibidem.

¹²² Idem. p. 85.

IV. CONCLUSÃO

Ora, o que podemos extrair do texto de 1920? Numa ordem de prioridades a primeira coisa seria tomar a noção de prazer em Freud em sua negatividade. Ao contrario de hedonista, Freud seria um ‘pessimista’ convicto, mas esta é outra coisa que podemos extrair de *Além do Princípio do Prazer*: o pessimismo em Freud não é uma exclusividade dos anos 20. Se nos livrarmos de uma ontologia da positividade, tão cara aos cristãos e seus sucessores diretos os humanistas, veremos que o prazer em Freud é a própria forma da negatividade. E essa convicção não é esporádica nem muito menos isolada é, ao contrario, uma tese constante – nosso aparelho psíquico e nervoso tem como tendência fundamental, básica e primaria a evacuação total das tensões – eis o que liga 1920 a 1895. Essa atração mortífera esta reconhecida desde os primeiros textos de Freud.

Essa finalidade destrutiva, que esta na raiz do texto freudiano, faz claramente com que o regime do desejo, no psiquismo, esteja submetido a essa lógica implacável. O circuito do desejo conduz sempre na direção de uma calma.

Via de regra o que ele visa é o restabelecimento do estado de quietude e total passividade, interrompidos por excessos perturbadores e criadores de tensão que periodicamente abalam a paz da ausência de excitação. Dito de uma forma mais simples: a vida em si é um incômodo. Todo desejo leva, inexoravelmente a este estado de não excitação denominado por Freud de satisfação. A satisfação de um desejo é o fechamento de um circuito que compõe o esquema que se encerra na definição de Pulsão de Morte.

Ao invés de ser identificada ao princípio do prazer (com certa frequência inclusive) a Pulsão de Morte deve ser entendida como o resultado do cumprimento de

um circuito: Necessidade (estímulos interno e externo) ----- Satisfação (zero de estimulação) e o que chamamos de vida e atribuímos toda uma carga imaginária não passa de um breve intervalo entre um ponto e o outro.

Ora, admitir que a satisfação corresponda à morte do desejo e, portanto à extinção é algo que a cultura ocidental não parece muito disposta a fazer. Daí talvez a razão de Freud, para nomear esta condição fundamental, tenha escolhido um termo próprio da psicologia hindu (princípio de nirvana) emprestando- o de Bárbara Low¹²³ que por sua vez levou ao conhecimento de Freud alguns escritos do famoso orientalista Roman Rolan.

Contudo, essa correspondência deve ser trabalhada com bastante cutela. A passagem do conceito de inércia ao conceito de pulsão de morte se operada rapidamente mais atrapalha do que ajuda. A rigor, nem a inércia, nem o prazer, nem o desejo constituem a pulsão de morte, mas são apenas expressões dela e, não há nada em *Além do Princípio do Prazer* que sustente esta equivalência. Aqui nossa direção é muito mais a de autores como Jean Laplanche do que de autores como Wollheim¹²⁴ que defendem a tese de que Freud tenha passado de um princípio regulador ao estabelecimento de uma característica pulsional (compulsão à repetição) e desta à pulsão de morte.

Laplanche¹²⁵ ao examinar a problemática da Pulsão de Morte desembocou exatamente na distinção entre princípio e pulsão. A razão básica parece estar no fato de que essa aliança de termos “pulsão de morte” parece abertamente contraditória. Como um termo até então associado à vida, à auto-conservação aparece agora associado ao seu extremo? O que podemos saber das pulsões esta nas suas representações. Qual a representação desta pulsão? Qual a fonte e o objeto desta pulsão?

¹²³ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 76

¹²⁴ WOLLHEIM, R. *Freud*, 1977, pp. 184-92.

¹²⁵ LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. 1998. p 246.

Isso implica pensar que, o termo “pulsão” aplicado a expressão pulsão de morte parece não fazer o mesmo sentido que o termo aplicado à expressão pulsão sexual. Na primeira noção esta explícita uma radicalidade que a coloca fora do esquema de funcionamento psíquico, ou seja, fora dos processos conscientes e inconscientes. O que essas instâncias percebem são os efeitos desta força cega, uma espécie de força bruta mecânica que apresenta por meio de seus derivados. Isso provavelmente justificaria a opção de alguns autores por ‘instinto de morte’ em detrimento de ‘pulsão’ de morte. É, nessa mesma linha de raciocínio, vê-se justificada também a opção de Laplanche que fala em termos de um princípio de morte¹²⁶.

Essa linha de pensamento nos conduz à conclusão de que a Pulsão de Morte não faz parte da vida psíquica. Entretanto, essa hipótese levanta um conjunto de questionamentos que não temos condições de sustentar neste momento. Por hora serve dizer que para nós a Pulsão de Morte reafirma o interesse da psicanálise pelo corpo puro, sem o atravessamento da linguagem, da cultura. E embora a Psicanálise verse sobre outro corpo (erógeno), é fundamentalmente sobre a matéria que ela se apóia. Daí dizer que a Psicanálise é uma biologia sofisticada, ou que Freud cedeu a especulações metafísicas não nos parece resolver o problema.

Se não resolvemos o problema, cabe ao menos colocá-lo bem e isso depende intimamente da adoção da hipótese de que a noção pulsão de morte (ou instinto de morte) expressa em *Além do Princípio do Prazer* não é um elemento novo e muito menos, marca um corte na seqüência do pensamento freudiano. A tendência que Freud parece querer sugerir com esta nova noção faz parte de um ordenamento teórico que atravessa toda sua obra e, além disso, serve de base para uma série de formulações muito caras à psicanálise: narcisismo, recalque. Consequentemente, longe de trazer uma

¹²⁶ Idem, p 246.

invenção *ex nihilo* o texto de 1920, apenas confere cidadania explícita a algo que sempre esteve presente.

No entanto, adotar a tese de uma continuidade não seria o mesmo que admitir que nada mudou no trabalho de Freud e tão pouco que este foi marcado por uma sobreposição contínua e simétrica de hipóteses. Já dissemos em outro momento que a característica que mais nos chama a atenção no pensamento freudiano é o seu comportamento ‘histriônico’ sua capacidade de ir vir sem a necessidade de deixar pronto. Dialética sem síntese seria uma definição mais apropriada e adotar a tese da continuidade sem considerar este elemento seria tão ingênuo quanto adotar simplesmente a tese da ruptura.

Se não foi simples continuidade, que elementos novos poderiam ser associados a este trabalho contínuo de amadurecimento de uma tendência radical à ausência de excitação?

Quando a potência de morte é reconhecida explicitamente outro pólo essencial ganha destaque: a vida. A junção das pulsões sexuais e das pulsões de autoconservação serão as responsáveis pela perturbação da ordem gélida que a pulsão de morte pretende representar. As tensões provocadas pela vida são exatamente o que a pulsão de morte visa anular. A vida psíquica só será possível se um mínimo de tensão (energia ligada) for mantida. Retroativamente, pode-se ler a exigência expressa na atividade da *Bindung* (ligar energia em estado livre) como obra das pulsões de vida. E, ainda mais, a cultura e a civilização são também conseqüências desta incessante vinculação de catexias livres e nas quais as organizações ultrapassam o indivíduo. Não deve ser por acaso que os textos ‘antropológicos’ de Freud vêm na seqüência destas proposições.

Da mesma forma pode se dizer que a soberania do princípio do prazer é já o resultado “combinação”, de uma fusão pulsional entre os gigantes mitológicos

escolhidos por Freud para representar o segundo dualismo. Eis porque podemos reafirmar que o princípio do prazer expressa simultaneamente as exigências de Eros e Tanatos; ele é o resultado de uma fusão pulsional que atua como uma solução de compromisso em que ambas as exigências de ambos são atendidas, mas não completamente. De relance, a adoção desta hipótese indica a predisposição de Freud em assumir idéias aparentemente contrárias compondo uma mesma hipótese de trabalho. Para Freud, o princípio do prazer é um escravo que serve a dois senhores sem nenhum escrúpulo maniqueísta.

A sexualidade é outro ponto que sofre um remanejamento nesse quadro. Deixa de ser uma pulsão que almeja apenas a satisfação através de um objeto, e passa a somar as funções de Eros dentre elas a necessidade de reproduzir aquilo que miticamente expressava Platão através do discurso de Aristófanes: a aspiração a uma união original e perdida.¹²⁷

Esses exemplos são suficientes para indicar que a dualidade pulsional que encontra cidadania em *Além do Princípio do Prazer* implicou, sem dúvida, uma série de mudanças no interior da rede teórica do freudismo, sem que, no entanto, configurar uma ruptura radical. Que tipo de mudanças? Por exemplo, fazer com que uma exigência implícita se tornasse explícita e essa foi a operação catalisadora de todas as outras. Sobre o fato de não haver sentido prático para o trabalho do psicanalista cabe também uma revisão. A Pulsão de Morte tendo sido nomeada possibilitou a estruturação teórica da dualidade pulsional de tal maneira que o seu primeiro efeito visível foi um rearranjo onde, por condensação e deslocamento, certos conceitos se aproximaram para formar uma unidade – pulsões sexuais e do ego – que se oporia às pulsões de morte.

¹²⁷ S. FREUD. *Além do Princípio do Prazer*, XVIII. p. 78

Houve também a ampliação de certos conceitos de tal forma que eles acabaram por englobar determinadas características que até então estavam distribuídas em outras regiões. Aqui, essa reordenação, do ponto de vista formal, assemelha-se bastante com a que sofreu o conceito de sedução; a sexualidade não deixa de ser o que era antes, mas passa a conter em si uma gama de atributos mais ampla.

Em resumo, o que esse dualismo reafirma é uma tendência geral do trabalho freudiano de, por meio da experiência clínica e do refinamento conceitual, provocar ajustes necessários para comportar as novas descobertas, as explicações de certos pressupostos básicos que estiveram norteando, desde o início, as operações conceituais, e a conseqüente redistribuição do papel e da função dos conceitos em jogo. Foi preciso abandonar o par ruptura/continuidade para acompanhar um movimento de pensamentos que se estrutura lentamente frente a seus próprios postulados e teses, e que, ao longo do tempo, vai tendendo a um ajuste cada vez mais afinado, respeitando sempre os dados novos que a experiência clínica fornece. A chamada “reviravolta dos anos 20” não é de, forma alguma a introdução de conceitos novos e estranhos à rede conceitual da Psicanálise e nem uma pura repetição. É uma rearticulação dos conceitos em função de algumas descobertas clínicas e da emergência explícita de um pressuposto fundamental que até então se mantinha as margens do conjunto teórico.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

V.I - OBRAS DE FREUD:

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica, (1950[1895]). In: _____. Publicações Pré Psicanalítica e Esboços Inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 335-469: (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a Histeria*. (1893-1995). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa, 1894. In: _____. *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1893-99. p. 51-72 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa, 1896. In: _____. *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1893-99. p. 159-183 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. *Interpretação dos sonhos*. (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 5).

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: _____. *Um Caso de Histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 119-209. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão, 1910. In: _____. *Cinco Lições de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 217-242. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), 1914. In: _____. *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 161-163. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, 1912. In: _____. *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 233-244. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise, 1912. In: _____. *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 275-285. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, 1914. In: _____. *A História do movimento Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 75. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas Vicissitudes, 1915. In: _____. *A História do movimento Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 117-123. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Repressão, 1915. In: _____. *A História do movimento Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 147-151. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. O Inconsciente, 1915. In: _____. *A História do movimento Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 165-217. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer, 1920. In: _____. *Além do Princípio do Prazer: Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.17-75: (Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,18).

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In: _____. *Além do Princípio do Prazer: Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.77-154: (Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,18).

FREUD, Sigmund. O ego e o id, 1923. In: _____. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 25-77 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo, 1924. In: _____. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 175-188 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Conferência XXXII: Ansiedade e vida Instintual. (1933[1932]) In: _____. *Novas Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 85-112 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

V.II - OUTROS AUTORES:

ANDRADE, R.S. *A Face noturna do pensamento Freudiano. Freud e o romantismo alemão*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2001.

ASSOUN, P. L. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Introdução a Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *Freud, a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *Metapsicologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

BECHERIE, P. *Genesis de los Conceptos Freudianos*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

CACCIOLA, M. *A Vontade e a Pulsão em Schopenhauer*. In: MOURA Arthur Hippolyto (org). *As Pulsões*. São Paulo: Escuta/Educ, 1995.

CAZETO, Sidnei José. *A Constituição do Inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX*. São Paulo, Escuta/Fapesp. 2001.

GARCIA-ROZA, L.A. *Acaso e Repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das Pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 7ªed. 2003.

_____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.p.69-195.

_____. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 18ª ed. 2003.

_____. *O Mal Radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 4ªed. 1999.

GELLNER, E. *O Movimento Psicanalítico ou os ardís da não-razão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOETHE, J. WOLFGANG VON. *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

¹ GRUBRICH-SIMITIS, I. *De volta aos textos de Freud*. Rio de Janeiro, ed. Imago. s/d, p.191.

_____. *Neuroses de Transferência: Uma síntese*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

HANNS, L.A. *Dicionário comentado do Alemão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LANGE, Friedrich Albert. *Historie du matérialisme et critique de son importance a notre époque. Tome II: Historie du materialisme depuis Kant*. Paris, Schleicher Frères, 1911.

LAPLANCHE, J. *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988. In, Cadernos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro: semana Jean Laplanche, n 1, agosto de 1993, p. 36.

_____. *Problemáticas I: A Angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p.106-130.

_____. *Vocabulário da Psicanálise*. (Laplanche e Pontalis): Martins Fontes, 2001.

J.LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

LOUREIRO, Inês R. Bianca. *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo, Escuta/Fapesp, 2002.

NIETZSCHE, F. *Breviário de Citações [Fragmentos e Aforismos] Seleção e Tradução de Duda Machado*, São Paulo. Ed. Princípio. 1996.

MONZANI, L.R. *Freud: O movimento de um Pensamento*. Campinas: Unicamp, 2ªed. 1989.

RIBEIRO DA SILVA, A.F. *A Metapsicologia de Freud*. Belo Horizonte: Passos, 1995.

ROBERT, M. *A revolução psicanalítica*. Lisboa, Moraes, 1968.

ROCHA, Z. *Freud e a Filosofia Alemã na Segunda Metade do Século XIX*. Síntese – Revista de Filosofia, v. 31 n. 99 (2004): 45-64.

SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 175-283.

WILLIAM R. CLARK. *Sexo e as origens da morte*. Rio de Janeiro: Record. 2006.